

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

# ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

8.ª SÉRIE DAS PUBLICAÇÕES

VOLUME II



LISBOA  MCMXLVI

# Arqueologia e História

PUBLICAÇÕES PERIODICAS  
DA  
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

1.ª Série

*Arquivo de Architectura Civil — Jornal dos Architectos Portuguezes e Archeologos*, 10 fascículos (1865)\*.

2.ª Série

*Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, volume I (1876)\*, II (1880)\*, III (1882)\*, IV (1886)\*, V (1888)\* e VI (1890)\*.

3.ª Série

*Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, volume VII (1893)\* e VIII (1900)\*.

4.ª Série

*Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, volume IX (1901), X (1904) e XI (1907).

5.ª Série

*Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, volume XII (1900) e XIII (1913)\*.

6.ª Série

*Arqueologia e História*, volumes I (1922)\*, II (1923)\*, III (1924), IV (1925), V (1926), VI (1928), VII (1929), VIII (1930), IX (1930) e X (1932).

7.ª Série

*Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, volumes I (1934)\*, II (1936), III (1937), IV (1938), V (1941), VI (1942) e VII (1943).

8.ª Série

*Arqueologia e História*, volume I (1945).

Os volumes marcados com \* estão esgotados.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

# ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

8.ª SÉRIE DAS PUBLICAÇÕES

VOLUME II



LISBOA ❀ MCMXLVI

BIBLIOTHECA  
DA  
ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUESES  
Edifício Histórico do Carmo



Publicação subsidiada pelo Ministério  
da Educação Nacional

## TÁBUA DAS MATÉRIAS

	Pág.
Um Militar Mação ao Serviço de Portugal no Século XVIII — <i>Durval Pires de Lima</i> . . . . .	11
Um Documento Português Sobre a «Jornada de Inglaterra» pre- cedido de algumas considerações — <i>Durval Pires de Lima</i> .	55

Um Militar Mação ao Serviço de Portugal  
no Século XVIII

por Durval Pires de Lima

## Um Militar Mação ao Serviço de Portugal no Século XVIII

○ dia 11 de Outubro de 1778 caíu a um domingo. Reinava em Portugal a Sr.<sup>a</sup> D. Maria I e presidia ao Conselho Geral do Santo Ofício, na qualidade de inquisidor-geral, o alcunhado *Cardeal Otomano*, D. João Cosme da Cunha, arcebispo de Évora, regedor da Casa da Suplicação e conselheiro de Estado, elevado ao cardinalato e ao supremo ministério da Inquisição em 1771, por Clemente XIV. Fora cônego regrante de S.<sup>to</sup> Agostinho com o nome de D. João de Nossa Senhora da Porta (donde proviera a alcunha) e bispo de Leiria. (1)

Ora nesse dia — conforme reza a *Gazeta* de 13 — celebrou-se na sala grande do Paço da Inquisição, ao Rossio, um auto de fé público em que foram condenados a várias penas dez réus, quase todos militares de profissão. Abjuraram «em forma», de heresia, e seguiram os seus destinos, depois de terem ouvido o P.<sup>e</sup> M.<sup>e</sup> Fr.

---

(1) Este Inquisidor Geral tem o seu nome ligado à toponímia lisboeta: a *Rua do Jardim do Regedor*, jardim que ficava da banda do sul desta serventia e por detrás dos Paços da Inquisição, onde hoje se levantam os grandes prédios do antigo Hotel de Inglaterra, da sede do Sport Lisboa e Benfica, etc., e que perdurou, pelo menos, até 1836; *Jardim do Regedor*, porque o cardeal da Cunha era regedor da Casa da Suplicação. Foi o que me ensinou Pastor de Macedo, de cujo trabalho, *Lisboa de lés a lés*, vol. III, pp. 212 a 215, transcrevo o

Vicente Ferrer da Rocha pregar com a propósito um sermão. Este dominico, nomeado nesse dia deputado do Santo Officio, foi mais tarde bispo de Castelo Branco.

Existe, e Camilo publicou-a nas *Noites de Insónia*, uma notícia da piedosa e expurgatória função. O escritor Aquilino Ribeiro considera-a apócrifa, quer por certas inexactidões de pormenor quer ainda pela pintura que o pseudo assistente faz da cerimónia, que teria provocado na assistência gaudio de tomo. Verdadeira ou forjada não me abstenho de a reproduzir. (2).

«Meu pai tinha grangeado, não sei como, a amizade, e era muito da obrigação desse cardeal inquisidor geral, que na vespera do auto da fé, em que sahio José Anastacio com os outros seus companheiros, veio a nossa casa e recommendou a meu pai, que ao outro dia, *para boa doutrina e exemplo*, mandasse seu filho assestir a esse acto de religião: «*venha o rapaz (disse o tonto); venha cedo que almoçará commigo, e depois tambem lhe darei de jantar*». Assim m'o encomendou o meu velho, quando n'esse dia me recolhia a casa, e não tive eu mais remedio senão apresentar-me ao outro dia na casa triste, aonde cheguei a tempo de ver levantar-se da cama o alarve do inquisidor, que enceroulou os seus calções largos, e esfregando os olhos, bocejando, e fazendo cruces na bocca, me levou para a mesa do almoço, que nos

---

seguinte passo, de Ferraz Gramosa: «O seu tratamento pessoal (do Prelado-Regedor) correspondia à proeminência dos lugares, que occupava; principalmente depois que veio no anno de 1771 occupar o palácio da Inquisição Geral na praça do Roçio, cujas salas preparou com grandeza, e com armaçoens de exquisito, e singular gosto. Em as Quintas feiras dava partida á corte, e ao corpo diplomatico apparecendo todas as salas com grande iluminação, que fazia realçar a delicadeza das armaçoens: apparecia hum refresco precioso de doces delicados, e de finas bebidas servido por pagens, muitos dos quais erão condecorados com a ordem de Chrito; confessavão os Ministros Estrangeiros que em toda a Europa não havia outra partida que competisse com ela.» *O Largo do Regedor* é outro topónimo com a mesma origem. Sobre o mesmo prelado leiam-se as páginas de Ferreira de Andrade em *A Freguesia de S. Cristóvão*, vol. II, p. 89-91 e de Pastor de Macedo, notas à *Ribeira de Lisboa*, 2.<sup>a</sup> ed., vol. I, p. 270-271.

(2) *Noites de insomnia*, vol. IV, p. 178-181, (2.<sup>a</sup> ed.) e Aquilino Ribeiro, *Anastácio da Cunha, o lente penitenciado*, Lisboa, 1938.



foi servido de café com leite e as torradas competentes. D'ahi abalamos para a capella da inquisição, aonde foi a minha boa fortuna o ficar assentado junto a um frade de S. Domingos, homem com menos de meia idade, mas de juizo inteiro, segundo o mostrou no discreto e gracioso motejo, que fez de quanto se passou n'aquella santa e religiosa feira da lavra.

«Tivemos missa inteira, e depois tivemos sermão, que bem fôra o ter sido partido por todos os dias do anno, por o muito que nos enfadou com um sem numero de sandices o prégador. Quando as este vasava do sagrado almofariz, não escapavam ellas ao meu visinho, que para mim se voltava, dizendo admirado: *«arre, e como é eloquente o pregador!»* E, tambem, quando ao lêr da sentença, os réos, seguindo o chavão e formulario do santo officio, foram alcunhados de deistas,, atheistas, herejes, scismaticos, etc., o bom do meu visinho, pondo os olhos no céu com grande compunção, dizia: *«Jesus Maria! Que gente tão ruim!... Atheistas e deistas ao mesmo tempo! E ainda com mais o trambolho de herejes e scismaticos!... Valha-nos Deus com tantos peccados!»*

«Todavia, a gravidade e recolhimento discreto desamparou a esse bom frade, assim como a maior parte da companhia, quando se leu a sentença, havendo por intervallos uma assuada geral de gargalhadas, rompida pelos fidalgos, que assistiam de familiares. Quem não havia de rir? Entre os cargos, que se faziam aos réos, entrava o de que nos dias d'abstinencia deitavam postas de vacca em baldes d'agua, d'onde tiravam a carne com um gancho, e a chamavam *pescada*, que mandavam guisar para o jantar! Entre os mais graves capitulos era o que se fazia ao réo João Manoel d'Abreu, o qual, perguntado — qual tinha por mais violento, o fogo do inferno ou o do purgatório? Respondeu: *«O do purgatório»*. E instado por a razão de o julgar assim, tornou a responder: *«porque o do purgatório, alem de queimar as almas, tem a força de aqueitar as panellas de tantos mil frades e clerigos, que d'ahi vivem»*. Sonora gargalhada, que retumbou por toda a capella, com grande escandalo dos *padres tristes*.

«José Anastacio, com todos os mais penitenciados, tinham velas de cêra amarella nas mãos; estavam todos com o semblante carregado e melancolico, senão o major de artilheria de Valença, que se estava

sorrindo; e, acontecendo pôr os olhos nos d'um conhecido seu, logo lhe fez uma cortezia com o brandão de cêra, por o modo, que o faria com a espada, se estivesse mandando uma parada.

«Emfim, acabou-se a farça; sahiram d'ahi os penitenciados para os lugares de suas reclusões e nós para o abundante jantar, que nos deu o cardeal. Quando assentados á mesa, voltou-se elle para mim, e começou a me admoestar por esta maneira: *«Então, snr. V. ... viu vm<sup>oe</sup> a piedade e misericordia da santa inquisição? Veja como deu castigo brando a tamanhas culpas! Porém, isso foi por a primeira vez; que se tornarem a delinquir, não hão-de ficar assim»*. A isto respondi eu — que me parecia deviam os penitenciados ser mais d'uma vez perdoados; porque perguntando Pedro a seu divino Mestre, quantas vezes se havia perdoar ao peccador; se deveria ser até sete vezes, Christo respondera: *não só sete vezes, mas sete vezes setenta; pelo que (continuei eu) multiplique v. ex.<sup>a</sup> sete por setenta, ou 70 por 7, e achará a conta de 490 vezes, que se deve perdoar ao peccador, e d'ahi se a inquisição quizer seguir a doutrina da Escriitura, ainda aos que foram agora penitenciados se deve 489 vezes o perdão*. A este tempo estava um dominicano, frei José da Rocha, grande valido do cardeal, por traz d'elle, fazendo-me signaes para que não continuasse o discurso; e para esse frade, como para arbitro e qualificador, se voltou o cardeal: *Hui! oh frei José! Aquillo que diz este rapaz vem lá na Escriitura?* Depois d'algum empacho, respondeu o frade: *Isso lá vem por algum modo, como v. ex.<sup>a</sup> sabe melhor do que eu; mas, para que é agora acarretar a Escriitura para o jantar? O que se agora ha mister é refeição corporal e não espiritual*. Ficou com a decisão um pouco turvado o cardeal, mas logo, dando maior pinote, poz termo á questão dizendo: *Pois se isso vem lá na Escriitura, nós cá é outra coisa*. E como isto disse foi entrando pela sopa».

A forma chocarreira da relação, o sarcasmo de certas expressões e sobretudo o estilo, levam-me também a admitir que a notícia da testemunha presencial não passa duma fraude literária. Contudo, creio não se ter perdido muito reproduzindo-a do novo.

Antes de continuar, deixando-a de vez, devo esclarecer dois passos: o pregador Fr. Vicente Ferrer era reputado pessoa de certo engenho e não passou anónimo pela prelacia de Castelo Branco. Os



ditos do desembaraçado assistente parecem-me exagerados. O mesmo não direi quanto ao *Cardeal Otomano*, tido e havido por varão de poucas letras.

Uma opinião se pode formular desde já quanto ao desenlace do processo: as penas a que se condenaram os 10 penitenciados do auto de fé de 11 de Outubro abonam em favor do tribunal. Porque a administração pombalina lhe impusera mansidão, porque o espírito do século, eivado de iluminismo, racionalismo e voltairianismo impedia a repetição de passados rigores? Ou, enfim, porque os homens que o dirigiam eram mais complacentes? Inclino-me para esta última hipótese, e isto trabalha grandemente em seu favor se recordarmos que mais ou menos pela mesma época e por crimes que se aproximavam dos imputados aos réus desse dia, a justiça secular de Abbeville condenara à fogueira o senhor de La Barre, e em 1782 o Parlamento de Paris queimaria públicamente uma rapariga pelo crime de bruxaria. Não contrario o vexame imposto aos condenados, nem o suplício moral, o que verifico é já a atitude de brandura para com réus que aos olhos do tribunal haviam pecado gravemente uma e muitas vezes. E daqui, creio, não poderá sair quem encarar o episódio segundo a ética religiosa do tempo.

Entre os penitenciados havia um que não era qualquer, o célebre Dr. Anastácio da Cunha, cuja biografia e trabalhos relataram o Dr. António Baião e Aquilino Ribeiro <sup>(3)</sup>. Os outros são personagens de menor tomo, embora um deles bem mereça algumas páginas e minutos de atenção.

Da lista dos réus constam muitos militares (José Anastácio também o era) e um civil, natural de Valença do Minho, estudante do 5.º ano de Cânones e chamado José Maria Teixeira. Saíu condenado por blasfemo e dogmatista, e sobre ele recaíram com maior intolerância as iras dos venerandos inquisidores — açoites, reclusão por três anos no convento da Congregação das Missões e cinco anos de galés.

Os oito restantes mencionam-se de seguida: José de Sousa, artífice de artilharia, natural de Guimarães; José Manuel de Abreu, sol-

---

<sup>(3)</sup> *Episódios dramáticos da Inquisição portuguesa*, vol. II, p. 82-100 e Aquilino Ribeiro, *ob. cit.*

dado, natural do Porto; Manuel do Espírito Santo Limpo, cabo de esquadra, natural de Valença do Minho; Henrique Leitão de Sousa, cadete, natural de Penamacor; José Barreto Valente, cadete, também de Valença; José Leandro Miliani da Cruz, tenente do regimento de artilharia do Porto aquartelado em Valença, nascido em Lisboa; e agora dois estrangeiros — o cirurgião-mor Aleixo Bachi, natural de Juliers, e o sargento-mor Miguel Kinselach, bruxelês.

As razões de queixa contra todos eles em pouco variavam: mais ou menos agnósticos se não mesmo ateus, duvidavam dos dogmas, descreiam das Escrituras e das penas infernais e troçavam dos santos. As culpas assacadas ao francês eram ainda mais graves, pois que ao naturalismo e libertinismo se juntavam irreverências grosseiras: lia versos profanos durante a *Elevação* e utilizava os registos de santos e folhinhas piedosas com certas necessidades diárias e sujas. Miguel Kinselach era também um pecador de marca; eclético em matéria religiosa se bem que desse a primazia ao credo luterano, punha em dúvida a doutrina das sanções e considerava nocivo o Tribunal do Santo Ofício, culpas estas afinal não provadas. Confessava-se maçã, embora houvesse negado que aliciara parentes e amigos. Eis, em resumo, o ramalhete de penitenciados de 11 de Outubro. Mas quem nos interessa é o militar belga, deixemos os demais.

Kinselach fôra acusado de dois crimes graves e por um deles condenado. O de heresia, que aparece na sentença e afinal se não provava, era velha falta que a Inquisição perseguia desde o primeiro momento da sua introdução em Portugal; o segundo preocupava o Santo Ofício havia menos anos. Não fazia mais que seguir à risca as decisões da Cúria. Clemente XII pela constituição de 28 de Abril de 1738, *In Eminenti apostulatus specula*, condenara expressivamente os franco-mações ou «liberi-muratori» e ordenara à Inquisição a sua vigilância e extermínio; Bento XIV pela constituição *Providus Romanorum Pontificum*, de 18 de Maio de 1751, repetira a cominatória anterior. Estava por conseguinte no seu papel aquele tribunal (4).

---

(4) Os mesmas disposições haviam de ser mais tarde recordadas por Pio VII (breve de 13 de Setembro de 1821), Leão XII (bula de 13 de Março de 1826), Pio VIII, Gregório XVI, Pio IX e particularmente Leão XIII, na



Soriano, fundando-se na correspondência de Manique (embora desconfiasse de uma mais remota intromissão dos pedreiros-livres em Portugal) tinha por assente, em certa altura, que essa sociedade secreta só tomara pé entre nós em 1788. Citava os *Annaes e Codigo dos pedreiros livres em Portugal*, que apontavam o ano de 1733, mas não lhes dava grande fé. Modificou todavia a sua opinião após uma notícia publicada por Martins de Carvalho, e o aparecimento (1873) do livro do P.<sup>e</sup> Gautrelet, traduzido pelo conde de Samodães, *A franc-maçonaria e a revolução*. Borges Grainha completou as notícias fornecidas por aquele ilustre escritor do *Conimbricense* e pelo autor francês (5).

A sociedade só entrou entre nós depois do estabelecimento da Grande Loja de Inglaterra (Fevereiro de 1717), nascida da dissidência dos maçons aceites e maçons antigos. Foram os primeiros, cismáticos, que a instituíram, assumindo papel capital os veneráveis Tomás Boswerell, Elias Ashmole, o marechal-general Roberto Moray e António Saver, que foi grão-mestre. Em 1723 era publicado o *Livro das Constituições* e quatro anos depois a sociedade aparecia na Espanha e em 1731 em Portugal, onde os anos do começo foram obscuros (6).

---

encíclica *Humanum Genus*. No dizer de um autor moderno, Gustavo Bord, em *La franc-maçonnerie en France*, «só o papado compreendeu perfeitamente o perigo».

(5) Luz Soriano, *História da guerra civil*, vol. I, p. 395-6 e III, 70 e segs.; F-X. Gautrelet, S. J. *A Franc-maçonaria e a Revolução*, em particular a introdução do conde de Samodães; Borges Grainha, *História da maçonaria em Portugal*, p. 12 e segs.; Paulo Siebertz, *A maçonaria na luta pelo poder*, particularmente os caps. VI e VII.

(6) A Grande Loja de Inglaterra nasceu do ágape maçónico de 24 de Junho de 1717 pela fusão das lojas cujos filiados se reuniam habitualmente em quatro casas de bebidas e cujas doutrinas ético-políticas criaram raízes na Grã-Bretanha com as teorias de Francisco Bacon (*Nova Atlantis*, 1627) e Roberto Fludd (*Philosophia mosaica*, in *Opera*, 1637), um pretenso sábio, adversário de Képler, Gassendi e Drebbel. O *Livro das Constituições* foi redigido pelo pastor huguenote João Teófilo Désaguliers (que emigrou para Inglaterra a seguir à revogação do Édito de Nantes) de colaboração com um pedreiro livre britânico Jaime Anderson. É designado habitualmente pelo *Anderson's Land Mark*. Désaguliers foi o segundo grão-mestre (1719). O *Land Mark* foi aceite de um modo geral por todas as seitas de maçons antigos (1691), embora se conservassem fora



Em 1737 foram denunciados à Inquisição de Lisboa pelos dominicanos do Corpo Santo vários pedreiros-livres — são ingleses e irlandeses. Em 43 aparecem novos arguidos, todos eles também estrangeiros. As notícias colhem-se do estudo de Pedro de Azevedo, *O primeiro casamento de Silvestre Pinheiro Ferreira*, da lista do auto de fé de 21 de Junho de 1744 e do livro atribuído a João Couston, saído em 1750, *Procedures curieuses de l'inquisition de Portugal contre les franc-maçons, pour decouvrir leur secret* (7).

Havia uma loja de que era venerável o Couston ou Coustos, protestante suíço e lapidário de ofício, da qual faziam parte outros dois lapidários, franceses, Alexandre Jacques Mouton e João Tomás Bruslé. A denúncia partira da esposa do joalheiro La Rude e por ela, ou pelas declarações dos presos, foi encarcerado outro francês, João Baptista Richard.

Desvendando apenas parte do segredo maçónico, o suíço afiançou que não recebera qualquer português, muito embora o senhor do Calhariz, D. Manuel de Sousa, capitão da guarda real, houvesse tentado por várias vezes ingressar na sociedade (8). Como estrangeiro não quisera violentar as determinações régias. Compareceu no auto de fé

---

de obediência da Grande Loja de Londres (Lojas escocesas, Grande Loja da Irlanda, Loja de York, etc.). Todavia, em 1737, obedeciam à loja central de Londres cento e quinze lojas em Inglaterra e fora da Inglaterra. Um dos irmãos mais categorizados era o próprio imperador da Alemanha, Francisco de Lorena, marido de Maria Teresa de Áustria.

Usando da Maçonaria como arma política, a Inglaterra promoveu a sua entrada em Espanha, fundando em 1727 as lojas de Gibraltar e Madrid. O governo castelhano bem depressa apreendeu o significado da seita que organizava na Península uma verdadeira e inconsciente quinta coluna maçónica e daí as proibições de 1740 e 1751. A situação modificou-se por completo com a subida ao trono de Carlos III (1759) filiado ou pelo menos governado por estadistas italianos ou italianizados, todos eles pedreiros livres. Destes devem ser nomeados em particular os condes de Aranda e de Florida-Blanca.

(7) *Archivo Historico Portuguez*, vol. VIII, p. 155.

(8) Cunhado de Manuel Teles da Silva, segundo filho do conde de Tarouca e companheiro do infante D. Manuel na sua fuga de Portugal, cunhado, repito, por haverem ambos casado com duas princesas de Holstein, que eram irmãs. Este D. Manuel de Sousa, como é sabido, é um antepassado dos Palmelas.

de Junho de 1744 e foi solto em Outubro do mesmo ano a pedido do embaixador britânico Compton e expulso de Portugal.

A propósito do Couston e mais parceiros, o anotador da lista do auto de fé que pertence ao tomo I da Inquisição de Lisboa, da Coleção Moreira, escreveu as seguintes anotações: «Esta foi a primeira vez q̃ em Portugal se castigou um patife Pedreiro livre» e «Neste Auto sahirão tres Pedreiros Livres estrangeiros Lapidarios, officio proprio da seita, q̃ se confunde com Larapios» (9).

Em 1762 e 63, por via de guerra com a Espanha, passaram a servir no exército português numerosos estrangeiros, uns vindos com os ingleses Tirawley e London e outros com o famoso conde de Lippe, com o duque de Brunswich e com o príncipe Henrique da Vestfália: britânicos, irlandeses, suíços, alemães, italianos, etc. Alguns aparecem mais ou menos envolvidos no processo de Kinselach (o *oficial misterioso*, de Aquilino Ribeiro, o *major de artilharia*, de Camilo), outros mencionam-se a título de curiosidade, mas todos eles oficiais do regimento de artilharia do Porto, aquartelado em Valença (10).

O primeiro a apontar é Diogo ou James Ferrier, escocês, natural da paróquia de S.<sup>to</sup> André, onde nasceu em 1734. Contratado para fazer serviço em Portugal (20 de Junho de 1762) é em 3 de Agosto promovido a capitão de infantaria com exercício de engenheiros, a sargento-mor a 9 de Março de 1763 e a tenente-coronel em 7 de Novembro. No dia 19 de Agosto de 1765 era colocado como governador militar de Valença e coronel do regimento de artilharia do Porto, sucedendo a Luís d'Arlincourt, nomeado tenente-coronel do regimento

---

(9) Biblioteca Nacional, cód. do Fundo geral n. 863, fls. 473 e 474 v.º.

(10) A carta credencial de apresentação de Lord Tirawley endereçada a el-rei D. José é datada do Paço de S. James, 23 de Fevereiro de 1762. London foi designado para o substituir passados quatro meses (carta de Jorge III para o soberano português, de 29 de Junho), sob pretexto de doença (cartas de Jorge III para o rei de Portugal, de 29 de Junho). Em 22 de Fevereiro de 1763 o rei da Grã-Bretanha comunicava ter findado a missão de London em virtude da assinatura da paz (Tratado de Paris) (Torre do Tombo, Casa dos Tratados, *Correspondência dos Soberanos de Inglaterra com os de Portugal em 1751-1836*, cartas n.ºs 35, 39, 40 e 43).



de artilharia da Corte, aquartelado em S. Julião da Barra. A competência deve tê-lo inculcado para outras missões: em 1767 comanda o regimento de artilharia de Lagos, que organizara quatro anos antes, em 74 forma por sua vez o regimento de Faro. Parece que ele e o famoso viajero e memorialista Costigan são a mesma pessoa, pelo menos é esta a opinião de Aquilino.

Era este o mais categorizado oficial da unidade cujo estado-maior e subalternos — 37 oficiais — contava mais de um terço de militares estrangeiros, na maioria dos casos aventureiros sem vintém cujo passado Pombal achara escusado averiguar. Ferrier queixava-se deles e não melhor juízo fazia Dalrymple. Reproduzo os dizeres do forasteiro, tal qual os traduziu aquele escritor: «êstes oficiais, gente sem leira nem beira, gentishomens pobres, foragidos à justiça da sua terra alguns, crivados de dívidas quási todos, numa palavra, com as qualidades românticas do aventureiro e as infalíveis taras, serviam o rei de Portugal com o mesmo prazer com que se cumprem trabalhos forçados».

João Vitória Miron de Sabionne, suíço, era tenente-coronel do regimento do Porto desde 5 de Fevereiro de 1767; mais tarde governou Valença e em 85 foi lente da Aula Real de Artilharia criada naquela praça fronteiriça. O sargento-mor era Simão Fraser, escocês. Viera para Portugal em 1762, recomendado especialmente pelo rei de Inglaterra e recebendo logo o posto de brigadeiro de infantaria com soldo principesco. No 1.º de Abril de 1765 era colocado com a patente de major no regimento de infantaria de Valença e promovido a sargento-mor em 1768. Por apostila de 16 de Março de 1772 foi nomeado deputado do inspector das tropas da Repartição do Norte e agregado ao regimento de artilharia. Eram capitães Guilherme Grant, escocês de Elgin, contratado em 1766, o conde Agostinho Carreti, italiano, Octávio Mehus, florentino, alistado em 1763, Bernardo O'Kennedy, natural de Dublin, capitão em 1765 e Ricardo Muller, inglês promovido a oficial, com 23 anos, em 1766. Pândego de tomo, que muito frequentava Tui, e dado a conflitos, foi o anfitrião de Dalrymple. Morreu em 1778. Samuel Archbold, natural de Calidgfarche (Escócia) fora contratado como tenente em Janeiro de 1766, com 19 anos. Outros

estrangeiros eram subalternos do mesmo regimento: o escocês Guilherme Campbell, o alemão Frederico d'Heymenthal, dois francêses, João Taupier de la Croix e Luís de Semandière, mais um italiano, Francisco Ferreri, e até um espanhol, Luís de Araul.

Além destes militares, que prestavam serviço no regimento de artilharia do Porto, continuavam ou tinham pelo menos vindo em 1762-63, durante a guerra do Pacto de Família, muitos outros cujos nomes colhi de fontes manuscritas e impressas e me abstenho agora de referir <sup>(11)</sup>. Mais de uma centena de oficiais estrangeiros, de preferência britânicos, servia ou servira no exército português com subida de posto, soldo dobrado e recebendo-o por decreto real desde a saída da pátria. Foi uma verdadeira invasão que fez sangrar abundantemente o erário régio.

Apontarei alguns casos: A Jorge Gray e a João Crawford o decreto de 3 de Junho de 1762 conferia o posto de marechais de campo com igual soldo ao que venceriam na Inglaterra, e a partir de 8 de Maio, *por virem em serviço do seu país*, «por especial ordem de El Rey da Gram Bretanha Meu Bom Irmão, Primo e Alliado...». Recebiam diàriamente 7.200 réis e mais vinte e quatro rações de forragens em dinheiro, o que representava 9.600 réis. Fora estas quantias o soldo mensal era de 280.000 réis. O estado maior de cada um deles — um ajudante, dois brigadeiros e um sargento-mor — custava-nos por mês 820.800 réis, fora as rações! Townshend como prenda de despedida teve do monarca um anel, um par de fivelas de diamantes e uma bateria de ouro, no valor de 3 mil libras. O Lippe, 6 peças de artilharia de ouro macisso, montadas em carretas de pau-brasil chapeadas e rodadas de prata, um retrato de D. José guarnecido de brilhantes e uma estrela de diamantes como ornamento para a comenda da Ordem da Águia Negra, além de outras coisas de somenos, contudo também

---

<sup>(11)</sup> Arquivo Histórico Militar, livro 3.º de Infantaria 21 (1763-1800) e livro 1.º de Artilharia 4 (1763-66); Torre do Tombo, livro 105 da Secretaria da Guerra, fl. 187 e Decretos e consultas, Maços 121-122; Cristóvão Aires, *Provas*, Vol. 2.º; Teixeira Botelho, *Subsídios para a história da artilharia portuguesa*.



valiosas. O sobrinho do Príncipe, conde de Resterfeld, foi prendado com um anel de diamantes; os oficiais alemães e ingleses de ambos os generais estrangeiros levaram gratificações de vulto. Custara-nos «os olhos da cara» a questão entre britânicos e franceses (12).

Miguel Kinselach de Cochrane, de ascendência irlandesa e católica, era filho de João Kinselach cuja fidelidade a Jaime Stuart e à religião romana obrigara a abandonar a pátria e a refugiar-se em França (13). Passando à Alemanha casara com Catarina Heldt e dela tivera Miguel Kinselach, nascido em Bruxelas (1721), baptizado na capela do Paço dos Vice-reis e recebendo o crisma em Malinas, onde estudava Gramática, das mãos do cardeal-bispo príncipe de Chimay. Com 16 anos assentou praça num regimento húngaro. Continuando a servir Carlos VI combateu na Esclavónia e na Baviera (1743-1744); esteve também na Alta-Alemanha, Sérvia, Transilvânia, Boémia, Morávia, Silésia, França, Holanda e Inglaterra. Era, o que se diz, um sujeito viajado!

Chegado a Portugal em 1762 foi agregado com o posto de sargento-mor de infantaria em 29 de Dezembro. Desde 1765 que fazia parte da guarnição de Valença, onde casou. Ora, foi a Valença, cuja praça comandava em 1778, que o vieram buscar as justiças do Santo Ofício para o conduzirem primeiro a Coimbra e depois a Lisboa.

Toda a história começou uns dez meses antes por via de uma devassa tirada contra os libertinos da vila, cujos escândalos horrizavam os ortodoxos de entre Minho e Lima. Presidiavam-na o desembargador da Relação P.º Manuel Vieira de Andrade e o cónego João Gonçalves, de Penela, servindo de escrivão o notário do Santo Ofício P.º Matias da Costa Pinheiro.

Em 13 de Dezembro de 1777 na inquirição das testemunhas surgiram as primeiras acusações ao comportamento religioso e moral do sargento-mor.

---

(12) Sobre este assunto v. Lúcio de Azevedo, *O Marquês de Pombal e a sua época*, cap. VIII e P.º Ernesto Sales, *O Conde de Lippe em Portugal*, cap. VII.

(13) Torre do Tombo, Inquirição de Coimbra. Processo 3089.



O P.<sup>o</sup> Nicomedes José de Figueiredo, cónego na colegiada de Valença, apontava como autores de irreverências várias o cadete de infantaria Gaspar Pereira de Castro e seu pai Francisco, o cadete João Pereira Barreto e João Manuel, soldado artilheiro, versados na língua de Voltaire, os soldados Manuel do Espírito Santo e João da Mata, e finalmente Miguel Kinselach. Quanto a este, sabia o depoente pelo furriel António Paulo (voltará, diga-se de passagem, a aparecer no processo como principal denunciante) que vindo ele de Braga para Valença com sua mulher e outras pessoas pernoitara em casa do abade da freguesia da Carreira, Dr. José Álvares de Moura. Estando-se na Quaresma, tanto o oficial como os demais haviam comido carne. O mesmo furriel contara ao P.<sup>o</sup> Nicomedes que Kinselach não assistia à missa e troçava do purgatório dizendo-o uma invenção dos clérigos para viverem à sua custa.

Ou expontâneamente, ou aconselhado pelos inquisidores, o cónego apresentava em 20 de Fevereiro uma denúncia em forma, infamando de libertinos os capitães de artilharia Agostinho Carreti e Octávio Mehus, o primeiro casado com uma portuguesa e o segundo com uma alemã, católica, o cadete Gaspar Pereira de Castro, o Dr. José Anastácio e Kinselach.

Entretanto, porém, como resultado da devassa, o tribunal de Coimbra ouvia em 12 de Janeiro José Barreto — o cadete que sabia francês —, preso cinco dias antes. O arguido confessava ao promotor João Correia Xavier conhecer bastante um oficial da guarnição de Valença, estrangeiro, de apelido Kinselach, maçã confesso. Esse militar, muito embora se dissesse católico, estava filiado naquela sociedade secreta e sobre ela conversara muitas vezes com o preso transmitindo-lhe também alguns erros em que acreditava.

As palavras de José Barreto foram corroboradas por um outro preso, o tenente Miliani, encarcerado pela Inquisição de Coimbra em 7 de Janeiro e pelas mesmas culpas.

O depoimento deste é muito mais curioso e completo. Além de Kinselach um outro oficial, igualmente estrangeiro, o capitão Ricardo Muller, o convidara para entrar na seita dos pedreiros-livres. Ouvira a ambos dizer que em Lisboa existia uma loja onde se apresentavam bas-

tantes oficiais, que o segredo do mação era sagrado, como sagrado também socorrer um irmão em apuros. Tudo, esclarecia o Miliani, soubera durante os repastos, a que assistira, de Kinselach e de Muller. Os dois amigos comiam muito e bebiam melhor, a ponto de habitualmente perderem o tino, coisa vulgar em gente «daquelas nações».

Sem que o promotor insistisse em demasia, José Leandro prosseguiu nas declarações, alargando o âmbito dos suspeitos. Muller e Kinselach entretinham-se com outros militares em assuntos religiosos, tratando-os de maneira ímpia. Esses interlocutores eram Diogo Ferrer, o tenente-coronel Miron, o major Fraser, o coronel Guilherme Grant, os tenentes Archbold, Baram, Luís Old, todos eles protestantes, os capitães conde Agostinho Carreti, Octávio Mehus e Bernardo O'Kennedy, o cirurgião Aleixo Bachi e o lente José Anastácio da Cunha. Só O'Kennedy era mais prudente nas suas opiniões; os outros falavam sem pejo, expondo ideias libertinas e heréticas.

Perante a gravidade das denúncias a Inquisição resolveu insistir na colheita de depoimentos que pudessem habilitá-la à redacção do corpo de delicto.

Francisco Joaquim de Abreu e Lima, fidalgo da Casa Real, morador em Coimbra, no Paço Vedro, depôs em 4 de Fevereiro: Estando em Braga conheceu Kinselach a quem convidou para ir a sua casa tomar um ponche. Posto à vontade, o oficial estrangeiro induziu-o a entrar na Maçonaria, facto que poderia ser testemunhado por dois fidalgos minhotos, presentes à conversa — Carlos Pereira do Lago e D. Diogo de Sousa <sup>(14)</sup>. Dias volvidos, saindo a passeio com José de Gouveia, Pedro de Mendonça, Kinselach e outros, ouvira chamar ao belga pedreiro-livre.

Em 17 de Março é o abade de S. Miguel de Fontoura, padre-comissário do Santo Ofício, António Carneiro de Figueiroa, quem assegura ser Kinselach o pior dos libertinos de Valença: faltava à missa dos domingos e dias santificados, troçava da abstinência dizendo em ar de mofa «dia de peixe-galinha e dia de peixe-boi» e só por medo não

---

(14) V. nota 20.



iam a mais as irreverências. Ele e o capitão Carreti eram notórios pelo escandaloso viver, o que fazia admirar os bons católicos por andarem em liberdade. E o abade afirmava que todas as informações colhera de pessoas honestas e sabida veracidade: o tenente-coronel de infantaria João Teles de Meneses, o sargento-mor Francisco Pinto, o alferes José Vieira Machado, o capitão-ajudante António Luís Bandeira, o alferes Alvaro Barbosa de Aboim, o ajudante de cirurgia Manuel da Costa de Oliveira e o cônego Nicomedes José de Figueiredo, de quem já falei.

A 31 do mesmo mês aparece em cena o furriel António Paulo de Oliveira, o informador do cônego Figueiredo. Nesse dia, em carta ao padre-comissário, ratificava tudo que fora dito pelos valencianos propósito de Kinselach. Custava-lhe ser denunciante. — mas a consciência obrigava-o!

O sargento-mor não pecava por ignorância, isso não, pecava por fatuidade — «por ostentar de sabio». Não acreditava no valor das bulas e dos indultos; acintosamente passava pelas igrejas sem nelas entrar. E assacava-lhe outras culpas: afirmara não haver Purgatório, falara desrespeitosamente dos sacramentos dizendo que nem à hora da morte os queria, por não acreditar na virtude dos confessores; em casa do Arcebispo-Primaz, ouvindo-o lamentar Alexandre Magno, o nosso hereje respondera ao prelado, estupefacto e horrorizado — «Não tenha V. A. R. pena, que no Inferno estão bons sujeitos e muita gente honrada, Marco António, Cesar, Hanibal e Eneas». Ano e meio antes escandalizara de maneira grave a gente piedosa de Valença: Um devoto colocara um crucifixo, com a invocação do Senhor do Encontro, junto às Portas do Meio; acorreram as promessas, círios, mãozinhas, cabeças de cera. ouvindo-se-lhe então o comentário burlesco e irreverente: — «Está carregado de milagres como hum asno». À passagem da procissão das Almas, promovida pela Irmandade de Nossa Sr.<sup>a</sup> do Carmo, e mandando o ajudante do regimento fazer continência, Kinselach e um outro oficial (o Muller?) viraram as costas e em alemão referiram-se sarcásticamente, alto e bom som, à procissão e às ordens do ajudante. O sogro, Januário António da Silva e Sousa, e dois criados, eram do mesmo estofó; a casa, uma casa de orates. Lia Voltaire; ao sargento de artilharia Santos Coelho, individuo também suspeito, falara de certa obra

onde se afirmava serem as religiões uma impostura, e impostores Cristo, Moisés e Mafoma. Ao denunciante emprestou um livro em francês, *O homem dos quarenta escudos*, onde um conde, uma condessa e um abade discutiam a vantagem da Filosofia e da Religião, concluindo pela maior utilidade da primeira. E ia o livro por aí fora até chegar ao Natal — «a Virgem parira n'um Prezepio entre hũ Boy e hũ Asno (digna companhia de uma tal família). Neste parentezis — comenta o furriel — fiquei fora de mim, cheio de horror e medo» (15).

Assim terminava o denunciante essa epístola a transbordar de culpas consideradas graves pelo tribunal do Santo Ofício, e onde, a par de manifestações de racionalismo e ateísmo havia muita falta de bom senso e educação. Eram dados como testemunhas D. Francisco de Sousa, o ajudante agregado Carlos Luís Soares de Melo e o capitão Manuel Soares de Castro.

Nos começos de Maio António Paulo voltava à carga. Em nova carta ao abade de S. Miguel de Fontoura confirmava as faltas aos sacramentos e dizia que durante a missa regimental Kinselach ficava no quartel a jogar o gamão como o capitão Octavio Mehus. Dizia também que conversando ambos, o belga se lamentara da demora das promoções e afirmara que se as coisas assim continuassem iria para a América juntar-se aos colonos insurgidos. O furriel argumentara-lhe com o serem eles protestantes, ao que Kinselach respondeu com uma anedota: «Foi hum homem a servir aos Estados da Pruçia, e procurandolhe o Rey — De que Nasção sois? Elle aventureiro lhe respondeo — Da religião que V. Mgg.e quizer. O Rey lhe diçe — Sois Catholico, Israhe litico, Mahometano ou Protestante? Elle tornou a responder — Eu Sr., protesto contra todas as Religioens». A história do homem que fora servir o Rei da Prússia applicava-se a ele, Kinselach.

---

(15) José Agostinho de Macedo na *Refutação dos Principios Methafysicos e Moraes dos Pedreiros Livres Illuminados* (p. 69) cita estes propósitos do clube de d'Holbach: «A religião para conter a besta. Mas para os outros que não são povo, não se require esta Religião, nem lhe está bem abraçalla, e seguilla; porque sabem regular-se com outros motivos mais nobres, que lhes subministra com larga copia sua sublimissima Filosofia».



Mas uma denúncia mais grave, mais grave talvez aos olhos de António Paulo, e que perderia pela certa o sargento-mor, era o seu juízo acerca da Inquisição. Chamara-lhe sem eufemismos *tribunal pernicioso*, contra o qual os povos deviam revoltar-se, seguindo, aliás, o exemplo dos do Império, que o não toleraram, «porque não havendo Santo Offício, explicava ingenuamente (?) Kinselach, não havia prizoens».

O rol dos acusadores ia crescendo: um mês antes, em 3 de Abril, vinha à barra o soldado José Maria Monteiro com acusações semelhantes. Kinselach e o tenente Eleazar eram tidos e havidos por libertinos, davam-se à leitura de obras francesas proibidas, não praticavam os sacramentos e mofavam deles. Em 28 de Maio, Carlos Luís Soares de Melo, ajudante agregado de infantaria de Valença, referia ao notário do Santo Offício P.<sup>o</sup> Manuel da Costa Pinheiro, morador em Braga, ao campo de Nossa Senhora a Branca, que o cadete do regimento de artilharia de Valença, José Pereira Barreto, lhe emprestara o tal livro de *O homem dos quarenta escudos* que ele denunciante devolvera, censurando as heresias nele contidas. Retorquirá-lhe o camarada que o livro era do brigadeiro Ferrier, que o lia e comentava com o sargento-mor Kinselach, o qual Kinselach, acrescentava, ouvira dizer estar filiado na Maçonaria e com poderes para criar mações. Iniciara alguns no Alentejo, entre eles um sobrinho do conde de Lippe, o conde de Resterfeld, naturalmente, acrescento eu.

\*  
\*       \*  
\*

Perto de um mês dormiram as denúncias, apresentações e cartas na gaveta do promotor Correia Xavier. Hesitava o padre, fora atacado de málgna ou doutro incómodo nascido de um junho calmoso em demasia? Não o diz naturalmente o processo. Sabe-se, apenas, que no dia 20 Correia Xavier redige o requerimento onde se procura provar não só Kinselach ser mação como também «inductor dos que profissão a condemnada Seita dos Pedreiros Livres, famoso, publico e escandalozo atheista, perversor daquelles com quem tracta mais familiarmente, reputa as Escrituras de fabulosas, nega a pureza da Virgem, o



Purgatório, zomba dos preceitos da Igreja, come carne nos dias prohibidos, nega o valor do sacramento da penitência, fomenta com o empréstimo de livros impios os sobredictos». Amotinador de católicos, cismático, contumaz em abomináveis erros, que outra coisa senão a prisão podia requerer o meticoloso promotor da Inquisição de Coimbra?

Se houve algum excesso na enumeração de tantos crimes, merecedores de tição e baraço, senão de fogueira, perdoemos o excesso. O pacato Fr. João Correia Xavier havia de amaldiçoar esse estrangeiro perverso e aventureiro que viera perturbar o remançoso descanso coimbrão, e durante seis meses! O homem era blasfemo não havia dúvida, mas doido também. Na *Alta* ou num dos quartos de qualquer dos colégios da Ordem, o promotor admiraria entre duas penadas a mansidão do prelado bracarense que não excomungara *in loco* tão irreverente hóspede. Hereje, pedreiro-livre, e beberrão ainda por cima!

Uma santa energia, uma louvável presteza animam os inquisidores Manuel António Ribeiro e Pedro Carneiro de Figueiredo. No próprio dia em que receberam do padre-promotor o requerimento decidiram dar por bastantes as provas testemunhais para a aplicação do n.º 3 do *Ordinário* conciliando-se a legislação do reino com o regimento do Santo Ofício. A título preventivo ordenavam o sequestro dos bens e concluíam pela apresentação de Kinselach no Conselho Geral, onde responderia pelos crimes de libertinagem, heresia e pedreirice.

O mandado de captura passado pelo escrivão Manuel Correia da Fonseca em 27 desse mês ordenava a qualquer familiar ou oficial do Santo Ofício que prendesse em Valença «ou aonde for achado Miguel Kineeslae, alemão, Sargento-mor agregado do Regimento de Infantaria de Valença aonde he morador». Assim, a decisão do tribunal de Coimbra antecipara-se à do Conselho Geral. Sabia-se porém, de certeza, que outra não seria. Com efeito, a 3 de Julho, a Mesa constituída pelos inquisidores Luís António Fragozo de Barros, Francisco António Marques Geraldês de Andrade, José Ricalde Pereira de Castro e António Vicente de Vasconcelos Pereira, vistos os autos de denúncia, achava serem bastantes as culpas para ordenar, ou confirmar, não sei bem como dizer, a prisão de Miguel Kinselach.

A diligência melindrosa, e digo melindrosa pois coube a um subalterno, e o arguido exercia então o comando militar interino da praça, foi executada pelo familiar e tenente de infantaria Álvaro de Barbosa de Aboim Lopes de Barros. Na carta em que a comunicava, o captor conta como procedeu — «com a severidade e prudencia recomendada» — em 8 ou 9 de Julho, depois dos toques das Ave-Marias, à prisão do sargento-mor, a qual se efectuou sem incidente. Fez assento dos bens encontrados e dos livros (entre eles uma *Bíblia* em inglês) que ficaram no Depósito geral da vila. Recomendara ao preso que levasse roupa, cama e mais 40 mil réis, quantia que ele não tinha por não haver recebido ainda o soldo de Junho. Lopes de Barros escreveu então ao tesoureiro geral Nicolau João, que estava no Porto, para entregar a Kinselach, contra recibo, o soldo de Junho, na importância de 52 mil réis.

O preso veio para Coimbra com escolta comandada pelo coronel reformado e familiar José Rebelo Velho, que a 15 de Julho, como consta do auto respectivo, o entregou ao alcaide dos cárceres José António de Oliveira, que esperava o preso na porta do Paço, chamada da Bica. Por três meses o havia de habitar o militar belga. Do termo de entrega consta que foi recolhido no segundo cárcere novo dos baixos do palácio da Inquisição.

No dia 17 de Julho compareceu na Casa da Livraria onde foi ouvido na audiência da manhã pelo comissário Ribeiro da Mota.

Após um curto interrogatório para investigação da personalidade, Kinselach declarou não possuir bens imóveis e ter de seu perto de uma dúzia de cadeiras, podendo valer cada uma seis tostões, meia dúzia mais, de campanha, com assentos de couro, prenda do sogro, três mesas ordinárias, uma de jogo, de dobrar, velha e quebrada, que em nova custaria perto de 15 cruzados, um capote, duas fardas, uma dúzia de camisas, um par de pistolas, uma espingarda e uma espada. A livraria media-se pela mesma pobreza: o *Lexicon* de Hibner (?), em alemão, uma *Bíblia* em inglês, uma *Vida de St.º António* em português, um almanaque em alemão, um dicionário militar, em três tomos e em francês (algun dos tratados muito espalhados de Saint-Geniez,



Grandmaison ou Clairac ?) e um volume em espanhol, muito antigo, o «Pícaro Alfarache», isto é, o famoso *Gusman de Alfarache*, de Mateus Alemão.

Instado pelo padre-comissário, Kinselach faz as primeiras confissões, a que outras se haveriam de seguir durante um mês. É esta a parte mais curiosa do processo, porque não faltam nela notícias sobre a constituição maçónica, suas cerimónias e a sua aceitação na Europa.

O preso, depois de afirmar que fora educado católicamente, refere que pela convivência no exército imperial com oficiais que professavam vários credos, ou não acreditavam em nenhum, acabou por ser agnóstico, se bem que, quando serviu na Esclavónia, tivesse frequentado assiduamente a igreja cismática grega. O comportamento do oficial foi censurado pelo capelão do regimento, que o acusava também de ler obras de Voltaire e o *Talmud*, numa tradução alemã. Apesar de se haver defendido com a razão da capela portátil do regimento estar 5 a 6 léguas distante do acampamento, foi castigado com perda de três meses de soldo. Mais tarde, já na Baviera, perdendo tudo ao jogo, foi induzido pelo barão de Molek a invocar o diabo, para o que, de noite, o procurou numa encruzilhada. Evidentemente o *Tinhoso* não apareceu.

Ribeiro da Mota quis saber então se ele confirmava ou não a denúncia feita ao Tribunal das cantigas impiedosas e das proposições heréticas. Kinselach admitiu muito francamente a possibilidade de umas e outras, quando estava embriegado, o que era frequente.

O Comissário aceitou a justificação e passou a inquirir das culpas de pedreirice. As declarações do belga não foram menos espontâneas nesta parte. Lera dois livros sobre a sociedade — *Le Franc Maçon* e o *Segredo revelado dos Pedreiros Livres* — e quisera conhecer a seita apresentando-se numa loja da Haia (onde estava de guarnição) como filho do embaixador da Rússia, o conde Goloskine, que ele sabia mação. Satisfeita a curiosidade, concordou em ser iniciado por um capitão seu amigo. Pagara à entrada um par de luvas brancas de homem, outro de luvas brancas de mulher e um avental de pele de carneiro, adorno de uso obrigatório dentro das lojas.

Ribeiro da Mota tinha ainda muito que aprender; estamos apenas nos preliminares da confissão completa. Sem insistir documentava-se sobre a expansão maçónica: Na Haia havia outras lojas, em Amsterdão umas quatro ou cinco, e muitas em Londres. Na capital britânica Kinselach frequentara duas. As que funcionavam em terras de herejes não afligiam o Comissário, mas quando se falou em Lisboa aguçou o ouvido e naturalmente debruçou-se sobre o baetão da mesa. Em Lisboa?

Sim, em Lisboa, confessou o belga, em 1773, fora convidado por van Dalen, secretário de van Hafzen, embaixador da Holanda, a assistir à recepção maçónica em honra de um ajudante de Lippe, o barão de Rixleben. Os presentes, uns dez ou onze, eram todos oficiais estrangeiros, entre eles o capitão de artilharia Estavão Roux.

Esclarecido pelo padre de que a sociedade dos pedreiros-livres fora condenada pela Igreja, o preso retorquiu não ver razão para tal. A Maçonaria não era contra a religião e o próprio Bento XIV, escrevendo ao rei da Prússia, que era grão-mestre, lhe confessara haver sido maçã quando simples abade <sup>(16)</sup>. Era uma assembleia aristocrática e de beneficência <sup>(17)</sup>. Em 1742 ou 1743, não se recordava

---

<sup>(16)</sup> A afirmação acerca de Bento XIV é inconsistente. Outro tanto se tem dito a respeito de Pio IX. Dois políticos franceses, mações, asseveraram-no em 1935. Monsenhor Freppel, pelo contrário, assegura que o Pontífice desmentiu essa atoarda em pleno Consistório. Um autor, também francês, L. Lemaitre, afirma que na Bretanha, no último quartel do século XVIII, alguns eclesiásticos foram iniciados na Maçonaria, entre eles os priores dos beneditinos e dos agostinhos de Rennes, dom Lemur e o P.<sup>e</sup> João Verne, o primeiro em 5 de Dezembro de 1782 e o segundo a 27 de Janeiro de 1785 (*Une loge maçonnique au XVIII<sup>ème</sup> siècle*, citado por Raimundo Dior, *La franc-maçonnerie*, Paris, 1938). Outros eclesiásticos, cujo nome andaria mais tarde ligado à história francesa, fizeram igualmente parte da Ordem: os P.<sup>es</sup> Siéyes, d'Havré e Grégoire e o bispo de Autin, vulgo Talleyrand-Périgord.

<sup>(17)</sup> Tal aspecto, que a Maçonaria desejava fazer acreditar, não é da exclusiva responsabilidade de Kinselach. Um escritor francês do século XVIII, Thierry de nome, autor de um curioso *Almanach du voyageur a Paris* (Paris,



bem, a imperatriz Maria Teresa ordenara a prisão de todos os pedreiros-livres e com pasmo das justiças, que assaltaram a principal loja de Viena, entre os *irmãos* surpreendidos contavam-se o imperador Fernando, o arquiduque Carlos e dois embaixadores estrangeiros.

As informações sobre tão curioso capítulo do libelo não param aqui. Começa agora a parte mais importante do depoimento, que passamos a reproduzir alterando apenas a pontuação. «Disse mais que no mesmo anno fora por duas ou tres vezes a bordo de huma fragata de guerra, que se achava surta no Tejo no porto de Lisboa, aonde jan-

---

1784) diz, ao terminar o artigo sobre a seita: «La plupart de ces sociétés se distinguent par des actes de bienfaisance».

Poucos anos antes, Maria Antonieta em carta para a princesa de Lamballe, datada de 7 de Novembro de 1781, exclamava: «Je vois qu'on ny fait pas que des jolies chansons, et qu'on y fait aussi du bien».

Mas que a beneficência não passava de um biombo que servia para justificar aos olhos dos profanos a sua existência e actividade, affirmava-o nessa época o Ir .:. Willermoz ao Ir .:. P.º d'Havré na carta que lhe dirigiu em 31 de Dezembro de 1785, referida pelo escritor polaco Kowerski.

Com a mesma pretensão e com objectivo preconcebido, o Ir .:. D'Alembert aconselhou e obteve de Luís XV a criação das primeiras escolas técnicas elementares, cujo corpo docente, seleccionado pela Maçonaria, preparou em toda a França o ambiente propício à Revolução de 89. Com igual pretensão, pois não só de pão vive o homem, foi a Sociedade que promoveu e subsidiou centenas de obras dos seus filiados, que aparentemente inofensivas minaram a ordem religiosa, social e política da Europa, estudando e discutindo sob a capa de uma falsa erudição filosófica e científica os problemas que se relacionavam com a fé, a autoridade, a pátria, a família e as relações sexuais. Esses livros eram vendidos sem lucro, antes com perda, e o grande centro distribuidor era a casa do filósofo alemão, barão d'Holbach.

Havia assim, no dizer de um autor, Pouget de Saint-André, uma maçonaria aparente, dada a folguedos, a festins e à beneficência, e uma outra, secreta, a que, aquela, servia apenas de capa.

Num jornal façanhudamente liberal, dos primeiros dias de Janeiro de 1822, acerca da contenda, a propósito da Maçonaria, entre o beneficiado José António de Oliveira Barreto e o assanhado vintista João Guilherme Ratcliff, o «Inimigo dos Hyprocritas» escrevia: «(É) a Maçonaria huma Sociedade philanthropica, composta de Homens probos e virtuosos... Os povos ja pensão, analizão e comparão e por estas combinadas operações, por huma não inter-

tou dando-se à meza o ensino aos Aprendizes da sobredita Seita, dos quais havia ali dous, ou trez, e consistia no modo de beber, que era pegar no copo, levallo por trez vezes, com pequena pausa, dar o nome ao vinho de pólvora encarnada, ao branco de pólvora branca e à agoa de pólvora fraca, e assim ao pão pedra tosca, ou bruta, e outras couzas similhantes, como tomar tabaco batendo na caixa trez vezes, e tomando-o ou levando-o aos narizes tambem por trez vezes, com muito pequenas pausas. E não ha nesta Sociedade e no instituto da referida Seita couza alguma que offenda a Fé, ou Religião Christã, antes sempre he expressamente prohibido o tratarem-se materias de Religioens sejam estas quais forem, assim como tambem he prohibido o discorrer-se, ou falar-se, no governo politico e civil das Cortes e nas materias entereçantes dos Estados, porque ... so ali se cuida em comer e divertir <sup>(18)</sup>.

«Disse mais que na entrada dos trez que forão recebidos na Irmandade dos Pedreiros Livres fora o Mestre o sobredito Secretario do Embaixador de Holanda, e se fezerão na forma seguinte: O que pretendia entrar nella, ser conduzido a huma caza separada chamada escura e

---

rompida tradição conhecem que da Maçonaria lhes tem provindo muitos bens, e nenhum mal, em quanto dos Ministros do altar immoraes, e irreligiosos, identificando com a Religião as suas sordidas paixões, e vis interesses, lhes veio o Santo Officio, lhes vierão as Cruzadas, e finalmente metade dos crimes que se tem perpetrado nas quatro partes do Mundo ... O ciume que a Maçonaria causou sempre aos Despotas e Hypocritas, fez que estes inventassem as mais calumniosas e estultas fabulas para denigrir aquella Sociedade; o Povo inexperto deo-lhe algum credito e prevenio-se contra ella.» No n.º 17 do mesmo periódico, de 21 de Janeiro, era o «Imparcial» quem por sua vez dizia: «Aquelles (os mações) pelo contrario consta, sabe o governo, que se ajuntão com o unico intento de conhecer das precisões de seus Irmãos, e de qualquer Homem ... e para renovar os protestos de ser fieis à Causa justa da sua patria por todos os modos possiveis, e licitos.»

<sup>(18)</sup> Um dos melhores historiadores da Maçonaria, o Ir. :. Gastão Martin, em *La F. :. M. :. et le préparation de la Révolution Française*, afirma que, em princípio, a Ordem era respeitadora da Religião, dos Reis e das Leis, sempre que estes três elementos dirigentes das sociedades e dos estados tomassem uma attitude passiva, concluindo pela afirmação de que as leis, embora muito



ahi por hum dos ajudantes do Mestre, que sempre tem dois, ser examinado se tem ou não vocação e forças para entrar na Irmandade sem lhe propor comtudo as obrigaçoens, mas fazendo-lhas muito peizadas, deixando-o ali por algum espaço para tomar a resolução que bem lhe parecer; ser conduzido pelo mesmo ajudante à grande salla em que se achão todos, hindo já com os olhos tapados, e batendo à porta della, se dá parte ao Mestre que o manda entrar e conduzir à sua presença aonde lhe pergunta o que quer, e dizendo-lhe lhe pergunta mais se se acha com forças bastantes para satisfazer as suas obrigaçoens que lhe propoem difficultosas sem lhas individuar, dizendo-lhe que a não se sentir capaz de guarda-las ainda está em ter tempo de se arrepende e hir embora, e prezistindo o manda viajar e he conduzido pelo ajudante que o leva pela mão esquerda e com a direita lhe leva apontada huma espada nua ao peito, que leva descuberto pegando na ponta della o que hade ser recebido, à roda da salla por muitas vezes para que cuide tem andado muito, e se lhe pregão muitas peças que não são sempre as mesmas para o atemorizarem, de sorte que algũs chegão a desmayar, a dahi he levado à prezença do Mestre, a quem o padrinho do novo recebido (por que sempre o costumão todos ter e se obriga a responder pelas boas circunstancias do afilhado) pede que lhe destapem os olhos, o que se faz mas todos os assitentes estão antes com as espadas nuas nas mãos e lhe diz o Mestre que todas aquellas espadas que vê serão contra elle se revelar o Segredo e pelo contrario serão em sua ajuda se for bom Irmão e todos elles o socorrerão nas suas necessidades e trabalhos com dinheiro e o mais que precisar. Ao que se segue

---

respeitáveis, não são intangíveis. É bom recordar que as duas seitas herméticas que informaram a maçonaria europeia no final do século XVIII — o *Martinismo*, obra do sefardim português, de Bordeus, Martinho Pascoal ou Martim Paschalis, e o *Iluminismo*, que teve seu berço em Ingolstadt em 1776, criado por um discípulo de Pascoal, Weishaupt — diziam-se de filiação cristã. Salomão Reinach no *Orpheus*, aludindo a tal interferência e às actividades de Mesmer, o famoso demonstrador do magnetismo animal, de José Bálamo e do conde de St. Germain, um outro português (?) misterioso e activíssimo, escreveu, procurando absolvê-la: «A Maçonaria foi complicada e torcida no século XVIII por charlatanices e velhacarias de toda a espécie».

prestar o juramento nas mãos do Mestre de guardar segredo inviolável, prometendo não revelar couza alguma de palavra ou por escripto, obrigando-se e sujeitando-se a ser-lhe cortada a garganta, a lingua e arrancado o coração, e tudo reduzido a cinzas deitado no mar, para que não haja mais memoria de hum falsario tão vil. E pondo-lhe o mesmo Mestre hum avental de pele de carneira branca o leva a lugar da mesma caza aonde no sobrado está pintada com giz, só para servir nesta ocazião, porque depois se apaga, humas balanças, huma colher de pedreiro e huma colmeya, e a insignia do Mestre com que está em todas as funçoens que exercita que he hum esquadro, hum compasso e hum nivel, insignias dos ajudantes deste, a figura do Sol e da Lua e a figura de huma pedra aparelhada e outra tosca, tres colunas em quatro angulos apontados Norte, Sul, Leste e Oeste, e o Mestre ou outro qualquer membro desta Irmandade, por ordem delle explicava ao de novo recebido as suas obrigaçoens tirando-as das sobreditas couzas que ali estavam pintadas como fica dito e explicando-lhe que assim como o nivel, compaço e esquadro servião para regular as obras e as fazer direitas, asim devia elle conduzir as suas acçoens medindo-as de forma que todas fossem direitas. Pela balança lhe explicava a igualdade que devia haver entre todos os Irmãos na Loje e fora della como tambem que devião pezar tudo o que fizessem antes de obrar para o fazerem com acerto. Colher de pedreiro significava o obrigação de taparem e encubrirem huns aos outros as suas faltas, corrigindo-se mutuamente para a emenda. A colmeya significava o disvello e boa harmonia com que devião trabalhar escolhendo o bom e obedecendo todos ao Mestre sua cabeça. A pedra aparelhada mostrava e significava o disvello com que se devião polir e regular as obras para serem em tudo ajustadas. A pedra tosca o trabalho com que os aprendizes procuravão poli-la e asim mesmo devião trabalhar para satisfazer as suas obrigaçoens. E as tres clunas significava huma dellas a força e constancia com que se deve trabalhar na sua Seita, e as duas a força dos dois ajudantes do Mestre que ensinavão, hum aos Aprendizes e outro aos Officiais da Seita as suas obrigaçoens, e nos quatro ventos ou partes do Mundo se dava a entender a boa união que



devia reinar entre todos os Irmãos reputando-se todos os mesmos fossem de qualquer parte ou nação e o Sol e a Lua significavão o Mestre que os illuminava a todos de dia e de noute com a doutrina.

«Disse mais que tambem ali havia ou gizada huma escada de sete degraos na qual se dava a intender e explicava que era preciso passar té 3 anos de Aprendiz o que entrava nesta Seita para ser Official e quatro de Official applicando-se bem para ser Mestre.

«Disse mais que acabada a sobredita explicação levavão o novo ingresso na Irmandade para junto da cadeira do Mestre e ahí se sentou à sua mão direita, costume pela primeira vez em todas as ocazioens semelhantes praticado, e sentando-se todos os mais assitentes lhe fez o Mestre as perguntas que lhe pareceo sobre o seu catecismo que concervão de memoria e acabadas ellas ensinou o Mestre ao recebido de novo o ensino da marcha para se fazer conhecido, asim nas loges como dos mais Pedreiros Livres, que vem a ser por a mão direita aberta em forma triangular com pausa. E por fim se abrio a porta da salla e veyo hum criado do Mestre, tambem Pedreiro Livre e nuñca pode passar de Aprendiz em razão de ser servente da Loge e trazendo agoa apagou com ella as pinturas que se tinhão gizado na caza e passarão todos a outra a cear e se sentarão todos à meza estando com o avental que tem dito e com que tambem estiverão na Loge tendo mais o Mestre ao pescoço a sua insignia que he como tem dito hum Esquadro e sobre a meza hum Compaço e trez Castiçais grandes, cada hum com sua vella aceza postos em forma triangular e o primeiro ajudante sentado ao lado direito, hum Compaço ao pescoço pendente de huma fita, o segundo ajudante do lado esquerdo com hum Nivel da mesma sorte pendente ao pescoço e os mais dahi para baixo de huma e outra parte, pelas suas antiguidades. <sup>(19)</sup> E fazendo o Mestre as perguntas que lhe pareceo sobre o

---

<sup>(19)</sup> Conforme o escritor Kowerski a emblemática maçónica adoptada pela Grande Loja de Inglaterra em 1717 e aceite por toda a Maçonaria, teve por modelo a emblemática cabalista, criada no século XVII por Jacob Leão Templo, amigo e confidente de Manassés ben Israel, o famoso conselheiro secreto de Cromwell.

Catecismo bateu com hum Martelinho que tinha diante de si fazendo o mesmo os dois ajudantes com outros que tambem tinhão, para impor silencio. Elevando-se os mandou por em ordem; que vem a ser levantar e por a mão direita sobre o peito esquerdo e ordenando-lhe que carregassem os canhões que vem a ser os copos para fazerem huma saude, o executarão, dizendo: A mão direita às armas, meus Irmãos, vamos fazer uma saude ao nosso Monarca, às felicidades e prosperidades, com todas as honras da Livre Pedraria, por trez vezes trez, apontar. E pondo-se em forma triangular acrescentou: Fogo. E levando todos o copo à boca beberão. Repetio: Fogo melhor. Beberão segunda vez. Ultimamente, fogo perfeito. Beberão tudo, elevando o copo ao peito por trez vezes, como o Mestre, fazendo por outras tantas a acção de o por na meza e pela ultima pondo-o com pancada, tudo uniforme, dando trez palmadas com as palmas das mãos, dizendo por trez vezes — Viva. Principiarão a comer e nos intervallos fizerão saude da mesma forma ao Mestre e ajudantes, e ao que de novo entrou. E em quanto durou a cea por vezes se passou para bayxo huma caixinha que tinha o Mestre deante de si na qual se lançarão as condemnações daquelles que faltavão à observancia do que estava prescripto, ou falando mais alto ao ouvido, ou dizião: Senhor porque todos na Loge se devem tratar por Irmãos, ou diziam alguma palavra indecente, e o que importarão as ditas condemnações se deu aos pobres como he costume de todas as Loges aonde são inevitaveis as ditas condemnações, acabando-se a cea por outras perguntas que fez o Mestre sobre o seu catecismo, da mesma forma que tem dito fizera no principio, se despedirão sem se praticar mais cerimonia, ou acção, que haja de declarar, ficando por conta do Irmão servente repartir os sobejos da cea pelos pobres, como he costume da Irmandade, praticado em todas as Loges.

«Disse mais que os sobreditos Irmãos que forão recebidos na Sociedade como asima tem dito, pelo serem em huma loge clandestina, e que não fora fundada com auctoridade da Loge Grande, que ha em todos os Reynos com Grão Mestre da qual dependem todas as mais Loges, pagando hum tanto para o fundo das Loges Grandes



que servem para socorrer os Irmãos necessitados derão tão somente os sobreditos o que foy precisamente necessario para a despesa da cea e propinas na forma que fica declarada que derão a elle reo e aos mais assitentes faltando tão somente o par de luvas de mulher pelo não haver em Lisboa e ser a propina nesta parte voluntaria e não de obrigação.

«Disse mais que pela mesma razão de ser a sobredita Loge clandestina se não deu a nenhum dos trez sobeditos admitidos à Irmandade a Patente. que he costume passar-se em todas as que são fundadas com auctoridade legitima e que faz certa a recepção daquelle a quem se passa a qual he assignada pelo Mestre e selada e com elle pode entrar nas outras Loges dando juntamente os sinais por que faça certo ser o mesmo.

«Disse mais que lhe esquecera declarar asima que quando aquelle que hade ser admitido à Irmandade he conduzido à Caza Escura, para ahí ser examinado da sua vocação e forças para nella entrar, se lhe tira tudo o que he de ouro, prata ou qualquer metal em que entrão as armas, e lhe descobrem o peito esquerdo, tirando-lhe o çapato do pé esquerdo, que leva de chinquete, e o joelho direito nu e depois de se fazer o que tem declarado athe prestar juramento faz o Mestre a acção de correr a mão direita em forma triangular pelo pescoço e diz o novo recebido que esta acção significa antes ter o pescoço cortado do que revelar o minimo segredo da Livre Pedraria e apertando-lhe com a mão direita a junta do dedo indez lhe diz que aquelle he o signal com a palavra Jaquin, que não deve pronunciar quando lhe derem o signal, mas sim tão somente a primeira letra, por que principia, hindo dando as mais alternativamente, com aquelle que lhe fizer o dito signal para acautelar qualquer engano que possa haver. E a dita palavra faz alusão à que estava escripta sobre huma das clunas do Templo de Salomão, aonde os Aprendizizes da obra receberão o seu salario, como explicou o Mestre e se praticou nas trez entradas sobreditas.

«Assi mesmo nellas deu o Mestre aos novos recebidos o verdadeiro Signal por que entre si se conhecem os Irmãos e vem a ser,



o apertar a mão e dizer a palavra referida asima pronunciada alternadamente as letras della e pela acção de correr a mão em forma triangular pelo pescoço. E para melhor se instruirem no conhecimento delle o forão dar a todos os Irmãos que estavam presentes.

«Disse mais que tambem o Mestre perguntava aos novos recibidos na forma do costume quem ali os conduzira e estes responderão na forma do Catecismo de que tinham sido instruidos nesta parte por hum amigo, que depois conhecerão por Irmão, referindo-se ao Padrinho, e mais lhe perguntou o que tinham visto quando ali na Loge entrarão, ao que responderão que não virão nada que o espirito humano podesse perceber; pergunta-lhe mais que lhe fizerão e lhe respondem que viajar e dispois lhe derão a Luz e perguntando-lhe mais que virão respondem que trez luzes grandes, que significão o Sol que alumia o dia, a Lua, a noute e o Mestre que dá luzes aos Irmãos nas instruções que delle recebem. E isto se significão os trez Castiçais que com as mais couzas que tem dito estavam na Loge pintadas com giz, se achavão em vulto e com vellas acezas e forão os mesmos que dahi se passarão para a meza em que cearão e se puzerão em forma triangular diante do Mestre, como tem dito, esquecendo-lhe declarar e individuar isto.

«Disse mais que no anno de Mil setecentos sessenta e trez dando-lhe em Lisboa noticia o capitão Dogood, escocês do Regimento da Artilharia da Torre de S. Julião que em Lisboa havia Loge ingleza de Pedreiros Livres e que elle conhecia huns poucos e que seu pay tambem o era, fizera elle reo de diligencia por saber se isto era verdade par se introduzir na mesma Loge e hindo a dar os signais a alguns que lhe pareceo o poderião ser, nenhum deles lhe respondeu, e não duvida que deixassem de o fazer por que os inglezes e os escocezes são muito acautelados e se nã quererião fiar delle reo, nem de outro mação suposto conhecessem ser elle reo Pedreiro Livre por que como estavam em Reyno aonde era prohibida a Seita de que se trata, lhe era preciso uzarem das mayores cautellas.

«Disse mais que suposto tenha dito acima que o juramento que se prestava na mão do Mestre era substancialmente o que al de-

clarou, intende dever expressar a forma do dito juramento, que em toda a parte he o mesmo e concebido nas palavras seguintes:— Eu fulano prometo ao Grande Architecto do Universo e a esta Veneravel Loge de guardar inviolavelmente os Segredos que me forem ensinadas e prometo de não revelar algum delles, nem escrevellos nem imprimillos nem esecutallos em pedra, metal, madeira ou outra qualquer couza em que se possa escrever, debaixo da pena de ter a garganta e lingoa cortada, o coração arrancado e tudo queimado e reduzido a cinza e deitado ao mar, a distância de huma amarra para que não haja mais lembrança de mim entre os Pedreiros Livres».

Mas era preciso pôr a claro outros pontos da denúncia. A boa vontade de Kinselach era manifesta; a audiência parecia cavaqueira amena entre dois amigos. Ribeiro da Mota não seria forçosamente um Torquemada mas um bonacheirão Fr. João-sem-cuidados. Era verdade o caso do crucifixo do Senhor do Encontro, e as afirmações a propósito das missas pelos defuntos?

O governador de Valença apressa-se a explicar. O furriel António Paulo contara mal o caso, melhor, deturpara-o voluntariamente, se fora o delator. Da boca dele, réu, ouvira afirmar que o Crucifixo fora colocado à laia de chamariz e que isso não aconteceria na Alemanha pois nenhuma imagem é exposta à venerção dos fiéis sem acórdão das autoridades eclesiásticas. Quanto aos sufrágios, dissera entender serem de mais 200 ou 300 missas por um só defunto. Defende-se, depois, enérgicamente, de não cumprir a abstinência; todos em sua casa seguiam o preceito e ele mesmo preferia o peixe a outro manjar. Sofria de uma postema e fazia-lhe mal a carne, que em geral só comia em casa de estranhos, mesmo nos dias defesos pela Igreja. Que havia de fazer, porém, se era um conviva?

A inquirição ia demorada e outro tanto a manhã; a hora de jantar não andaria longe. De comum acordo Comissário e réu apressam-se. — Sabia por que estava preso? Kinselach tinha umas vagas suspeitas: a carne, o não ir à missa... Admoestado se mais alguma coisa lhe pesava na consciência, disse que não e voltou ao cárcere.



No dia 25 de Julho tornou a ser ouvido, mas nada acrescentou. Uma coisa se provara: Miguel Kinselach era mação. Confessara-o voluntariamente alegando desconhecimento das proibições da Igreja. Os outros pontos da denúncia àcerca de atitudes heréticas e palavras blasfemas haviam sido negados.

Para esclarecimento, a Mesa, em 3 de Agosto, ordenou diligências breves sumariando as culpas: «Ostenta de sábio e contumaz, abusa escandalozamente dos preceitos da Igreja, não ouve Missa em dias Santos, come carne em qualquer ocasião, ainda em dias de jejum, fazendo disto o seu maior timbre, comprovando a sua conduta com o fundamento de que os Sumos Pontificies concedem estas graças aos Principes, aos Bispos e às mais pessoas que tem com que pagar a Bulla e que sem duvida pode uzar do mesmo alimento, ainda que não tem dinheiro, porque disto zomba elle e de tal não faz cazo». Seguem-se as outras culpas já conhecidas.

O padre-comissário da comarca de Viana, José Maria de Carvalho, abade de Ensalde, procurou o principal denunciante, o furiel António Paulo de Oliveira, e foi mal sucedido. No dia 12 escrevia para Coimbra dizendo ter o Oliveira partido para Lisboa. Hospedara-se em casa de D. João de Sousa, comandante da praça de Melgaço, morador por detrás da Sé. Estava de partida para o Brasil com um filho daquele fidalgo, D. Diogo de Sousa, que ia por governador <sup>(20)</sup>.

Industriados, os inquisidores de Coimbra remeteram a requisição e o questionário ao P.<sup>e</sup> Manuel Curado Diniz, comissário do Santo Offício e vigário parochial da Nossa Senhora do Socorro.

---

(20) O abade de Ensalde não queria por certo referir-se ao governador geral que estava de partida para o Brasil, para onde efectivamente partiu em 1779. Esse governador geral não se chamava D. Diogo de Sousa mas sim Luís de Vasconcelos e Sousa, conde de Figueiró e 12.<sup>o</sup> vice-rei do Brasil, filho do 1.<sup>o</sup> marquês de Castelo-Melhor. Suponho, pois, tratar-se de D. Diogo de Sousa, mais tarde visconde de Rio Pardo, filho, na verdade, de um D. João de Sousa, marechal de campo e governador das armas da província do Minho. Se é este, não chegou a partir em 1777, pois só vinte anos depois pisou terras brasileiras, na capitania do Maranhão, após cinco anos de governo em Moçambique.



A 26 de Agosto comparecia na ermida da Senhora da Saúde o furriel que declarou ter servido na 1.<sup>a</sup> companhia de granadeiros da praça de Valença, ser natural e baptizado na freguesia da Sé de Viseu. O escrivão — P.<sup>o</sup> José da Silva Castelo Branco — aguçou a pena de pato e aguardou o depoimento. As testemunhas do auto — os P.<sup>es</sup> Manuel Delgado de Matos, vice-reitor do Colégio dos Meninos Órfãos, e António Rolim, capelão de Nossa Senhora do Socorro — apuraram por sua vez o ouvido.

António Paulo confirma o que dissera da falta de religião do arguido e do seu desprezo pelos preceitos da abstinência e jejum, e sobre os Evangelhos. Declara que podem dizer outrotanto muitas pessoas de Valença, camaradas e subalternos de Kinselach, alguns criados e o próprio abade de S. Miguel da Carreira, Dr. José Alves Mourão.

As diligências não simplificaram a marcha do processo. Os depoimentos do principal denunciante e do réu eram desconformes em certos pormenores. Portanto nova requisitória, em 9 de Setembro, remeteu a Inquisição de Coimbra ao abade de Ensalde. Era preciso ouvir as pessoas que o furriel apontara.

Assim aconteceu. O P.<sup>o</sup> Carvalho dirigiu-se a Valença, nomeou escrivão da devassa o P.<sup>o</sup> Manuel Barbosa, de Paredes de Coura, e dispôs-se a chamar as testemunhas à igreja do Bom Jesus de Valença.

Compareceu em 9 de Setembro o alferes de infantaria Salvador Caetano Pedrosa Barreto, que declarou haver sido convidado pelo réu para entrar na Maçonaria, pois tinha poderes de certa pessoa que estivera em Portugal durante a guerra de 1762. Que a proposta fora feita na presença do alferes José Rodrigues Álvares e de João Carlos da Cunha. A segunda testemunha, o cadete da companhia de bombeiros de Viana José Miguel Pereira de Eça fez igual declaração. Kinselach propusera-lhe o ingresso na Sociedade, certa vez, em casa do seu cunhado, o capitão Agostinho Carreti. No dia seguinte idênticos testemunhos eram dados pelo soldado-ajudante Carlos Luís Soares de Melo, e sucessivamente, sem muito acrescentarem, por António, criado do capitão D. Francisco de Sousa, o cura de S. Miguel, tio do abade, António Vide, criado de Kinselach, o tenente Luís José Brandão e o artífice

Luís Francisco. Até aqui, por conseguinte, provava-se apenas a culpa maçónica e mais nenhuma.

Mais valor teve a audiência de 11. Paulo Lacroix, criado do abade da Carreira, nada adeantou, mas o padre lançou luz suficiente sobre as pretendidas blasfémias do oficial belga: «todos os seus divellos e cuidados era comer bem e beber melhor, e sempre do bom binho, de sorte que elle testemunha muitas vezes o vio bem esquentado e sem seguir o fio de conversação alguma a que se pudesse dar credito». A irmã do sacerdote, Teresa Mourão de Araújo, confirmou todo o depoimento anterior. No final de contas Kinselach era um beberrão impenitente, acostumado à vida solta dos acampamentos e só por hábito, e naturalmente quando «estava esquentado» e «não dizendo coisa com coisa», proferia os impropérios sabidos. Compare-se o zelo do furriel com o tolerante juízo desse abade minhoto, graduado em Cânones pela Universidade de Coimbra e familiar do Santo Ofício!

De menor proveito foram ainda as requisitórias mandadas para Lisboa e Évora: Em 23 de Setembro o promotor Manuel de Almeida de Azevedo informava nada constar em desabono do réu.

Entretanto o processo prosseguia em Coimbra.

A 18 de Agosto Kinselach fora de novo chamado a perguntas. Começando por declarar nada mais ter a dizer de interesse para o tribunal, acaba por fazer novas declarações com que pretende justificar-se, completando outras do depoimento de 17 do mês anterior. Se praticara do rito cismático fora para divertir-se «como rapaz, que era naquelle tempo»; se discutira com o capelão sobre o valor da missa do rito ortodoxo não pretendia mais do que irritá-lo, outra rapaziada, afinal. Quisera ver o diabo por ter bebido de mais e as suas culpas, confessava-o, provinham dos seus vícios: gostava do jogo, do vinho e de mulheres. Era como o seu companheiro de prisão, Anastácio da Cunha, que sem embargo dos bons costumes «não fugia a uma patuscada com os amigos e gostava de mulheres e do vinho como todo militar que se preza».

O commissário tornou a insistir sobre outro ponto: Sabia porque estava preso? O militar não variou na resposta e falou das suspeitas



que tinha de António Paulo, suspeitas avivadas pela conversa tida com o comandante da escolta que o trouxera de Coimbra, o sargento Manuel Inácio: O furriel era vingativo, abusara da intimidade com que era tratado em casa do sogro dele, réu, empenhando certos objectos de uso doméstico. Por isso o Januário e o genro lhe haviam deixado de falar. Afinal, vingara-se.

Mas era a acusação de pedreiro-livre que pesava sobre o arguido; no fim de contas a única culpa absolutamente provada, até pela própria confissão. É sobre ela que Ribeiro da Mota volta a insistir, prossequindo, por que não dizer, a dissertação de Kinselach.

*Le franc-maçon* era livro que se vendia sem qualquer resguardo; contudo as lojas faziam todo o possível por impedir a sua expansão e publicavam outros, cheios de fantasia, destinados a sugerir a dúvida e provocar a confusão. Perguntado se queria completar as informações acerca da Maçonaria no estrangeiro, o belga entra sem constrangimento no caminho que o padre-comissário lhe apontava. Nas Províncias Unidas o grão-mestrado era exercido pelo barão de Barselen e na Inglaterra alternadamente pelo duque de Carnarvon e pelo filho <sup>(21)</sup>. Na Prússia, como dissera já, a Loja Grande foi presidida

---

<sup>(21)</sup> O duque de Carnarvon aludido no texto é provavelmente o segundo senhor do mesmo título, Henrique Brydges (1708-71), segundo duque de Chandos e segundo visconde de Wilton. O filho será Jaime Brydges (1731-89). Não julgo tratar-se do 6.º barão de Chandos, Jaime (1673-1744), pai e avô dos mencionados anteriormente, homem que desempenhou um papel de certo relevo na sociedade britânica do seu tempo, havendo sido chanceler da Universidade de S.<sup>to</sup> André e *lord-lieutenant* dos condados de Hereford e Radnor. A Pagadoria Geral do Exército, durante a guerra da Sucessão de Espanha, permitiu-lhe angariar grande fortuna, que desbaratou com largueza, em proveito seu, de amigos e de protegidos, entre os quais se contaram o grande compositor Handel e o não menos famoso Swift. São testemunhos do seu gosto pela ostentação o solar de Canons, no Middlesex, celebrado com o epíteto de *Timon's Villa* pelo poeta Alexandre Pope na carta ao duque de Burlington, publicada nos *Moral Essays*, e o palacete de Cavendish Square em Londres. Este Jaime Brydges foi primeiro visconde de Wilton, primeiro duque de Chandos e primeiro conde, primeiro marquês e primeiro duque de Carnarvon.

O título pertencera à casa dos Dormer, desde a sua criação, em 1628,



pelo rei Frederico, e «ha annos tem ouvido dizer não continua aquelle exercicio pela sua molestia da gota, e actualmente não sabe quem ali seja o Grão Mestre» (22). Em França a suprema magistratura da seita pertencia ao duque de Richelieu. (23) A grandeza dos presidentes correspondia a nobreza dos filiados, como o príncipe de Nassau-Weiburg, marqueses, condes, cujas entradas se pagavam com milhares de cruzados. Em França a Maçonaria democratizara-se porém. Eram admitidos mecânicos e pessoas de ínfima plebe (atente-se nesta notícia que vai

---

até 1708; foi renovado em favor dos Brydges em 1709, que o possuíram até 1789. Em 1793 foi atribuído à casa dos Molyneux-Herbert.

(22) Na verdade Frederico II, o *Grande*, chefio a maçonaria prussiana até o ano de 1786. Ainda poucos meses antes de morrer, naquele ano, presidiu ao Supremo Conselho do Rito Escocês, que lhe atribuíra o título de Príncipe dos Príncipes. Ao Rito Escocês fizeram a sua *obediência*, em 1762, as lojas aristocráticas de França.

Com intermitências, porém, as lojas da Prússia foram dirigidas por outros grão-mestres. Em 1777 as funções eram exercidas pelo estadista Haugwitz, e em 1784 pelo barão de Gleichen.

(23) Neste ponto as afirmações do réu não eram absolutamente verdadeiras: o marechal-duque de Richelieu nunca foi grão-mestre da maçonaria francesa. A primeira loja surgiu em Paris, no final da Regência, em 1725 (ou 1720 no dizer de John Toland), fundada por maçons ingleses que elegeram grão-mestre lord Derwent-Waters. Em 1736 as quatro lojas que já existiam na capital atribuíram a sucessão a outro britânico, lord Harnouester, a quem sucedeu como terceiro grão-mestre o duque de Antin que as dirigiu até 1767, ano em que o governo mandou encerrar a loja principal, o *Grande Oriente de França*, subsistindo, porém, secretamente, as outras, mercê de protecções da corte. A Antin sucedeu o conde de Clermont, Luís de Bourbon (1767-72) e a este o duque de Chartres, Luís Filipe de Orleães, mais conhecido por duque de Orleães, o famoso convencional *Philippe Égalité*, que usou os títulos de «Grão-Mestre da Ordem Maçónica» e «Soberano Grão-Mestre de todos os Conselhos, Capítulos e Lojas da França» (1772-93).

As principais lojas parisienses em 1784, segundo o livrinho de Thiery, eram a do *Grande Oriente* e a das *Neuf-Soeurs*, na Rua do Pot-de-Fer, ambas no edifício que fora do Noviciado dos Jesuítas, a dos *Amis-Réunis*, na rua Royale, perto da Barrière Blanche (anteriormente na rua de La Sourdière), a da *Amitié*, no bairro de Saint-Denis, ocupando uma casa cujas trazeiras davam para as pequenas cavalariaças reais, a do *Contrat-Social* na rua do Coq-Héron

ao encontro da tese das origens maçónicas da Revolução), decaía, perdia a estima dos grandes, divulgava-se o segredo <sup>(24)</sup>.

— Mas esse segredo, perguntava Ribeiro da Mota, em que consistia? Afinal qual era o verdadeiro objectivo da sociedade?

---

e a de *Thálie* na rua dos Mauvais-Garçons (bairro de Saint-Jean). Cinco anos depois, conforme o *Grande Oriente de França*, só em Paris havia 81 das 629 lojas estabelecidas por todo o território nacional. O espírito tolerante de Luís XVI e a protecção dos mais categorizados dignitários explicam bastantemente os progressos da Maçonaria. A loja do Rito Escocês *Adoption de Saint-Jean de la Candeur* contava entre os Ir. : o príncipe de Lamballe e os duques de Polignac e de Fitz-James. À das *Neuf-Socurs*, nas vésperas da Revolução, pertenciam doze eclesiásticos, regulares e seculares.

Até cerca de 1743 as lojas francesas subordinavam-se mais ou menos ao rito anglicano, designado por *Maçonaria Azul*, mas naquela data começaram a adoptar um rito próprio, o *Rito Francês*. Em 1758 passaram a ter uma feição subversiva, donde proveio a designação de *Maçonaria Vermelha*.

<sup>(24)</sup> Parte de vários autores a afirmação de ter sido a Maçonaria um dos artífices, se não o principal, da revolução francesa. Assim, por exemplo, conforme alguns, o Ir. : Bancel na loja *Progrés*, de Paris, congratulou-se na sessão de 14 de Março de 1869 com as origens maçónicas de 89, e na sessão de 16 de Junho de 1889 do Congresso Maçónico os Ir. : Amiable e Colfavru afiançaram ter sido decisiva a influência da Sociedade no *Tiers-État* durante as reuniões dos Estados Gerais e depois no tempo da Constituinte. Foram as lojas que prepararam os «cadernos de agravos» e que, de um modo geral, mandaram a Paris homens de toda a confiança, como Mirabeau, Lafayette e Siéyes. Dos 605 deputados do *Tiers*, 477 eram pedreiros-livres.

No *convento* de 1904 o Ir. : Bonnet disse: «Nos illustres FF. :. d'Alembert, Diderot, Helvetius, d'Holbach, Voltaire, Condorcet, ont achevé l'évolution des esprits, préparé les temps nouveaux... Le 25 aout 1789, la Constituante, dont plus de 300 membres étaient Maçons, a définitivement adopté, presque mot pour mot, tel qu'il avait été longuement étudié en loge, le texte de l'immortelle Déclaration des Droits de l'Homme». A mesma acção preponderante foi afirmada, por sua vez, nos *conventos* de 1910 e de 1913 pelos Ir. : Jouvin e Plauzoles. Dois autores insuspeitos, Luís Blanc e Gastão Martin, asseguram, por sua vez, que desde 1772 encontramos filiados na maçonaria francesa todos aqueles que mais tarde iremos encontrar na Constituinte, na Legislativa e na Convenção; mais ainda, que o plano da *Enciclopédia* foi redigido nas lojas.

As responsabilidades da seita não eram para muitos ponto duvidoso na própria época da Revolução. Um autor realista, Nicolau Le Franc, escrevia no



A razão do segredo, confessava Kinselach, era para ele próprio um mistério, pois na aparência não passava de uma assembleia onde todos se divertiam, comendo e bebendo e socorrendo os necessita-

---

folheto publicado em 1792 — *Conjuration contre la Religion Catholique et les Souverains*: «Toda a obra destruidora dos clubes foi preparada com antecedência pelas lojas maçônicas», o que a final não era novidade, pois que na sessão solene de 23 de Julho de 1789, realizada na loja bretã *La parfaite union* outro tanto dissera um dos oradores: «Foi dos nossos Templos . . . que partiram as primeiras faúlhas do sagrado fogo, que correndo do nascente ao poente e de norte a sul, encheu de ânimo a alma do cidadão». O mesmo afirmara a *prancha* do Grande Oriente, de 1791. Também um vintista português, João Guilherme Ratcliff, escrevendo no *Portuguez Constitucional Regenerado* (n.º 112, de 14 de Dezembro de 1821) dizia, a propósito da Maçonaria: «A revolução Francesa deve ser o nosso espelho, e ainda para este caso temos outro grande exemplo na Hespanha de 1814».

A Maçonaria perdeu em França a sua feição especulativa e deixou de ser uma sociedade aristocrática mercê, principalmente, do Iluminismo martinista, de que se fez agente em Paris o conde de Cagliostro, seguido mais tarde pelos pedreiros-livres alemães Busche e Bode.

Esta tendência que tornava a maçonaria francesa dependente do Estrangeiro, mais concretamente do sectarismo demagógico de Weishaupt (e já o Rito Escocês obedecia ao Rei da Prússia) foi combatida por Mirabeau, que a ela se opôs, contrariando em especial a atitude de Savalette de Lange, da loja dos *Amis Réunis*, da rua de La Sourdière. Pouco tempo depois, contudo, a antipatia do futuro tribuno da Constituinte haveria de modificar-se, convertendo-se ele em agente de ligação entre a seita de Ingolstadt e os Ir.: do Grande Oriente de França. Tal metamorfose é atribuída à influência da criptojudia de ascendência portuguesa Henriqueta Herz, casada com o israelita alemão Hartwig Wessely (Hartog Naftali), inspiradora e mentora de uma suspeitíssima *União da Virtude*. Deve dizer-se que esta Egéria, sem deixar de ser ninfomana, não só manteve relações demasiado íntimas com Mirabeau como com outros frequentadores do seu salão filosófico — Guilherme de Humboldt, Schlegel e Schleiermcher.

Foi da loja da rua de La Sourdière que saiu a campanha de descrédito contra Maria Antonieta durante o decorrer do *Processo do colar*. Foi ela que delegou ao Congresso europeu maçónico de Wilhelmsbad, de 1784, os condes de Mirabeau e de Virieu, e ao Convento Internacional de Fevereiro de 1785 o mesmo Mirabeau, Saint-Martin, Talleyrand, Cagliostro e o conde de Saint-Germain, amigo de Mesmer. Este Saint-Germain, que Choiseul tinha por judeu,



dos <sup>(25)</sup>. Fundara-a não sabia quem, talvez na Escócia; não era autorizada em parte alguma, oficialmente, mesmo na Inglaterra, mas apenas tolerada, o que lhe parecia injusto, pois às demais confrarias, irmandades e corporações era dada outra consideração e tratamento. E in-

---

neto de marranos portugueses, era banqueiro, agiota e um dos aventureiros mais suspeitos do final do século XVIII. Em Milão fazia-se passar por cavalheiro de Valdone, em Viena por marquês de Montferrat, em Veneza por conde de Bellemare, tendo usado ainda os nomes de conde de Tzagory, conde Soltikof, cavalheiro Schœning e príncipe Rakoczy. Alcovitou os amores de Luís XV com Mademoiselle de Romain e entrou na cabala contra a Pompadour e Choiseul. Muitos o consideraram, parece que com acerto, agente secreto de Frederico II e de Cobentzel.

Foi no Congresso de Wilhelmsbad, segundo apurou a polícia do governo bávaro em Outubro de 1786, e conforme o testemunho de Mirabeau, Virieu e Haugwitz, que ficou estabelecido o plano da revolução mundial anti-católica e anti-monárquica, que deveria começar pela morte de Luís XVI, de Gustavo III da Suécia e do Imperador da Alemanha. A intervenção maçónica no processo e suplício do Rei da França e no assassinato de Gustavo III é ponto assente, tendo-se como provável na morte de José I e na de Mirabeau, este último não só tido como traidor à Ordem como também per desnecessário e importuno, a partir de certo momento. A doença súbita e mal diagnosticada que ambos vitimou, e a explicação da origem do mal comum, conduzem a tal suspeita.

Deve acrescentar-se ainda que foram as lojas de Paris que prepararam o motim Reveillon (27 de Abril de 1789) e o das guardas francesas (27 de Junho de 1789) e que foi do bolso particular (?) do grão-mestre Filipe de Orleães que saíram os milhares de torneses gastos em aguardente e vinho na semana que precedeu o *14 de Julho*. Finalmente, que foi o Grande Oriente que preparou as eleições para a Assembleia Legislativa, e de tal maneira, que em cinco círculos eleitorais referidos por Gasc-Desfossés (Chartres, Besançon, Grenoble, Limoges e Paris) dos 90.751 cidadãos activos (com direito de voto) só 10.654 apareceram inscritos nos cadernos eleitorais. (W. Kowerski, *Israel sem máscara*, Rio de Janeiro, 1933; Leão de Poncins, *La F. .: M. .: d'après ses documents secrets*, Paris, 1942; Gasc-Desfossés, *La Révolution française*, vol. I, Paris, 1923; Pouget de Saint-André, *Les auteurs cachés de la Révolution française*, Paris, 1923; Pedro Wilding, *Les grands aventuriers du XVIII<sup>e</sup> siècle*, Paris, 1938; A. Le Flamanc, *Les utopies préévolutionnaires et la philosophie du 18.<sup>e</sup> siècle*, Paris, 1934; Raimundo Dior e Paulo Siebertz, *obras citadas*).

<sup>(25)</sup> Também o segredo maçónico é devidamente anotado no *Almanach* de Thiéry: «Les associés observent si religieusement le secret qui leur est im-

sistindo o inquiridor sobre o segredo e o mistério, Kinselach concordava que só eles, na aparência, suscitavam a proibição pontifícia e os decretos de excomunhão. Sabia-a interdita na Itália, em Espanha e em Portugal (26). Desdizia-se, pois, confessando, ao contrário do que fizera em 17 de Julho, sabê-la condenada pela Igreja.

Volvido um mês, no dia 17 de Setembro, procedeu-se ao exame *in genere*, que recaiu especialmente sobre a actividade dos pedreiros-livres estrangeiros em Portugal. Declarou então ter sabido por uma carta do barão de Ripen, capitão de granadeiros do regimento de Olivença, que em 1765 ou 1766, o signatário e outros oficiais alemães, os tenentes Dergelo e Brinken, tinham fundado uma loja em Olivença ou Elvas, não se recordava ao certo; que dois ou três anos antes assistira

---

posé, qu'on n'a encore pu connoître le but de ces sociétés ni ce qui s'y passe».

O segredo era conservado até para Ir... ocupando os mais altos graus maçónicos, os quais ignoravam deste modo o fim e certas actividades da Ordem. Com sinceridade, ou sem ela, o duque de Orleães na carta que fez publicar no *Journal de Paris* em 5 de Janeiro de 1793, afirmava não compreender o «segredo maçónico» e não o ter por aparentemente justificável, concluindo por dizer que ignorara sempre os objectivos da Sociedade que lhe confiara o grão-mestrado.

(26) Embora hajam sido as lojas as melhores autoras da revolução liberal de 1820, a Maçonaria, pelo menos de começo, continuou *fora da lei*. A tal propósito é bom transcrever alguns passos da «Correspondência» assinada por Ratcliff e publicada no *Portuguez Constitucional Regenerado* de 12 de Outubro de 1821: «He verdade, que ainda até agora o Soberano Congresso Nacional, não obstante encerrar em seu seio membros tão dignos e liberais, não revogou a infame, absurda, iniqua, e inhospitaleira ley de 30 de Março de 1818, monumento da eterna ignominia do inepto, mas atroz Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal, e do governo que, por desgraça nossa, então opprimia a nossa mal aventurada Patria, e procurava por todos os meios, ainda os mais nefandos, reduzir à estúpida, e crassa ignorancia dos seculos barbaros a Nação brava, generosa e atilada... Ouvi apregoar hoje pelas Ruas de Lisboa huma sedição, e estúpida Bulla (seria já o breve de Pio VII ou a *Constituição* de 1751) parto barbaro e disforme do tenebroso machiavelismo de hum Pontifice Romano (grande parte dos quaes apresentarão ao Universo espantado o medonho e escandaloso quadro dos mais infames vicios, e dos mais atrozes e horrendos crimes que a imaginação possa conceber, taes que a sua existencia seria incrivel se a historia nos não tivesse transmitido provas indubitaveis delles!) contra huma Sociedade por tantos e sagrados titulos veneranda e respeitavel, e cujos



à recepção daqueles officiaes e ainda de outros forasteiros, o capitão Roux, um hamburguês guarda-livros, Van Halen e um official italiano do regimento do Forte. A cerimonia tivera lugar em uma casa de pasto da Calçada da Estrela, onde estava hospedado um francês.

Neste ponto o preso calou-se. Parecia estar exaurida a copiosa nascente. O Commissário mudou então de assunto: voltou à controvérsia sobre os crimes de heresia. Kinselach tornou a defender-se enérgicamente: ou estava embriagado ou as palavras que lhe haviam sido attribuídas jámais as pronunciara. Talvez comesse carne em dias defesos, seria mesmo certo, mas em casa de outrem, por exemplo na do coronel conde de Schulemburgo, que tinha dispensa. Tanto insistiu o inquiridor que o arguido acabou por ajoelhar e com as mãos postas sobre o missal exclamou que não era blasfemo, que era tudo uma injustiça e uma falsidade.

O exame prosseguiu dias depois, acrescentando o réu que só o capitão Ricardo Muller pertencia à sociedade dos pedreiros-livres e que por conhecer as leis do Reino se negara a iniciar duas pessoas de Valença, uma delas D. Diogo de Sousa, o que não concordava, diga-se de passagem, com os depoimentos prestados por vários ao abade de Ensalde. Nesta mesma audiência forneceu Kinselach um pormenor curioso: a livraria do brigadeiro Diogo Ferrier era copiosa e escolhida. E nada mais disse nesse dia.

O tempo passava. Era preciso satisfazer o pedido instante do secretario do Conselho Geral do Santo Offício, de 11 de Setembro.

---

principios e maximas tem por base a mais acrysolada claridade, a cultura das sciencias e artes uteis á humanidade, e huma philantropia e tolerancia universais; contra huma Sociedade que tem contado, e conta em o numero de seus Membros tantos Imperadores, Reys, Principes Soberanos, e até mesmo Pontifices e Cardeaes, e hum sem numero de Homens distinctos por suas luzes e virtudes... E consente-se no seculo das luzes, da Philosophia e da Tolerancia, e debaixo do illustrado e benigno regimen do Systema Constitucional que publicamente se trabalhe por derribar o magestoso edeficio que a tanto custo, com tanto denodo e sabedoria temos erigido, corrempendo a opinião do Povo simples e ingénuo!».



Por isso, a 19, ao passo que o tribunal de Coimbra comunicava a partida de José Anastácio na madrugada de 21, acompanhado pelo solidador José Rodrigues de Carvalho, mais dizia: «e se concluirá (o processo) de Miguel de Kinselãa até ao fim da semana seguinte, se renunciar às contraditas que com pouco fruto lhe serão uteis, por se lhe não provar a mais culpa de herezia, de que foi indiciado, estando confesso na confraria dos Pedreiros Livres, que he a culpa provada pella justiça e sua confissão». Daqui resultou a pressa posta nas últimas diligências efectuadas em Coimbra.

No dia 22 é ouvido *in specie*. Acusa o Ferrier de ser o principal culpado de difusão das doutrinas maçónicas pois era ele quem emprestava os livros proibidos, servindo de intermediário José Barreto; que a leitura lhe abalara as crenças; que o haver dito ter autoridade para fazer mações é afirmação de que se não recorda. E os episódios do nada dramático processo sucedem-se velozmente. A 25 é-lhe lido o libelo e mandado designar advogado dos auditórios de Coimbra; em 26 é o réu quem dispensa procurador: em 28, finalmente, ouve a leitura da decisão do tribunal:

«Que em pena e penitencia de suas culpas vá ao Auto publico de Fé com habito penitencial na forma costumada, nelle ouça sua sentença em que se declare que incorreo na (pena) de excomunhão major, de que era absoluto in forma Ecclesia, confiscação de todos os seus bens para o Fisco e Camara Real de S. Magestade, faça abjuração em forma de seos hereticos erros, tenha penitencias espirituaes e instrução ordinaria, e tres anos de reclusão na Caza de Congregação do sitio de Rilhafoles, que lhe assignão em lugar de degredo».

Conclusos os autos em 3 de Outubro, a 6 eram vistos no tribunal de Lisboa e examinados na primeira audiencia do dia seguinte pelo cardeal da Cunha. O Conselho Geral na reunião de 9 confirmava a sentença da Inquisição de Coimbra, fazia assinar ao réu o termo de segredo e por acórdão determinava que saíria no auto público de domingo 11 e que padeceria reclusão e degredo de 6 anos em Rilhafoles e em Lamego.

Depois foi o auto, que já relatei, e de seguida as admoestações

e conselhos: que não voltasse a incorrer no desagrado do Santo Ofício, que no primeiro ano de reclusão se aproximasse mais do sagrado tribunal da penitência, pelo Natal, Páscoa, Pentecostes e Assunção de Nossa Senhora, que rezasse o terço todas as semanas e às sextas-feiras se lembrasse da paixão do Senhor, dedicando devotamente às Chagas de Cristo cinco Padres-Nossos e cinco Ave-Marias.

Como se vê a pena era moderada. O processo decorrera sem violências escusadas e a Inquisição dera por não provado o crime de heresia, aceitando por boas as declarações das testemunhas e do réu, levando à conta de inimizade e vingança a denúncia do furriel de granadeiros. O pior era a pena de prisão e degredo. D. Maria I perdoou o segundo. Por graça de 23 de Janeiro de 1781 Miguel Kinselach recuperava a liberdade.

O destino que teve depois não o sei. Talvez passasse à América do Norte a alistar-se nas hostes de Washington, desejo que havia manifestado; talvez houvesse continuado em Portugal e morrido obscuramente. São incógnitas que não pude resolver.

Um Documento português sobre a «Jornada  
de Inglaterra» precedido de algumas considerações

por Durval Pires de Lima



Um Documento português sobre a «Jornada de Inglaterra» precedido de algumas considerações

«N A guerra naval o êxito absoluto constitui a excepção e a batalha indecisa é a regra geral». Esta afirmação do almirante Harper no relatório sobre a batalha da Jutlândia como resposta aos comentários que se fizeram à atitude de Jellicoe e de Beatty e ao resultado, quase desfavorável para a Grã-Bretanha, do encontro das duas esquadras inimigas, deve aplicar-se, igualmente, à *batalha dos Dez dias* ou *do Canal* entre as frotas inglesa e espanhola em 1588 (29 de Julho a 8 de Agosto [19 a 29 de Julho do calendário Juliano, usado ainda no reinado de Isabel]).

Sob o aspecto militar nenhum dos marinheiros britânicos que viu seu nome ligado ao que se costuma chamar *o desastre da Grande Armada — Invencível* na irónica expressão dos bretões — se pode orgulhar, com verdade, de ter sido a arma de que o destino se serviu para lançar por terra o sonho de Filipe II. A vitória jamais se inclinou para um ou outro partido em luta. Bafejou de passagem alguns capitães, de um e outro campo, e mais não fez. Todavia, se triunfo militar absoluto não houve, é inegável que olhando os sucessos pelo seu lado político os saxões alcançaram o seu objectivo.

Tais afirmações e as seguintes servem de comentário à carta no final publicada e que, apesar de singela e curta, tem o valor de haver sido escrita por uma testemunha presencial dos acontecimentos. Não possui a concisão dos *Diários* impressos pela CODOIN, extrata-

dos dos arquivos de Simancas e de Villafranca, nem a minúcia de relato em que se compraz Pedro Calderon; todavia julgo ser a única fonte chegada até nós, escrita em português e por um português.

Foi seu autor o mestre do galeão *S. João*, que numa deplorável modéstia se contentou com o anonimato; igualmente é desconhecido o destinatário. Apenas se sabe que essa carta foi escrita na Corunha a 19 de Outubro de 1588, semanas apenas, senão dias, após a chegada àquele porto galego. O *S. João*, o mais poderoso dos navios da *Esquadra de Portugal*, não havia de regressar a Lisboa; ardeu no ancoradouro espanhol no ano imediato <sup>(1)</sup>.

Feito este esclarecimento volto às considerações interrompidas. Passarei a expor os antecedentes, o plano, a força das esquadras adversas, a capacidade dos comandantes e a sua estratégia e finalmente as condições locais do teatro da luta.

## § 1.º

### OS ANTECEDENTES

O acaso fez então que o pretexto religioso servisse os fins do rei de Espanha. A luta, se era o duelo entre dois grupos de confissão diferente, resultava igualmente de preocupações de natureza política e de complicações de ordem económica. Entre as primeiras sobresaía a questão flamenga e a par dela os problemas francês e português; nas segundas a rivalidade marítima e comercial da Inglaterra.

Em 1566, depois de uma série de acontecimentos que bem prenunciavam a revolta, a maior parte da nobreza flamenga acaudilhada pelos príncipes de Orange e de Nassau, os condes de Egmont e de Horn e o barão de Montigny insurgiu-se contra o governo filipino, apriou Margarida de Parma e desencadeou uma guerra sem quartel na qual participaram a burguesia e a plebe e bem assim os protestantes da França, Alemanha e Inglaterra.

---

(1) Biblioteca Nacional, caixa 1, doc. n.º 31.

A crise económico-financeira que sofriam as Flandres, motivada pelas guerras do equilíbrio europeu terminadas havia pouco com a vitória castelhana de S. Quintino, a antipatia pelo príncipe estrangeiro que era Filipe II, tão espanhol como Carlos V fora flamengo, o espírito insubmisso e independente da aristocracia e das comunas, que se não podia convencer das ideias centralizadoras do *Católico*, a expansão do credo luterano e calvinista e o receio da natural reacção ortodoxa, tudo conjugado atirou para a luta contra a Espanha as províncias de Holanda, Zelanda e Utrecht.

As propostas sensatas de Rui Gomes da Silva para aquietar os descontentes, salvando a Flandres para a monarquia católica, não tiveram eco; pelo contrário prevaleceu a doutrina da violência, defendida pelo duque de Alba. E então as cenas de barbárie repetiram-se de parte a parte. Em campo raso os terços castelhanos e os flamengos fiéis de Arennberg levam a melhor: os apaniguados do *Taciturno* são vencidos em Flemmingen, Jammapes, Mook e Gemblours. Também algumas das suas cidades fortificadas, como Harlem, Leyd e Antuérpia, são assaltadas e pilhadas. Os *maltrapilhos* vingam-se, e daquela forma cruel contada por Ernesto Daudet em *Le voyage de Shakespeare*. Mas postos em extrema miséria entram em relações com a França e com Isabel, lutando ao mesmo tempo para conservar o litoral que lhes assegura as comunicações com a Inglaterra e impede a chegada de reforços espanhóis.

O auxílio britânico torna-se cada vez mais pressuroso, e por comunidade de religião e de interesse político a intervenção traduz-se em dinheiro e homens. Depois do assassinato de Guilherme de Orange o governo isabelino propõe João Casimiro para rei das Províncias Unidas. É o seu *homem de palha*, que representa a ponte lançada entre a ilha anglicana e os *pölders* calvinistas. Todavia aparece um outro competidor, o duque de Alençon, irmão de Henrique III de Valois.

De qualquer modo Madrid perderia o litoral holandês e no dizer de Luís Bertrand «era um dogma da política castelhana que sem a Flandres a Espanha deixava de ser uma potência europeia». A Filipe II impunha-se pois, a todo o transe, esmagar esses holandeses rebeldes que faziam perigar a hegemonia dos Habsburgos. Com o prote-



gido de Isabel seria esta a comandar a Flandres; com o Valois seria a França, velha adversária que não hesitaria, como no passado, em aliar-se aos inimigos da fé para vencer os Áustrias. Ao perigo que representaria tal successo por parte do último dos Valois juntava-se o escândalo da protecção que a Corte, Catarina de Médicis e os huguenotes de Henrique de Bourbon dispensavam ao infeliz rei de Portugal, vencido em Alcântara.

Da Inglaterra as queixas não eram menores. Os marinheiros britânicos não fugiam, sempre que as ocasiões lho proporcionavam, de assaltar os barcos espanhóis e as colónias mais prósperas da monarquia. A segurança dos mares via-a Castela ameaçada, com grave dano para a sua economia e para a finança do Estado. Os seus representantes diplomáticos em Londres protestavam, mas por maior que fosse a boa vontade dos ministros de Isabel, a existência de uma marinha já poderosa e em contínuo crescimento obrigava-os a tolerar a guerra de corso, ilegal em tempo de paz, mas único recurso para sustentar tripulações numerosas que a pobreza do reino não comportava. A soberana com a sua condescendência aliviava o paupérrimo pecúlio da Coroa de uma despesa necessária, embora excessiva para ela, angariava novas receitas com a parte que nas presas cabia para o tesouro e aumentava a popularidade, entre a nação fervorosamente anti-papista. Dissimulando, protelando para o dia imediato a solução dos mais graves problemas, indecisa no caminho a seguir, Isabel soube embalar e iludir até certo ponto o orgulho do *Católico* na esperança de um acordo, até o momento em que ele verificou que só das armas dependeria a solução do magno problema, complicado com os casos holandês e português.

A Inglaterra, repito, erguia-se diante do duque de Alba como protectora natural dos reformados das Províncias; fornecia-lhes armamento e cabedais, apesar da penúria, e adoptando uma *neutralidade colaborante* organizava expedições militares que, aliás, lhe não deram louros. Ora se a filha de Henrique VIII animava a rebelião flamenga, para Filipe era igualmente culpada de outro delicto: albergar o prior do Crato e acalentar-lhe as esperanças de um regresso ao trono.

Com efeito, a partir de 1585, é na Inglaterra que D. António

vem encontrar apoio. Antes de morrer, o soberano exilado escreverá da rainha Isabel: «Ela foi de quem nestas partes recebi mores favores e mercês e em quem conheci sempre vontade mais pronta para me assistir na restauração dos meus reinos». A França tornara-se-lhe perigosa, pois sucediam-se os atentados e, como se tal não bastasse, a *Liga* comprometera-se a extraditá-lo em troca do apoio às suas pretensões, o que nesse tempo, no ajuizar dos homens honestos, não cegos pela paixão partidária, era um feio negócio, esse de entregar aos seus inimigos um refugiado político. Mas Walsyngham velava pelo príncipe português, desfazia as conjuras, precavia-o, como um *gentleman*, das combinações e planos iníquos dos Guise, e animava-o. D. António trama uma aliança com o sultão de Marrocos e com os Estados Gerais, duplo entendimento patrocinado por Isabel, e alguns dos seus partidários são, ou serão, tantos outros agentes que mantêm a Inglaterra ao corrente dos planos do usurpador.

Estas razões eram assim de sobra para mover Filipe II a teimar na expedição punitiva que ficou conhecida pela *Jornada de Inglaterra*.

A conquista de Portugal havia com efeito sugerido a certos governantes britânicos o pretexto para amiudarem os atentados contra as terras debaixo do domínio espanhol. Ajudar D. António era uma razão já de si poderosa para vencer os receios da rainha Isabel. A pirataria, acto de latrocínio agora disfarçado em operação de natureza política e militar, converter-se-ia na legitimada guerra de corso. Foi o que sugeriram Leicester, Walsyngham e Hawkyns ao almirante Drake, mas o receio de represálias conteve a soberana <sup>(2)</sup>.

Entretanto, em 1585, e para suprir a falta de trigo, o príncipe espanhol deu bom acolhimento a certo número de navios mercantes ingleses carregados daquele cereal, atentando em seguida, no dizer de Corbett, contra o direito das gentes, pois ordenou o arresto desses navios. Apenas um único, o *Primrose*, de Londres, alcançou chegar a Inglaterra, depois de ter aprisionado em Bilbao o corregedor da Bis-

---

(<sup>2</sup>) Com tal pretexto tentaram os Ingleses desembarcar em Moçambique e no Brasil, entre 1590 e 1591, sendo repellidos pelos Portugueses que não acreditaram na sinceridade e desinteresse dos aliados.



caia e certo número de mareantes. Por eles se soube então dos grandes projectos do governo espanhol contra a Grã-Bretanha.

Sob a pressão dos comerciantes e do partido anti-castelhano Isabel cedeu por fim: a viagem de Drake às Índias ocidentais foi autorizada, como também se concederam cartas de corso e se decretaram diferentes medidas a título de represália.

O empreendimento de Drake teve grande popularidade e não só a cidade de Londres como outras povoações armaram diversos navios que se juntaram aos do almirante, ancorados em Plymouth. A expedição que se preparava contava ainda com subsídios em dinheiro concedidos pela Rainha, por entidades oficiais e particulares e pela Joint Stock Company. Os navios de maior tonelagem, *Elizabeth Bonaventure* e *Aid*, pertenciam à Royal Navy e o *Leicester*, agora duma sociedade particular, fora a esta cedido pelo estado e havia sido, em 1582, a almiranta de Fenton. Ao todo eram 25 velas com cerca de quatro mil tonéis. Drake hasteava a sua bandeira no *Elizabeth* e tinha por adjunto o melhor oficial prático da Inglaterra tudoriana, Tomás Fenner. A *Primrose* levava as insígnias do vice-almirante Martinho Frobiser; no *Tiger* embarcara Cristóvão Carleill, tenente-general do contingente de desembarque, que seria de dois mil e quinhentos homens, e no *Hope* o matemático e engenheiro de nomeada Eduardo Careless-Wright, amigo e cooperador de Hakluyt.

A esquadra partiu no começo de Setembro e regressou em Junho do ano seguinte, 1586, depois de ter causado grandes prejuízos à Espanha, em terra e no mar. Sofreram particularmente a violência dos corsários as povoações de S. Domingos, Panamá e Cartagena das Índias. O comércio em Cuba e no México quase paralizou, e embora os lucros apurados fossem inferiores aos previstos o resultado foi animador. O marquês de Santa Cruz, D. Álvaro de Bazan, procurou, mas tardiamente, perseguir os Ingleses cujos excessos Isabel oficialmente deplorou em carta para Filipe II.

É depois da expedição às Índias ocidentais de Castela que Sir Francisco Drake retoma o plano de favorecer as pretensões de D. António completando-o por uma aliança com os Turcos e os Holandeses. Na combinação entraram Leicester e Walter Raleigh que procuraram



atrair a si a rainha Isabel. O desinteresse que os Estados Gerais depois manifestaram tornou infrutífera essa combinação.

Sangrada duramente a economia espanhola pela iniciativa de Drake, nem mesmo assim abrandaram os preparativos da *Jornada de Inglaterra*. Quer dizer, pois, que as medidas preventivas destinadas a fazer abortar o plano de Filipe II não tiveram o resultado esperado.

Com efeito, más notícias continuavam a chegar de Espanha. Em Dezembro de 1585, no momento em que Drake atravessava o Atlântico de Leste para Oeste, depois de ter salteado as ilhas de Santiago e do Fogo, no arquipélago do Cabo Verde, o Conselho recebeu de Dartmouth uma comunicação anónima, escrita no dia 10, com as informações prestadas por um certo Walter Squior, mercador chegado de Lisboa. Segundo ele estavam já no Tejo oitenta urcas de Holanda, Zelanda e Hamburgo, vinte galeões de Castela e quarenta navios da Biscaia. Eram barcos da mais variada tonelagem, de cem a oitenta tonéis. Esperavam-se a todo o momento duas naus da Índia e quatro galeotas de Nápoles. O galeão de Malaca chegara a salvamento com carga no valor de oitocentos mil ducados. Em Lisboa achavam-se também, afirmara Squior, trinta mil alemães, vinte mil italianos pagos pelo Papa, cinco mil espanhóis de tropa escolhida e sete mil portugueses, que o Senado da Câmara de Lisboa levantara por sua conta. Em Sevilha ia grande azáfama nos arsenais. Segundo se dizia os Espanhóis tentariam em primeiro lugar assonhear-se da ilha de Wigth, que converteriam em base de operações contra a própria Grã-Bretanha.

Do agente secreto Bland, de serviço em Plymouth, recebiam-se no começo de Janeiro de 86 mais informes colhidos em cartas particulares, trazidas por um navio em viagem de Lisboa para Emden, e arribado àquele porto britânico em 7 de Janeiro. Assim, um certo negociante holandês chamado João Claus, domiciliado em Lisboa, contava ao irmão, Pedro Claus, de Delft, em carta datada de 22 de Dezembro, que o rei de Espanha mobilizava todos os navios disponíveis, sem olhar ao tamanho. De uma outra carta dirigida a Daniel Hoskyn, residente em Lisboa, apurara-se que o monarca castelhano se interessava pessoalmente pelo abastecimento da armada, e doutra ainda (que Mateus Downe, mercador flamengo de S. Lúcar escreveu em 7 de

Dezembro para Ember Policornus, de Middelburgo) que daquele porto haviam partido doze barcos com abastecimentos. Em penúltima carta, Daniel Flamy, que negociava em Lisboa, queixava-se ao irmão, Adão Flamy, de Delft, da paralização do comércio em virtude do autentico bloqueio que os ingleses punham aos portos da Península. A frota do Brasil, de trinta velas, caíra nas mãos dos corsários insulares. Na última interceptada, e igualmente datada de Lisboa, 9 de Dezembro de 1585, Hans Menegen dizia a Hans Ellers, de Hamburgo, estar resolvido a regressar à Alemanha por estar eminente a guerra com a Inglaterra.

São do mesmo mês mais estas duas notícias, que resumo, uma escrita em S. Sebastian, a 13 de Janeiro, outra de S. Lúcar, a 10. Na primeira referia-se o descontentamento e a miséria resultante do estado de guerra com a Inglaterra e do consequente bloqueio. Uma fanga de trigo não se comprava por menos de 22 reales, quando não faltava. O espião contava haver em Lisboa grande assembleia de navios e tropas. Em notícia de S. Lúcar denunciava-se ficarem nesse porto reunidos trinta e seis navios muito bem aparelhados, contando-se entre eles os seis novos galeões de escolta da carreira das Índias occidentais.

A informação comunicada de Espanha a 16 de Janeiro fornecia novos pormenores. Após alusões várias a negócios internos da monarquia espanhola, e a Drake e aos seus marinheiros, o anónimo dizia estarem concentrados em Lisboa cento e vinte e cinco navios, que se falava de outros armados na Biscaia, e de que a Liga Católica estava em via de execução. Tudo se tramava em casa de um papista inglês, Sir Francisco Inglefield, e o assunto fora também matéria de estudo nas Cortes reunidas em Monzon, em Agosto de 1585. A coalisção compreendia os reis de Espanha e de França, o Papa, os duques de Sabóia e de Guise, e possivelmente o Imperador e o grão-duque da Toscana.

Volvidas duas semanas era o *poor orator* Guilherme Melsam quem por sua vez acrescentava novos elementos sobre os preparativos espanhóis. Dizia haverem sido comprados pela Coroa, em Jerez, doze mil fangas de trigo com grave prejuízo da alimentação pública. Visitara os portos de Santa Maria e Cádiz, onde observara a maior acti-



vidade, bem como em Sevilha. Em Cádiz contara cento e dezasseis barcos, pequenos e grandes, e em Lisboa e Setúbal uma centena, estando já preparados para o embarque cinquenta mil homens. O Papa, por sua vez, comprometera-se a enviar um contingente igual e também um certo número de navios. Mais constava que Filipe II, que tinha cumplicidades na Grã-Bretanha, presumia poder desembarcar cento e cinquenta mil homens na Escócia, na Irlanda e na ilha de Wight, reservando mais cinquenta mil para o ataque directo à Inglaterra.

No mês seguinte, março, Tomás Stone, de Plymouth, onde chegara no dia 19, tendo saído de Lisboa na semana anterior, depois de dois meses de estadia, informava por sua vez que vira no Tejo três urcas e brulotes, quatro grandes navios de alto-bordo e duas pinças. Sabia de certeza estarem em Sevilha, completamente armados, trinta galeras e galeões e que haviam chegado a Lisboa, segundo lhe dissera Ricardo Graunte, vinte e duas urcas irlandesas bem aparelhadas e armadas. Por um navio de Leith, arribado a Dartmouth em 24 de Março, que saía de S. Lúcar no dia 11, soubera também que naquele porto se aprestavam vinte e seis navios biscainhos mas que não constava terem passado o Estreito os barcos ragusanos que eram esperados.

E as denúncias continuam. A 9 de Abril era o mercador londrino Guilherme Dawx, chegado de S. João de Luz no *Solomon*, quem advertia o Conselho da Coroa de haverem partido para S. Lúcar três ou quatro navios de alto bordo e algumas galés que deveriam seguir depois para Lisboa, onde se esperavam o Rei e navios com trigo, enviados pelo governador da Biscaia. Em 13, o agente secreto Ricardo May informava por sua vez que soubera de vários comerciantes vindos de França, André Jones, João Woodward e Agostinho Skynner, e de diversos espíões, Ingat, Curties, Wiseman e Hassal, que a Liga Católica era dada como certa, que o Papa a aprovara e que o rei de França enviara a Filipe II um valioso subsídio. Hassal, que estivera em Aymonte, Ferrol e em Portugal, dizia haver reunidos já cinco mil soldados, que os Portugueses eram obrigados a tratar com liberalidade apesar da tirania por eles exercida. E a 3 de Maio novo comunicado, este anónimo: a concentração naval contava já com nove galeões de 500 a 1.000 tonéis, dois navios da carreira das Índias ocidentais, também de 500 tonéis, e sete pequenas unidades. Todos eles poderiam trans-



portar 4 mil homens com a artilharia necessária e as munições competentes. O estado recorrera ao imposto que fora aplicado na sustentação da guerra contra a mourama, a *alcabala*, embora o recurso motivasse alguma resistência. Os Espanhóis sentiam-se espionados, receavam mesmo qualquer acto traiçoeiro e por isso a vigilância que exerciam era muito aturada. De duas cartas de Bordeus, dos meados de Maio, o governo britânico colhia novos elementos: ambas confirmavam os preparativos e os desígnios do rei Filipe, mas numa delas afirmava-se que o monarca nunca poderia juntar oitocentos navios para empreender a *Jornada de Inglaterra*. As dificuldades financeiras já se tinham manifestado — falira o Banco de Sevilha e o de Veneza estava em apuros.

São do ano de 1587 os comunicados e mais informações que vou passar a referir, e por ordem cronológica o primeiro consta do ofício de Drake e Walsyngham, de 27 de Abril. Realizara-se já a surpresa de Cádiz, de graves consequências para os Espanhóis, e o almirante, de bordo do *Elizabeth Bonaventure*, dizia não pararem os preparativos do príncipe castelhano, aliado com certos dinastas italianos que lhe tinham fornecido mantimentos para sustentar durante um ano um exército de quarenta mil homens. Drake receava, ou tinha denúncia do desembarque ser tentado na costa do condado de Sussex. Em outro ofício da mesma data, conquanto endereçado ao pastor e historiógrafo João Foxe, o almirante, falando dos projectos filipinos, acrescentava do seu próprio punho: «São muitos os nossos inimigos, mas o nosso Defensor manda no mundo inteiro; continuemos a rezar que o Senhor Jesus nos dará por sua misericórdia melhores dias».

Decorrido cerca de um mês o comandante do *Dreadnought*, Tomás Fenner, cruzando defronte da ponta de Sagres, prevenia Walsyngham que obtivera algumas informações precisas durante a tentativa de surpresa ao castelo de Cascais, no dia 10 de Maio: que Lisboa e alguns portos da Andaluzia eram os locais de concentração da armada e que no Tejo estavam prontos a partir para o mar trinta e dois navios; que da Sicília, Nápoles e outros pontos de Itália haviam chegado cerca de duas dezenas de galés com mantimentos.

Nos começos do verão mais comunicados são recebidos em In-

glaterra dos agentes da *Intelligence*. Por eles se sabe que um mercador dantzigota chamado Hans Frederick, chegado de Setúbal a Portsmouth em 11 de Fevereiro, tivera notícia de estarem ancorados nos portos de S. Lúcar, Cádiz, Gibraltar, Velez, Marbella e nos da província malaguenha tresentas embarcações com vinho e azeite; que vira em Lisboa muitos outros da Holanda, da Hansa e do Báltico, que haviam trazido carnes secas e salgadas; que continuava a afluir o trigo, de Castela e de outras partes; finalmente, que a 21 de Janeiro chegara também ao Tejo o *Galeão de Florença*, imponente baixel de 300 peças (aliás, 86) do grão-duque Fernando da Toscana. Não menos preciosas eram as referências colhidas de um certo Gilberto Tysen vindo de Lisboa a 3 de Setembro. Vira trinta galeões dos Estreitos (Andaluzia, Levante e Itália), quatro galeotas de seiscentos tonéis, vinte e sete brulotes e urcas com mantimentos para a armada e mais catorze galés. Muitos outros navios estavam ancorados no Tejo, mas todos de insignificante valor. As tripulações heterogêneas, embora com predomínio de Flamengos, praticavam com frequência actos de insubordinação.

A 25 de Setembro era ouvido pelo escrivão do Conselho, Guilherme Waad, o marinheiro António Wheatly que estivera preso nos Açores por denúncia e chegara a Lisboa em 25 de Julho. Das informações deste mareante, bastante precisas, colhe-se que naquele mês estavam ancorados no Tejo catorze galeões de Portugal e um de Florença, que daqueles os mais importantes eram o almirante — o *S. Martinho* — de mil tonéis e noventa peças (aliás, 48) o *S. João*, gémeo daquele, e o *S. Marcos*, de 700. Os restantes tinham uma tonelagem que ia de duzentos e cinquenta a quatrocentos. O galeão de Fernando de Médicis era o mais poderoso e altaneiro de todos, comportando 1200 tonéis (aliás, 961). Ouvira dizer que em Cádiz estavam a ferros quatro galeotas de Nápoles e que em Lisboa se aguardavam os navios da Biscaia e catorze mil italianos arregimentados para a *Jornada de Inglaterra*.

Meses antes, o serviço secreto da Coroa conseguira também desfazer um conluio papista que tinha por fim o assassinato do almirante Francisco Drake ou o seu rapto. Três padres, dois deles jesuítas, Co-niars, Southwel e o dr. Allen, depois cardeal, tentaram em vão desem-



barcar em North Foreland com a ajuda de um certo Ingram Greine, marítimo, e da filha. Aqueles conseguiram escapar mas os dois cúmplices foram enforcados.

Aludi de passagem à surpresa de Cádiz, de graves resultados para a organização da *Armada de Inglaterra*. As consequências da acção abortiva de Drake, muito superiores às da expedição às Índias ocidentais de Castela e à guerra de corso, não impediram contudo que a jornada se efectuasse. Os prejuízos foram grandes, é verdade, mas maiores teriam sido se o governo da rainha Isabel seguisse os conselhos do seu almirante, criando uma base de observação temporária junto do cabo de S. Vicente, no extremo ocidental algarvio. A surpresa de Cádiz teve ainda como resultado apressar os preparativos, pois se tornara evidente que das demoras só teriam a lucrar os Ingleses. É verdade, também, que dessa iniciativa resultaram naturalmente inconvenientes, pois aquele ou aqueles que tenham estudado o tempo preciso que levou à formação da armada recuperadora da Baía, em 1625, e à do conde da Torre, em 1637 pode avaliar o que era preciso para vencer as dificuldades resultantes da junção de uma força naval de importância, da reunião dos mantimentos e munições e do transporte e agrupamento da infantaria de desembarque. E as armadas de 1625 e de 1637 não comportaram o número de velas e de homens que se requeriam para a *Armada de Inglaterra*.

Se os Espanhóis, depois das operações de 1585-86, perceberam que havia toda a vantagem em não perder tempo, os Britânicos, por seu lado, concluíram do mesmo modo. Se o primeiro golpe assestado não logrou o fim, era forçoso quanto antes, custasse o que custasse, vibrar o segundo. É uma velha regra da estratégia e da tática que a defensiva estática não conduz pelo melhor e mais rápido caminho à vitória. Pelo contrário, a ofensiva, embora com carácter defensivo, como os Ingleses iam praticar, e praticariam mais tarde, era meio caminho andado para os fins que pretendiam. «El que dá primero dá dos veces», assegura um provérbio. Os Ingleses fizeram-no na Eclusa durante a guerra dos *Cem anos*, tinham-no feito já na expedição às Índias e fá-lo-iam de novo na expedição a Cádiz. Atacar as bases de partida dos adversários eis o grande naipe para o jogo da guerra. Cádiz, Brest e Trafalgar, Zeebrugge e o litoral belgo-holandês são episódios



capitais na história dos grandes conflitos travados entre a Grã-Bretanha e as potências continentais que lhe disputaram a hegemonia.

As informações colhidas nos navios apresados e pelos agentes britânicos capacitavam a rainha Isabel de que não só as intenções de Filipe II persistiam como eram verdadeiras essas informações acerca do destino e dos formidáveis preparativos da expedição. O facto de a Inglaterra não estar oficialmente em estado de guerra com a Espanha não ia fazer mudar de opinião os responsáveis pela segurança da Ilha. A surpresa de Cádiz foi juridicamente um acto condenável e os que a planejaram e executaram *criminosos de guerra* na acepção actual do termo. Não é exigida uma dialéctica subtil para se aproximar a acção do almirante Drake das operações congêneres de Copenhague e de Buenos Aires, durante as guerras napoleónicas, de Porto Artur em 1905 e do Porto das Pérolas em 1941.

Já na reunião do Conselho de 25 de Dezembro de 1586 ficara decidida a *Cadiz voyage* e que a concentração naval se faria em Portsmouth até 20 de Março do ano imediato. Lê-se na acta: «For to impeach the provisions of Spain: there must be a consultation to make the Queen's Navy ready to be at Portsmouth before the 20 th. March. Order to stay all warlike ships belonging to merchants and to have them ready». Do mesmo documento consta que nessa reunião de 25 de Dezembro foram tratados outros assuntos respeitantes à guerra com os Habsburgos: a concessão de um subsídio de 50 mil coroas em dinheiro esterlino (£. 15.400) ao senhor de Guitry, conselheiro privado de Henrique de Navarra; as condições a propor a João Casimiro sobre o pagamento dos mercenários alemães para o prosseguimento da luta no continente; as estipulações que levariam o conde de Leicester, Nicolau Gorges e outros, para negociarem um entendimento com os estados de Holanda e Zelanda, de modo a dispersar as forças navais espanholas com agressões às colónias distantes.

As providências para a concentração de Plymouth foram tomadas com tamanho cuidado que só nos começos de Março, quando os navios foram chegando, alguma coisa transpirou.

Na data estipulada estavam juntos no porto do Canal dezasseis navios e sete pinças, desta forma distribuídas: da Royal Navy o *Elizabeth Bonaventure*, o *Golden Lion*, o *Dreadnought*, o *Rainbow* e

as *Spy* e *Makeshift*; do Almirantado o *White Lion* e a *Cygnets*; da Companhia levantina o *Merchant Royal*, o *Susan*, o *Margaret and John*, o *Solomon* e as três *Bonaventure* (o *Edward*, o *George* e o *Thomas*); de Drake o *Minion*, o *Thomas* e o *Elizabeth* e a barca *Hawkyns*. Havia ainda de armadores do Canal um veleiro, o *Little John*, e três pinças, *Elizabeth Drake*, *Speedwell* e *Post*. Um total de 4.895 tonéis, medida de Inglaterra. Drake arvorara o seu pavilhão no *Bonaventure*, da Navy, e o vice-almirante Guilherme Borough, uma sumidade na arte do mar, no *Golden Lion*. O *Merchant Royal* era comandado pelo capitão Roberto Flick, um dos mais famosos *merchant adventurers* e homem influente na célebre *Draper's Company*. Comandaria a *Revenge*, da esquadra de Tomás Howard, na expedição contra os Açores, em 1591.

Nas *Instruções* dadas a Sir Francisco Drake estipulava-se como objectivo fundamental da *Cadiz voyage* impedir as concentrações navais dos Espanhóis «to prevent or withstand any enterprise as might be attempted against her Highnesses dominions», e Walsyngham escrevia na carta para o embaixador junto de Henrique III, Sir Eduardo Stafford: «His comission is to impeach the joining together of the King of Spain's fleets out of their several ports, to keep victuals from them, to follow them in case they should be come forward towards England or Ireland and to cut off as many of them as he could and impeach their landing». Assim, na previsão da *Armada* sair para o mar nesse ano de 1587, vencendo as dificuldades criadas pela esquadra inglesa (interdição dos mantimentos e das concentrações) competiria a Drake e aos 23 navios impedir o desembarque na Inglaterra e na Irlanda, o que seria um encargo pesado em demasia para tão pequeno número.

Havendo chegado a Plymouth no dia 23 de Março, Drake gastou uma semana a desfazer os laços traçoeiros que por sua vez os Espanhóis lhe haviam armado. As deserções foram muitas e embora a pena capital fosse aplicada sem recurso, o almirante viu-se em sérias dificuldades para substituir muitos dos que o dinheiro dos agentes de Filipe II subornara. Por outro lado, não reinava a melhor inteligência entre Drake e o vice-almirante Borough. Vencidos os obstáculos a armada partiu finalmente às primeiras horas do dia 2.

A 5 de Abril, seguindo o teor do officio do almirante para



Walsyngham, de 27 do mesmo mês, a armada estava à vista do cabo Finisterra, tendo de lutar quase durante uma semana com grande temporal, que pôs em perigo alguns navios, entre eles o *Dreadnought*. A 16 dobrava o cabo da Roca, ultrapassava o estuário do Tejo e surtia defronte de Cádiz em 19. Nos três dias que permaneceu no porto destruiu e afundou à sua vontade trinta e três navios, sendo dois de grande valor — um biscainho de 1.200 tonéis e um do marquês de Santa Cruz, de 1.500. Com os barcos perdiam os Espanhóis algumas unidades de importância militar e muitas munições e abastecimentos.

No mesmo dia Tomás Fenner prestava pormenores mais elucidativos em ofício para Walsyngham. O comandante do *Dreadnought* fora o primeiro a entrar no porto, conduzindo sete pinças, e achara defronte de Cádiz ancorados para cima de sessenta navios, sem falar nos pequenos baixéis fundeados sob a protecção dos fortes. Colhidos de surpresa alguns barcos castelhanos e vinte mercadores franceses fizeram-se à vela indo refugiar-se em Puerto Real, na baía de Cádiz.

Entretanto afundava um grande navio de mil tonéis e incendiava depois catorze urcas holandesas, a carraca do marquês de Santa Cruz, de mil e quatrocentos tonéis, cinco grandes biscainhos com mantimentos para Lisboa, um navio de mil tonéis chegado das Índias, três brulotes com biscoito e mais dez barcas com vinho, azeite e frutas. A surpresa, na estimativa de Fenner, custava aos Espanhóis trinta e oito embarcações com treze mil tonéis. Deixando de parte outros comunicados que Corbett publicou no volume «*Papers relating to the Spanish war — 1585-7*» referir-me-ei apenas à relação francesa sobre os sucessos de Cádiz que completa, e de modo importante, os documentos oficiais e a relação de Roberto Leng.

Diz o anónimo que mal se descobriu de terra a presença de navios suspeitos, D. Pedro de Acuña, que tinha à sua guarda a defesa marítima de Cádiz, saíu do porto e verificando o perigo deu o alarme. Os homens pegaram em armas e as mulheres e crianças refugiaram-se na cidadela, em tamanha confusão que algumas dezenas morreram espezinhadas e entaladas nas portas. Entretanto era mandado um correio a S. Lúcar, a prevenir o duque de Medina Sidónia.

Os Ingleses, sem prestarem atenção à cidade e sem serem incomodados pelo fogo da artilharia, assaltaram logo um navio genovês



carregado de mercadorias muito valiosas, cinco espanhóis da Carreira das Índias, um grande galeão da Biscaia e mais outros barcos, que incendiaram ou afundaram depois de roubados. D. Pedro de Acuña tentou intervir, mas sem resultado, tendo perdido todas as galés. A noite que se seguiu foi de espanto, confusão e terror. No dia imediato os Ingleses apoderaram-se e destruíram o galeão do marquês de Santa Cruz, carregado de vinho, e onze ou doze navios mais, ao mesmo tempo que tentavam destruir a ponte que fazia a comunicação da lingueta onde assentava Cádiz com a terra firme. No mesmo dia, que era uma quinta feira, o duque de Medina Sidónia mandou em socorro da praça três mil infantes e trezentos ginetes. Ainda conforme o mesmo testemunho as perdas espanholas foram de noventa navios, duas mil pipas de vinho, dez mil quintais de biscoito, outro tanto de queijos, além de muitas outras mercadorias, munições e armas.

Baseando-se em documentos officiais espanhóis o historiador Duro fornece os números seguintes: três urcas de Málaga com 3.343 quintais de biscoito, no valor de dez mil ducados; duas urcas com 392 pipas de vinho, no valor de quinze mil ducados; um navio português com 3.288 quintais de farinha, avaliado em cinco mil ducados; uma nave levantina com especiarias avaliadas em quarenta mil ducados; uma nau da Biscaia com duzentos quintais de ferro e mais mercadoria, avaliada em vinte mil ducados; quatro naus das Índias, com carga no valor de quinze mil ducados, uma naveta portuguesa, de partida para o Brasil, avaliada a carga em seis mil ducados, cinco urcas com sal, dezasseis mil ducados, uma barqueta com fruta, dois mil ducados, um escorchapin, com vinho e outras mercadorias, oito mil ducados, uma nau francesa com vinho e cochonilha no valor de dez mil ducados, uma naveta da Biscaia com mercadoria variada, cinco mil ducados, um barco sevilhano com duzentos mosquetes, mil e cem ducados. Pela notícia do investigador espanhol apura-se que foram incendiados ou afundados dezóito barcos e apresados seis, com perda de cento e setenta e dois mil ducados. Os prejuízos particulares atingiram quase 90 % do total.

No porto de Cádiz Drake alcançou informações completíssimas sobre a armada que se preparava contra a Inglaterra. Em Lisboa concentravam-se as maiores forças (treze galeões de Portugal, dois

grandes navios e mais oito, de menor tonelagem, um galeão do duque de Florença, uma galé e os navios biscainhos de Recalde) e dispusera o marquês de Santa Cruz o seu quartel general e os principais depósitos de munições e abastecimentos. Em Passages juntavam-se os navios da armada da Guipúscoa, no total de onze velas, comandadas pelo capitão-general Oquendo. Nas águas do cabo de S. Vicente cruzava a armada de Recalde, de doze navios, para vigiar a chegada do comboio das Índias ocidentais, acompanhá-lo até Sevilha e depois até Lisboa. De Cádiz conseguira escapar a divisão andaluza, de cinquenta embarcações, e em Cartagena aguardavam ordens os seis grandes navios levantinos de D. Diogo Pimentel, com os terços da Sicília. Esperava-se a todo o instante a chegada da divisão de Nápoles com os terços do sul de Itália e a artilharia. Em S. Lúcar, finalmente, estavam concentradas as urcas das vitualhas, em número de trinta, quatro das quais, surpreendidas em Cádiz, foram destruídas. Havia ainda fundeados em Gibraltar seis navios da Sicília e quatro galés de grande tonelagem.

A habilidade do almirantado espanhol tirara assim a Francisco Drake a possibilidade de causar maiores danos, o que abona em alto grau a estratégia de D. Álvaro de Bazan. Os Ingleses usaram na medida do possível do factor surpresa, mas o alarme impediu-os de efectuarem novos cometimentos. O almirante britânico compreendeu perfeitamente que o que fora conseguido não alteraria a marcha dos acontecimentos e daí o pretender estabelecer junto de cabo de S. Vicente uma base de observação donde pudesse interdizer as comunicações entre Lisboa e o sul da Península, mas de Londres desaprovaram. A *Cadiz voyage* pareceu aos Ingleses um successo de tal modo estrondoso que a *Jornada de Inglaterra* só por si era agora impossível.

A 10 de Maio Drake procurou surpreender Lisboa, fundeando na baía de Cascais, mas a defesa da capital, dirigida pelo próprio marquês de Santa Cruz, que se instalara na fortaleza de S. Julião, tirou-lhe as esperanças. Cascais, S. Julião, a Torre Velha, o Bugio e Belém estabeleceram uma cortina de fogos que os mais afoitos não lograram atravessar: «Lisboa nesse tempo, escreveu Corbett, era provavelmente o porto mais poderosamente defendido, e por isso o melhor ancoradouro para uma grande esquadra».



Depois de uma campanha frutuosa em piratagem nos mares do Algarve e dos Açores, Drake regressou a Plymouth em 26 de Junho. Assim terminava a segunda tentativa para impedir a *Jornada de Inglaterra*. A operação abortiva de Cádiz, mais grave para os Espanhóis que a expedição de 1585-86, não lograra o seu objectivo; a Grã-Bretanha recorreria à astúcia. Entre as duas monarquias, porém, as pontes estavam cortadas. Desta vez Isabel Tudor não escreveu a Filipe II lamentando os excessos dos seus corsários. Desencadeando a guerra sem a declarar, conquanto a esperasse, conformava-se com ela.

## § 2.º

### O PLANO

O plano de Filipe II era o desembarque em Inglaterra na costa SE, em Torbay, ou mesmo a montante da foz do Tamisa. Não era a primeira tentativa deste género, nem devia ser a última.

O isolamento inglês pareceu aos conquistadores fácil de romper; porém, pela Grã-Bretanha velavam tanto os homens como o destino. Os temporais, as correntes, a inconstância dos ventos, criaram uma barreira natural que só poucas vezes os invasores conseguiram transpor. E quando a transpuseram, os que lograram vencer o Canal lograram também vencer os homens, desunidos ou indiferentes.

Os Romanos passaram, como os Germanos e os Normandos do duque Guilherme e em escassos dias desfizeram a resistência insular ou por que os povos viviam apartados em querelas de tribo e de clan ou por que os contendores eram indiferentes ao insular, que assim permanecia como espectador da luta dos publicanos do Baixo Império com os anglos de Hegisto, e dos saxões de Haroldo com os aventureiros do *Conquistador*. Quando, um século decorrido sobre a *Invencível*, Guilherme de Orange desembarcou no litoral do Devonshire, os Ingleses acolheram de braços abertos, gritando «No popery» e entoando o *Lillibulero* de Wharton, o exército mesclado, de várias cores e nações,



do marechal Schomberg. Então, como outrora, o invasor achou a Inglaterra dividida — dum lado o pequeno grupo católico dos fiéis a Jaime II e do outro a maioria da nação, apegada ao protestantismo.

Em 1588 os temporais desfizeram o sonho apostólico de Filipe II como em 1795 foram ainda os temporais que livraram a *Ilha Pérfida* das tropas de desembarque de Hoche e de Quantin. Quando em 98 o general Humbert conseguiu levar as suas três fragatas à costa da Irlanda, os vendavais bloquearam-no e cortaram os socorros que haviam de apoiar a invasão da Inglaterra. Passam sete anos; o Directório acabara miseravelmente, a ditadura napoleónica afirma-se, reconhecida pelo papado, o estado italiano esboça-se com a coroação de Bonaparte em Milão e nele vê o moderno César o núcleo de um novo Império do Ocidente. Mas Albion continua vigilante, de armas na mão. Para a segurança da Inglaterra a posse das bocas do Reno e do Escalda pelos Franceses constitui uma ameaça constante e grave. Renasce a coalisção, e o Corso, replicando, prepara o assalto. Porém as *Águias* francesas não voariam do continente até à orgulhosa metrópole dos bretões, como a ela não haviam chegado o *Galo* da Revolução e o *Bicéfalo* austríaco.

A morte dum grande marinheiro, Latouche-Tréville, e a sua substituição por um outro, medíocre, Villeneuve; a acção abortiva de lord Cornwallis em Brest e os ventos contrários — que afastaram da Mancha os almirantes Villeneuve e Missiessy — impedem o transporte dos contingentes de desembarque e libertam a Inglaterra do pesadelo. Quase século e meio depois a história repete-se. A traição do chefe da espionagem alemã, o almirante Canaris, denunciada no *Julgamento de Nuremberga*, a acção destruidora da RAF em Setembro de 1940 e os temporais do outono (bem como certos factos incompletamente conhecidos) lançaram por terra os planos do 3.º Reich.

A semelhança dos acontecimentos é curiosa. O duque de Medina Sidónia é o Villeneuve da *Invencível*, a mesma mediocridade e irresolução; os bombardeamentos aéreos dos portos do Mar do Norte e do Canal e a surpresa de Drake a Cádiz; finalmente, os temporais em 1588 como em 1805 e em 1940 desfizeram planos e esperanças. A *Jornada de Inglaterra* era para Filipe II, e talvez o fosse na verdade, decisiva

para a Espanha e para o Catholicismo, pois vencer a Tudor era vingar a pirataria desenfreada dos seus marinheiros, arredar para sempre o perigo de um restauração em Portugal, estancar a fonte de incitamentos que animava os rebeldes do País-Baixo e aos olhos do mundo vingar os mártires da inquisição anglicana, Tomás Morus e Maria Stuart.

Levar a *Armada* às costas flamengas, embarcar as tropas escolhidas de Alexandre Farnésio e transportá-las até à costa SE da Inglaterra, marchar sobre Londres, destronar a filha adúltera de Henrique VIII, tal era o plano que toda a Espanha oficial considerava obra de fácil execução. Mas os dezanove mil homens dos terços da Península e da Itália mais os quinze mil do duque de Parma que forças iam defrontar? Pouco, e muito. A febre da resistência sacudira a nação, e pletórica de energia a Inglaterra organizou comissões de defesa, mobilizou os *lords-lieutenants* e os *sherifs*, convocou as milícias urbanas, encheu de vigias as colinas da costa, desde Land's End a Berwick, aparelhou os seus navios e convocou para Tilbury um ajuntamento de forças que a Rainha visitou, em *travesti*, no meio do entusiasmo geral. Aos receios manifestados pelos menos decididos, Howard respondia que dez mil homens seguros, mais os da frota, eram suficientes para impedir o desembarque do inimigo, e havia ainda Deus — e aquilo que trabalhava na sombra, o *Intelligence*,

É fora de dúvida serem o professor Laughton e o escritor naval Hale os dois mais modernos e melhores autores ingleses que estudaram este episódio da história da guerra no mar. Contudo, tanto um como outro se equivocam quando asseguram datar de Março de 1586 o plano de um ataque à Grã-Bretanha. Pelo que escrevi páginas atrás e fundando-me na preciosa colecção documental publicada por Corbett poderá afirmar-se, pelo contrário, que desde o verão de 1585 o governo de Isabel Tudor estava informado dos preparativos que se realizavam em Lisboa, tendo por objectivo a nação inglesa. Afirmei igualmente que a viagem de Drake às Índias ocidentais se destinava não só a vingar os ultrages feitos aos navios britânicos como a perturbar já o abastecimento da armada em organização. Portanto, em que ano surgiu a ideia, ou essa ideia amadureceu?

Em 1581 entre as duas monarquias foi estabelecida tácitamente uma trégua que durou até um ano que me foi impossível determinar,



sendo certo, todavia, que no outono de 83 a expedição estava assente em princípio. Esta minha afirmação é baseada por sua vez na carta dirigida por Filipe II a D. Álvaro de Bazan após o regresso da expedição à ilha Terceira, escrita em Madrid e datada de 23 de Setembro. O Rei, referindo-se à *Jornada de Inglaterra*, dizia ao vencedor de Filipe Strozzi que era prematuro falar nela, embora não houvesse inconveniente em começar os preparativos. Daqui se deve inferir, pois, embora se não diga explicitamente, que antes mesmo dessa data o plano germinara, e na mente do marquês de Santa Cruz, o que condiz com as afirmações de Laughton e de Hale; que germinara antes da expedição à Terceira, por conseguinte nos começos desse ano de 1583. A condizer com as informações tão numerosas da espionagem inglesa, e a corroborá-las há as *Instruções* de 1584 e a carta endereçada também a D. Álvaro, datada de Chinchilla, 4 de Março de 86, em que o rei de Espanha ordena ao almirante que apresse os preparativos, promete a artilharia necessária e dá instruções sobre as forças que deviam embarcar.

O plano, tal qual naquele mês era apresentado à sanção régia por Santa Cruz, compreendia uma frota de mais de quinhentas unidades e um exército de desembarque de noventa e quatro mil homens. Ou por considerar exagerado o cálculo ou porque na verdade era incompatível com as possibilidades do Tesouro, talvez o mais racional lembrando-nos da afirmação de um dos agentes de Bordeus, de que o governo espanhol não poderia juntar quantos navios desejava, Filipe II contentou-se com mais modestos números, que assim mesmo traduzem um notável esforço <sup>(3)</sup>.

Seguiu-se, como disse, a jornada de Cádiz, de efeitos menos desastrosos que se presumira, embora Laughton, e Hale na sua esteira, afirmem o contrário, e logo após, no trabalho de sabotagem, um acontecimento de transcendente resultado — a morte do marquês de Santa Cruz. A respeito deste intempestivo sucesso forçoso é transcrever alguns períodos de um artigo meu, publicado há anos:

«Este homem, dizia referindo-me a Walsyngham, de face enigmática, cobriu a Europa de espiões que, à socapa, penetraram os

---

<sup>(3)</sup> Para a composição da *Armada de Inglaterra*, tal como foi planeada inicialmente, v. o Apêndice c.



conluio papistas de Roma, Madrid, Saint-Omer e Douai. Richings dá nota de alguns dos seus colaboradores mais activos, alguns só, pois basta dizer que os agentes adstritos a determinadas pessoas e casos eram sessenta, coadjuvados por algumas dezenas de personagens de segunda ordem, e os indicadores e os espiões em número incontável... Dos mais hábeis e activos, no próprio dizer de Walsyngham, era o agente de Málaga, Nicolau Ouslay.

«Toda esta aparelhagem afinada e segura foi posta em movimento quando a ameaça da *Invencível* se precisou no horizonte... O feudo bancário de *Lombard Street*, trabalhando ao serviço da Coroa, conseguiu demorar os empréstimos que as bolsas de Génova e Florença tinham prometido ao soberano católico, e a tal ponto atemorizou Sisto V que o Santo Padre resolveu dar metade do prometido — um milhão de ducados — apenas depois do desembarque nas costas da Inglaterra. O embaixador toscano em Madrid, Giovanni Figliuzzi, peitado, converteu-se em informador da espionagem britânica. Na Flandres trabalhavam Burnham, John Lee, Woodshaw e o doutor Wilson; em Veneza Stephen Paul, ... em toda a parte Pompeu Pellegrini, também chamado Anthony Standen.

«A este último se devem alguns dos grandes triunfos do exército invisível que preparou a derrota da Grande Armada. Por ele se soube da tonelagem, número de peças, efectivos e munições da esquadra católica; por ele se conheceram as disposições militares do duque de Parma ... devido a ele se teve conhecimento da «Relação secretíssima» enviada pelo marquês de Santa Cruz ... a Filipe II, «Relação» que era o verdadeiro plano da campanha».

Mas tudo isto nada foi a par da morte de D. Álvaro de Bazan, falecido súbitamente nas vésperas da partida, fulminado por ignorada moléstia após uma refeição preparada por um cosinheiro flamengo, recentemente admitido ao serviço. O mistério impressionou os Függer, que o relataram no seu *Jornal*, mas não impressionou Richings que tem por plausível o envenenamento do almirante.

Do livro de Fernández Asis, *Epistolário de Filipe II sobre asuntos de mar* fácil é concluir a intervenção directa do monarca castelhano nos preparativos da jornada, pois que se a D. Álvaro é de justiça atribuir a ideia — confessara-o abertamente em uma carta ao rei: «poner su

vida alegremente en la empresa» — não menos justo é dizer que Filipe II não descurou pormenor algum durante os quatro anos em que da decisão se passou à execução.

Assim, escrevendo ao marquês de Santa Cruz sobre os danos causados nas ilhas Espanhola e de S. Domingos pela armada de Drake e na eventualidade de D. Álvaro ir com uma esquadra ao encontro dos Ingleses, o Príncipe acrescentava que ao tomar tal resolução não pusera de parte o plano de ataque à Grã-Bretanha (S. Lourenço, 2 de Junho de 1586). As quatro ou cinco dezenas de cartas régias que entre 1585 e 1588 Filipe endereçou a vários personagens — Santa Cruz, Diogo de Alcega, comandante da frota da Nova Espanha, António de Guevara, Alonso Martinez de Leyva, conde de Santa Gadea, a Pedro Rodriguez de Herrera, aos duques de Ossuna e de Alcalá, à duquesa de Baena, aos marqueses de Priego, Gibrallón, Ayamonte, Estepa, Villanueva del Rio, Ardales, Villanueva del Fresno e Comares, ao conde de Palma e ao adelantado de Cazorla — são documentos que atestam a pertinácia e a linha de conduta do adversário de Isabel Tudor. Bastaria por si só a referência às cartas dirigidas ao duque de Medina Sidónia para fundamento deste passo do trabalho.

D. Álvaro de Bazan morre nos primeiros dias de Fevereiro de 88 (a última carta do Rei, datada de Madrid, a 7 desse mês, era sobre os derradeiros preparativos) e a 19 o monarca encarrega o magnate andaluz de suceder ao afortunado batalhador de Lepanto, acrescentando que convoque todos os pilotos práticos na navegação da Flandres e que os traga consigo para Lisboa. Três dias depois são recomendações de outra natureza: que ninguém embarque sem estar confessado e comungado, que a bordo não seja recebida qualquer mulher, que toda a armada se associe às preces públicas. A expedição, embora não abstraindo a sua finalidade política e económica, revestia-se do ideal da Cruzada.

A 7 de Março ordenava o embarque da infantaria e marcava o dia da partida, 24 ou 25; a 14 acrescentava instruções sobre a artilharia e a divisão de Pedro Valdés; a 20 mais providências, que se repetem a 25, insistindo pela saída a 5 ou 6 de Abril. No primeiro dia desse mês remete as *Instruções* minutadas por D. Álvaro; a 4 concede para a armada um novo subsídio de 40 mil ducados e no dia 19 mais 500 quintais de pólvora. Quando em Julho a armada teve de se acolher



na Corunha, Filipe II, estimulado por esta nova contrariedade, ordenava ao duque que se fizesse ao mar quanto antes, não curando de concertar aqueles navios que o temporal desmastreara (Escorial, 5 de Julho), ordem que renova, de modo categórico, decorrida uma semana.

### § 3.º

## FORÇA DAS ESQUADRAS

A armada castelhana compreendia dez esquadras num total exacto de 150 unidades, de guerra e de abastecimento. Neste número havia doze veleiros de capacidade superior a 900 tonéis (*medida de Castela*): três na *esquadra de Portugal* — *S. Martinho*, *S. João* e *Florença*, e três na *da Guipúscoa* — *Santana*, *N. S.ª da Rosa* e *S. Salvador*; duas na *da Andaluzia* — *N. S.ª do Rosário* e *S. Francisco* na *da Biscaia* — *Santana* e *Grifo*, e na *Levantina* — a *Regaçona* e a *Valencera*. O resto variava, desde as pequenas galeotas e galés de D. Hugo de Mondada e de Medrado até às urcas e galeões de 500, 700 e 800 tonéis. No *Memorial de varias couzas importantes* (veja o Apêndice A) aponta-se uma tonelagem total de 57.868 tonéis.

Numêricamente era mais forte a esquadra inglesa que o governo de Isabel conseguiu alinhar para defender as costas da Grã-Bretanha do receado desembarque. Cento e noventa e sete barcos da mais diversa origem e da mais variada capacidade alinharam sob o mando supremo do conde-almirante Howard tendo como lugares-tenentes um dos favoritos da Rainha, lord Henrique Seymour, e os três heróis populares Drake, Hawkys e Frobiser.

Na esquadra britânica só havia três navios de ou mais de 900 tonéis (*medida de Inglaterra*): o *Elizabeth Jonas*, do conde-almirante, o *White Bear*, de lord Sheffield e o *Triumph*, de Frobiser. O *Victory* e o *Ark Royal* não tinham mais que 800. Estes, e mais 29 barcos eram pròpriamente unidades militares, os outros, veleiros dos mercadores

de Londres e dos portos marítimos do Oeste e da Mancha, e pequenos baixéis de cabotagem, à média de 50 homens por cada um deles. Afigura-se, portanto, num exame superficial, que se os Ingleses possuíam em unidades uma vantagem de 25 % sobre os Espanhóis estes, ao contrário, avantajavam-se pela arqueação total da esquadra e pela desproporção esmagadora entre os seus 9 grandes *navios de linha* com 9713 tonéis (*medida de Castela*) e os 5 galeões isabelinos — 3000 tonéis (*medida de Inglaterra*). Mas a diferença que parece ter favorecido Filipe é mais aparente que real. Corbett em *Drake and the Tudor Navy* frisa que se pretendermos comparar os navios ingleses e espanhóis temos de os reduzir a uma *só medida*, a *inglesa*, por exemplo, o que faz abater à capacidade dos barcos castelhanos 25 a 40 %, concluindo-se, desta maneira, que não existiu na *Armada* unidade alguma de 1000 tonéis e apenas excederiam, e de pouco, o navio de Hawkyns as duas *Santana*, a *N. S.<sup>a</sup> do Rosário*, a *Regaçona*, e o *Grifo*. Todos os outros, que chamámos *navios de linha*, teriam encontrado pela frente, com igual massa de deslocação, superior armamento e maior facilidade de manobra o *Arck Royal*, o *Elizabeth Bonaventure*, o *Victory*, o *Mary Rose*, o *Hope*, etc.

Não houve, em resumo, a diferença desproporcionada que é costume apontar entre as duas esquadras. Não andaremos longe da verdade se dissermos que essa desigualdade de tonelagem não chegava mesmo a ser de 1 para 2, em benefício dos espanhóis e mesmo anulada por outros factores. As obras vivas dos navios católicos elevavam-se a alturas exageradas, ficando, por isso, o centro de gravidade quase ao nível das águas, senão acima delas. Daí uma falta de estabilidade que prejudicava a manobra e o tiro. Os navios ingleses, pelo contrário, eram baixos, a ponto dos seus castelos não excederem muitas vezes a meia-nau inimiga.

Se a tática preconizada pelo *Prudente*, e utilizada em larga escala pelos Portugueses e Espanhóis, tivesse tido ocasião de ser posta em prática, isto é, se a abordagem tivesse sido possível, do alto dos castelos seria relativamente fácil aniquilar as defesas contrárias com uma preparação de salvas de mosquetaria. Mas a abordagem nunca se efectuou de modo aos Espanhóis dela tirarem o cobiçado benefício. Os navios ingleses, mais velozes, fugiram sempre à ameaça de esmagamento, e só se jungiam ao baixel adverso quando este, ferido de



morte, já não constituía um perigo. «Na armada espanhola — escreve a este respeito Luís Vieira de Castro — predominava o espectáculo do orgulho tradicional; à esquadra inglesa, dava-lhe asas o génio da ousadia marítima.» Portanto, não só a arquitectura dos navios espanhóis redundou em inútil — a luta raras vezes se travou a menos de cem metros — como foi também um elemento que colocou os Espanhóis em condições de inferioridade defronte dos seus inimigos.

Outro elemento de que beneficiaram os Britânicos foi a velocidade e facilidade de manobra das suas unidades. Os Espanhóis — dada a altura da mastreação, superfície de pano, má colocação do centro da gravidade, e ainda o facto dos navios terem sido construídos para a navegação atlântica, com ventos constantes, e não para os mares setentrionais grossos e tempestuosos, com ventos variáveis, que os *cansava* extraordinariamente, abrindo-lhes água — não podiam rapidamente mudar de rumo, e muito menos de borda. O movimento de peão, de 180°, que dá à artilharia todo o seu rendimento, não era possível em grandes unidades, em combate.

Com os cascos demasiado bojudos e as proas pouco finas os espanhóis jamais lograram em velocidade bater os barcos ingleses. Assim nunca puderam utilizar em benefício próprio a relativa superioridade que lhes dava a massa e a arquitectura. Interessante é notar que nas poucas ocasiões em que os Espanhóis conseguiram aproximar-se das unidades inimigas — como na batalha do Escalda — os Ingleses não levaram a melhor.

Os barcos isabelinos eram portanto superiores aos da *Armada*, tanto no ataque, pois assaltavam quase de surpresa, como no rompimento do contacto, porque se afastavam velozmente — mal tinham esgotado as suas munições — seguros de não serem perseguidos.

Mas não eram só estes os já apreciáveis factores da superioridade britânica. Não levando em conta a diferença entre a *medida de Castela* e a *de Inglaterra*, os galeões, a que poderemos chamar a classe A ou cruzadores de batalha, equilibravam-se: 23 para os Espanhóis e 25 para os Ingleses. Os navios da classe B, que seriam os modernos cruzadores, condutores e contra-torpedeiros, apresentam uma proporção de 1 para 3, em benefício dos insulares, sendo os seus, dentro da sua

categoria, muito rápidos. A esquadra filipina, afastada das suas bases de abastecimento, o que não sucedia à dos adversários, atrasava-se constantemente para não desamparar as urcas e os navios de transporte que eram o nervo de toda a *Armada*. Vê-se nas disposições de marcha e de combate que a protecção dos 23 barcos do almirante D. Juan Gomez foi uma das preocupações constantes do duque de Medina Sidónia. Outra circunstância, pois, de inferioridade, e não pequena.

Às condições *marinheiras* dos navios ingleses devemos adicionar a capacidade das tripulações. Os barcos e os homens faziam uma só peça. À extrema qualidade de obediência dos baixéis correspondia um conhecimento, uma habilidade e uma experiência completa por parte das guarnições, circunstâncias de que não gozavam os agressores.

Havia a mais o desequilíbrio entre uma tripulação heterogênea, sem ideal comum, e uma tripulação homogênea, decidida a defender comumente um mesmo princípio e o lar comum, sentimento este explorado habilidosamente.

Tinha assim o Conde-Almirante, como pedras de jogo a seu favor, a superioridade náutica da esquadra, em número e mobilidade, e a competência e fanatismo dos tripulantes, elementos estes que sobrelevavam o que era precário no adversário.

Passemos agora a outro capítulo, o do valor militar das duas armadas, e desde já uma afirmação podemos fazer — também aqui os Ingleses tinham uma vantagem, a do armamento.

Os Britânicos opunham às 2431 peças de bronze e ferro (canhões, meios canhões, colubrinas, meias colubrinas e pedreiros) dos Espanhóis 3660 de calibre muito superior, 9, 12, 30 e 60 libras, manejadas por artilheiros tão peritos na sua arte como os Italianos, Alemães e Flamengos.

A velocidade de tiro nos católicos era de quatro bordadas por hora; a dos Britânicos três vezes superior. O alcance não ia além de 200 metros. Os Ingleses atacavam de súbito, lançavam as duas bordadas, pois mudavam de borda com rapidez, e aos seus dois fogos de salva os Espanhóis apenas podiam responder com a descarga de uma das baterias da amura.

Os reparos das peças britânicas tinham uma certa mobilidade



e à própria peça podia dar-se o ângulo de tiro desejado. O mesmo não acontecia com as dos Espanhóis, com reparos fixos e atirando horizontalmente. Assim, ao passo que as balas dos Ingleses encontravam sempre nos costados dos barcos de Filipe o alvo premeditado, as peças dos seus inimigos, ligadas intimamente aos navios, sofriam as vicissitudes que o balanço lhes imprimia, fazendo em geral tiro curto ou comprido.

Em cada galeão de 600 a 900 tonéis os Ingleses tinham 54 canhões de 9 a 60 libras, os Espanhóis 36 de 3 a 18 (aproximadamente, por hora os Ingleses 7104 libras de balas, os Espanhóis 2544), nos de 500, 46 de 6 a 30 libras aqueles, e 24 de 3 a 12 os católicos (aproximadamente, por hora, os primeiros 4032 libras de balas, os segundos 912), nos 250 a 350, os isabelinos 40 de 4 a 18 libras, os filipinos 20 a 24 de 3 a 9 libras (aproximadamente, estes 696 libras de bala por hora e aqueles 2460). Nos navios da classe B os Ingleses tinham por cada 100 tonéis 5 peças, os Espanhóis 4, o que corresponde à intensidade de fogos de 180 libras de bala por hora e por 100 tonéis para os protestantes, 48 por hora e por 100 tonéis para os católicos.

A verdadeira força militar da *Invencível* consistia nas tropas de desembarque que transportava. Se a abordagem houvesse sido possível os aguerridos terços espanhóis e italianos saltariam para as cobertas inimigas fazendo tábua rasa de toda a resistência. Assim succedera em Lepanto. Mas à abordagem opuseram-se sempre os Ingleses na tática acertada de aproveitar todos os elementos de que podiam dispor: rapidez e mobilidade, prática, e potência e velocidade de tiro.

#### § 4.º

### CAPACIDADE DOS COMANDOS

De parte a parte havia bom e mau. Filipe II pensara, de começo, diz-se, entregar a direcção geral do empreendimento a D. João de Áustria, o herói da cruzada de Lepanto. O acaso de uma escaramuça com os infiéis roubou-o à vida.

O Príncipe voltou-se então para o verdadeiro autor do plano, D. Álvaro de Bazan, e o Almirante, homem expedito e conhecedor do seu ofício, apresentou ao monarca o plano da expedição. O marquês de Santa Cruz insiste, pois tem a certeza de que, contra as forças que propõe, a Inglaterra não conseguirá levantar a barreira estanque dos seus barcos de comércio e de guerra. Aos portos atlânticos da Península seriam chamadas todas as unidades que asseguravam a soberania da Espanha no ultramar, aparelhar-se-iam as que estavam em águas do Reino, far-se-iam novas. Com quinhentos navios e oitenta e cinco mil homens o jogo não reservaria surpresas.

O momento era propício. Em Inglaterra os católicos apesar das perseguições de Walsyngham, émulo de Torquemada na intolerância, seriam em número para iniciar o movimento libertador da sua fé e da sua rainha, Maria Stuart. Em França a confusão ganhava terreno. Henrique de Navarra insinuava-se no espírito do Rei, e os Guise, com o fim de minar a influênciã crescente que lhe havia de dar o trono, preparavam a guerra civil e abertamente davam a entender ao Habsburgo que o aceitariam, a ele ou a um dos seus, por monarca. Os insurrectos da Flandres sofriam por essa época do maior golpe de todo o duelo que sustentavam com os católicos: o assassinato de Guilherme de Orange. Por momentos a Holanda reformista sentiu-se desamparada. Mas o tesouro espanhol não comportava tamanhos gastos e o *Prudente*, ainda que concordando com o plano exposto, reduziu-o a proporções mais modestas.

O comando ficou definitivamente atribuído ao marquês de Santa Cruz. Possuía todas as qualidades de um grande capitão: inteligência, visão rápida dos acontecimentos, decisão e persistência. Sabia, quando a necessidade assim o impunha, passar por cima das ordens e dos planos estabelecidos pelo próprio Rei. A estas qualidades de chefe aliava outras não menos apreciáveis. Era dedicado e no seu fanatismo irmanava o Príncipe.

Para ele — e era verdade — a guerra contra a Inglaterra representava um interesse vital: era o maior problema espanhol do século. Os mares não eram tão largos que as duas nações, a britânica e a de Castela, pudessem vogar neles à vontade; o comércio do Mundo,



pelas vias marítimas, tinha de ser de um ou do outro. A série de violências praticadas pelos filibusteiros ingleses, e à sombra deles pelos de todas as raças da Europa, eram indício da enfermidade que ameaçava o poder das Espanhas. Os saques e os incêndios, como os de Calhau e da Havana, provavam à evidência que era preciso actuar depressa, sem desvios e demoradas e inúteis conversações diplomáticas.

Numa época em que a violência e o terror eram a arma mais convincente e infalível para bater o adversário, a escolha de D. Álvaro de Bazan não podia ser mais acertada. Tinha a dureza do duque de Alba atestada sem rebuço no investimento dos Açores. A barbaridade, porém, era apanágio do tempo; Drake não lhe ficava atrás. Era ele, portanto, o caudilho indicado, com qualidades, e defeitos no critério de hoje, para vencer pelos suplícios e pelo medo os teimosos súbditos de Isabel, e a sua falta de escrúpulos.

Tudo se aprestou, pois. Juntaram-se os mantimentos, atulharam-se os paíóis, convergiram para Cádiz, Lisboa, Corunha e Bilbao os mareantes e soldados que, com os terços do duque de Parma, haviam de, pela quarta vez na história, forçar o isolamento britânico. Três milhões e oitocentos mil ducados custava o empreendimento.

Um sopro de gélido pavor correu da puritana Escócia à calvinista Genebra. Renovar-se-iam os tempos de Maria Tudor e de Gardiner, inútil teria sido o sacrifício de Egmont e de Horn, as vantagens da facção huguenote caíriam qual castelo de cartas, os luteranos da Alemanha que haviam alcançado de Carlos V a liberdade de culto vê-la-iam postergada e os cantões helvéticos sentiriam de novo, eminente sobre eles, pronta a desferir o golpe, a espada católica que na sua obra de fé procuraria talvez trazer ao redil dos Habsburgos os netos dos campónios que tinham vencido Alberto de Áustria. A hegemonia continental da França, tão trabalhosamente iniciada pelos Valois e pelas *combinazione* de Catarina de Médicis através de lutas e alianças, levaria golpe mortal e a Águia bicéfala empolgaria a velha Europa católica levando-a contra o Turco que batia às portas de Buda e de Viena.

O antigo Império romano renasceria em todo o seu esplendor, dirigido do Escurial? No Vaticano, o papa Sisto V desejava secreta-

mente a falência do sonho filipino. Receava que a vitória tivesse como consequência a subordinação do Papado ao restaurador da unidade da Fé, subordinação que se não realizaria sem novas lutas entre os dois chefes da Cristandade, renovando o trágico calvário de Hildebrando e lançando a Itália como pasto à *fúria tedescha* dum novo Henrique IV ou de um outro Barba-Roxa.

Porém, contra o entusiasmo bélico, o espírito de dedicação, a habilidade do comandante e a ilimitada confiança de Filipe na vitória completa, trabalhava a sorte. Em 1587 Drake realiza a empresa de Cádiz e poucos meses volvidos a *Armada* é ferida por novo golpe, mais duro e de difícil remédio: a morte do marquês de Santa Cruz. A espionagem britânica pondo ao serviço dele um homem seu, completou, pelo veneno, a obra de desorganização iniciada por Drake.

Em vésperas da partida o desaparecimento inesperado do Almirante a quem todos se dispunham a obedecer provocou a desorientação e o alarme. Havia na esquadra marinheiros de prática e valor reconhecidos, não isentos, porém, de certos defeitos: D. Diogo Flores de Valdês, almirante da esquadra de Castela, era autoritário e violento, mas assim mesmo hábil e decidido; Recalde, segundo comandante e chefe da divisão da Biscaia, padecia de demasiado orgulho mas era um velho lobo do mar; Oquendo tinha todas as qualidades do bom soldado, mas não as de um bom chefe — na peleja esquecia os deveres de dirigente para se lançar no mais aceso da confusão com temeridade maior que bom senso; D. Pedro de Valdês, almirante da esquadra da Andaluzia, era o mais apto para a navegação nos mares setentrionais, aquele de quem com mais proveito deveriam ser ouvidos os conselhos, mas pesava sobre si o desastroso desembarque dos Espanhóis no campo da Salga, pois tinham sido os seus soldados que experimentaram, em desordenada fuga, os arremessos da boiada dos partidários do Prior; Moncada era no julgamento dos contemporâneos militar famoso mas chefe medíocre.

Eram estes cinco os mais categorizados, que, todavia como acentuámos, às boas qualidades de marinheiros e soldados não aliavam as outras que se requeriam para chefe de um tamanho ajuntamento: saber harmonizar sem deixar de ser firme, estar tão acima de qualquer dos



seus pares que estes lhe obedecessem sem se julgarem depreciados em honra e capacidade.

Filipe II designou então um homem seu, o duque de Medina Sidónia, senhor de apreciáveis qualidades patenteadas com largueza durante a viagem da *Armada*.

Cavalheiresco, conduziu sempre o galeão *S. Martinho*, onde ia embarcado, ao mais rijo da peleja, aliviando desta maneira outros barcos perseguidos de perto pelo inimigo. À sua presença se deve não terem sido afundadas em gloriosa mas inútil e desigual contenda muitas das unidades da *Invencível*. Em 31 de Julho, defronte de Portsmouth, socorre D. Afonso de Leyva e Juan Martinez de Recalde, batendo-se quase sòzinho com mais de uma dúzia de inimigos. Este dia foi particularmente funesto para a armada. Na terça-feira, 2 de Agosto, já próximo da ilha de Wight, sustenta renhido fogo, durante três horas, até ser socorrido por outros capitães que o salvam e a Martinez de Recalde, por quem ele se expusera. Os actos de altruismo repetem-se no dia seguinte, na quinta-feira, dia de S. Domingos, e em 8, durante a batalha do Escalda ou de Gravelines. O espírito de dedicação de que era dotado não lhe deixava ver o perigo nem contar o número de adversários, o que, se como soldado é motivo de louvor, como capitão, responsável por tantas vidas e fazendas, e penhor dum grande plano, pode ser de censura.

A par da coragem possuía o Duque uma tenacidade e um espírito de obediência notáveis. A ordem de Filipe II era alcançar, fosse por que preço fosse, a costa flamenga, embarcar as tropas de Alexandre Farnésio e transportá-las a Inglaterra. Se, depois de esgotados todos os meios, os católicos tivessem de desistir de tal intento, deveriam tentar, e só então, assenhorear-se da ilha de Wight, donde, eventualmente, se renovaria a tentativa de invasão da Grã-Bretanha. O cumprimento restrito do dever foi a sua preocupação de todos os dias. A iniciativa do ataque na *Batalha dos 10 dias* não partiu vez alguma do comando espanhol, que mais não fez que repelir as arremetidas britânicas. Nem uma só manobra de polícia (que retardando a viagem teria naturalmente o resultado apreciável de poupar aos Espanhóis o enervamento e o desgaste que lhes causavam os Ingleses) foi ordenada e posta em prática.

Em D. Alonso Peres de Gusmán o espírito de obediência passiva, que na fileira não redundava em desastre, sobrelevava o da iniciativa própria. O plano e os mandados do *Católico* obsecavam-no a ponto da sua personalidade se apagar. O encontro com o bastardo real, futuro vice-rei da Inglaterra — sente-se pela leitura dos três «Diários» — constituía para ele o fim que era forçoso atingir, ainda que com sacrifícios. Quando a *Armada* navega no Cantábrico, três dias depois de ter largado da Corunha, envia a Dunquerque D. Rodrigo Teles de Gusmán prevenindo o duque de Parma da sua chegada e pedindo-lhe para ter as forças expedicionárias prontas a embarcar. Em 1 de Agosto, já no Canal, manda ao Farnésio o patacho de Juan Gil para o informar da marcha da esquadra. Três dias passados é expedido Pedro de León e no imediato o piloto Domingo de Ochoa, com os mesmos recados urgentes. Quando a esquadra espanhola entra em Calais os comissionados são o vedor geral D. Jorge Manrique e o secretário Jerónimo de Arceo.

Os resultados da luta teriam sido outros se o comando pertencesse a D. Álvaro de Bazan? A inutilidade em que redundaram tantos esforços, tamanhas despesas e uma coragem e dedicação provadas ter-se-ia patenteado se, afastando-se do plano realizado em um gabinete, o Duque o ajustasse às condições do momento, o adaptasse às surpresas da luta impondo-lhe a maleabilidade necessária? Se em lugar de se manter na defensiva (na qual a usura em homens e munições era grande), a convertesse em ataque e desmantelasse as divisões inglesas que sucessivamente o atacaram, teria a rainha Isabel conservado a sua coroa? As concentrações de Calais e do Escalda teriam então sido possíveis de realizar? Talvez o transporte dos terços do duque de Parma se tivesse efectuado, e contra essas tropas — os *tercios famosos* — que fariam os Ingleses se não bater em retirada, como em 1586 em Zütfen, quando Leicester pretendeu dar a mão aos rebeldes das Províncias.

Se o almirante espanhol houvesse tentado todos os meios para alcançar o fim principal, e não apenas um único, o chegar depressa, que teria sucedido? Chegar primeiro e vencer depois era óptimo, mas vencer primeiro e chegar em seguida não levaria ao mesmo resultado? Um escritor moderno, britânico, não duvida em escrever:



«Devemos a nossa liberdade religiosa à passividade de dois homens — um passivo obediente, Medina Sidónia e um passivo ambicioso, o Parma. O primeiro traiu julgando *servir*, o outro traiu por cálculo. *Flavit et dissipati sunt*, razão para puritanos e campónios! Deus não se mete nos negócios dos homens».

O duque de Medina Sidónia reconheceu no regresso, e então tarde de mais, o erro que praticou? A melancolia, o desespero e o abandono a que votou as coisas terrenas, de que nos fala o marquês del Saltillo em *El Duque de Medina Sidónia y la Jornada a Inglaterra en 1588* («Boletín de la Biblioteca Menéndez Pelayo», año XVI, n.º 2, 1934), são a prova da consciência tardia do grande erro cometido? Seria o remorso de ter, cegamente e inflexivelmente cumprido as ordens do Príncipe, ou essa apatia em que todo o seu ser mergulha não é mais que o desgosto e o desespero por ter falhado em suas mãos o plano de que o destino o fizera instrumento?

O alto comando inglês não estava em melhores mãos, muito pelo contrário. Às deficiências apontadas ao duque de Medina Sidónia podemos acrescentar, todavia, qualidades assinaláveis; com o conde-almirante lord Howard não já assim. Sem mérito algum era porém o indicado, por ser grande-almirante (favor que alcançara da benevolência régia), para a direcção suprema. Foi a ele que o Conselho da Coroa confiou uma das esquadras, a da Mancha, que tinha por incumbência a defesa do litoral sul da Inglaterra, especialmente a ilha de Wight (a qual, sabia-se pelos espiões de Walsyngham, era um dos possíveis objectivos da *Armada*) bem como os portos de Southampton e Portsmouth.

Faltando-lhe em absoluto autoridade moral, não poude nem soube vez alguma dar unidade à manobra dos elementos postos à sua disposição. Deixou sempre aos seus a maior liberdade de movimentos, e a incompreensão total das funções que exercia teve a sua prova na atitude que tomou no encontro de Gravelines: em vez de seguir o plano traçado e esmagar a esquadra inimiga que fugia ao longo da costa flamenga, ao ver a *Regaçona* romper o contacto e ir à deriva abandonou o campo de batalha a fim de se apropriar dos supostos tesouros que o navio transportava.

A cobiça era qualidade vulgar entre os marinheiros isabelinos que cumulavam com a pacífica actividade commercial a guerra de corso contra tudo que era espanhol. Drake e Hawkyms eram destes. Valerosos, sem escrúpulos, não poupando os vencidos, violentos e irrequietos, representam a aventura posta ao serviço dos superiores interesses da nação. Ao primeiro, principalmente, a Inglaterra deve as suas melhores presas feitas em os galeões castelhanos. É o corsário protegido da Rainha, para o qual, incansavelmente e sempre sem resultado, Filipe pede o esquitejamento, a forca ou a roda.

A folha de serviços de cada um destes mareantes é um diploma a atestar largamente a coragem, o espírito de decisão e a falta de escrúpulos. De 1572 a 1573 Drake realiza um cruzeiro frutuoso na costa de Darien, apoderando-se, com forças irrisórias, das cidades de Vera Cruz e de Nombre de Dios. Quatro anos depois parte de Plymouth para nova empresa e realiza uma demorada viagem de circumnavegação regressando em 1580. As violências e as atrocidades cometidas durante o cruzeiro foram sem conto. A costa sul-americana do Pacífico é literalmente posta a saque e são inúmeros os navios apre-sados. Em 1585 foi a segunda viagem à Nova Espanha e em 87 a surpresa de Cádiz, que fez retardar um ano a partida da *Armada* e permitiu aos Ingleses prepararem-se para resistir. Hawkins alinhava pelo mesmo escalão: desembarques em som de guerra na Costa da Mina e em Cabo Verde, cidades postas a saque na América (Rio de la Hacha e S. João de Ulloa). Com estes dois capitães, «the most renowned seamen in Europe», é dever citar um outro, do mesmo género, Tomás Cavandish, que em 1586 fez desembarques e saques nas Canárias e na Serra Leoa e prosseguindo na rota atravessou o estreito de Magalhães e subiu ao longo da costa chilena queimando, devastando e saqueando. Paraca, Chinha, a ilha de Pune e Agutúlio sofreram a sua fúria destruidora.

Diferentes deles todos eram Frobiser e lord Seymour. O primeiro ficou conhecido pela honestidade e coragem. Era um verdadeiro homem de mar e soldado, perdido na companhia dos filibusteiros isabelinos. Não passava, porém, dum subalterno. Seymour era o cortesão experimentado que as intrigas da antecâmara davam por



amante da soberana. A ele competia o comando da esquadra de Leste ou do Pas-de-Calais, a qual havia de combinar os seus movimentos com as forças holandesas dos almirantes Lonche de Roozendaal, Peter van der Does, Joos de Moor, João van Wassenaer e do príncipe de Nassau, superiormente dirigidas por Winter. O encargo era pesado, pois nele residia a última esperança da Inglaterra e dos reformados do País Baixo. A enseada do Tamisa e a costa, entre este rio e a ponta de Margate, estavam sob sua directa protecção. A sorte quis que os seus predicados não fossem postos à prova. Se assim não tivesse sido o Adónis real saberia, ao menos *pro domo et pro domina*, deixar-se esmagar pelos navios de Espanha?

Havia, portanto, no que diz respeito aos capitães britânicos, capacidade de comando, iniciativa e experiência, e mais não se exigia deles. As acções isoladas em que se desdobra a batalha do Canal deram largas às suas qualidades militares e técnicas e os *seadogs* ingleses causaram males irremediáveis à armada espanhola. Quando, porém, as circunstâncias os forçaram a realizar acções de conjunto, de grande estilo, os resultados foram outros.

## § 5.º

### ESTRATÉGIA DOS ADVERSÁRIOS

A preparação da *Invincível* deve-se ao vencedor de Strozzi. Quando o Almirante morreu as esquadras estavam aparelhadas e prontas para a largada. A concentração fizera-se em Cádiz, na Corunha, em Bilbao e em Lisboa, para onde se dirigiu o duque de Medina Sidónia vindo das suas terras de S. Lúcar.

A teimosia de Filipe II não deixou que os comandantes das diversas formações dessem os seus pareceres. O plano geral devia cumprir-se: partida imediata a fim de ser atingida a costa inglesa o mais depressa possível; evitar o litoral francês e flamengo, semeado de

baixios e bancos de areia, e navegar à vista das praias da Grã-Bretanha até à ponta de Margate; estabelecer o domínio no canal de Douvres e a ligação com Dunquerque; lançar navios ligeiros em exploração e observação até Flessingen e às bocas do Tamisa e do Escalda; fugir de qualquer acção no mar, não atacar e em último extremo tentar a abordagem. A ocupação da ilha de Wight far-se-ia em caso de insucesso, e em vista de tentativa futura. O duque não devia em caso algum esquecer que o fim da viagem era o transporte dos Flamengos e Espanhóis de Alexandre Farnésio. Tudo o mais que pudesse prejudicar, ou apenas atrasar a passagem, devia ser evitado. Por isso vemos que durante os dez dias de luta no Canal os católicos se contentaram em repelir os assaltos dos seus adversários, sem quase os perseguir.

Era preciso levar a *Armada*, superior em massa, ao encontro do duque de Parma. Correr atrás do adversário teria como resultado quebrar a formação das esquadras, esfrangalhar o bloco formado pelos navios de guerra e a impedimenta, torná-lo possivelmente mais vulnerável, devido à pouca agilidade das unidades, e demorar a chegada.

Os vários comandantes reconhecendo os pontos fracos da *Invencível* acordaram com o duque, quando entraram na Mancha, em dar-lhe a disposição de «aspa».

No cruzamento dos quatro braços juntaram-se os veleiros de transporte, numa das diagonais, na vanguarda esquerda, formou a esquadra de Castela e na direita a de Portugal, na inferior esquerda as da Andaluzia e da Biscaia, e à direita as de Guipúscoa e Itália (Levante). Serviam de ligação as caravelas e demais navios ligeiros. A retaguarda era coberta pelas galés.

Esta organização foi modificada depois por se reconhecer que os navios ligeiros não podiam facilmente estabelecer a ligação entre as grandes unidades, sendo estas, por esse motivo, fácil presa do inimigo. Adoptou-se então a formação em «águia». Os baixes não se despegavam uns dos outros, pois quando um deles se desgarrava era imediatamente assaltado pelos barcos ingleses. Esta massa em movimento, que sentia a salvação em tal manobra, foi-se desagregando todavia. Os ventos que mudavam constantemente, conforme a maré, as corren-



tes, o atraso da marcha de alguns navios mais pesados, o desmastreamento de outros, fizeram que o plano dos homens não surtisse efeito. Quando da batalha de Gravelines a *Invencível* espalhava-se pelo mar sem obedecer a disposição estratégica alguma, defendendo-se cada um de um inimigo que por circunstâncias especiais não soube tirar proveito de uma superioridade manifesta.

Se a tática dos Católicos era a unidade e o ataque em massa, e a preocupação dominante chegar depressa, a dos Ingleses, que reconheciam os pontos fracos da sua força naval, era o ataque disperso, supitâneo, repetido, como uma ideia, dominante também, acicatando-lhes o espírito: retardar o mais possível a marcha da *Armada*. Conhecia de sobejo o Conselho da Coroa as desinteligências entre o Católico e o Parma, a má vontade deste para com a aventura, todo voltado como estava para a sucessão francesa. O desacordo entre ambos não seria mais profundo e fatal mediante habilidosas interferências? Quanto mais tarde chegasse o Gusmán à vista da Flandres mais tempo haveria para afastar o Farnésio de Filipe e dos seus planos. E também a demora trabalharia em favor de Seymour e dos Holandeses, que ainda aparelhavam e se abasteciam ao tempo em que a *Armada* singrava ao longo das costas normandas.

O ataque disperso compreendia-se: com navios mais ligeiros que os dos Espanhóis tiravam os Ingleses desta vantagem, da sua artilharia superior em número e calibre e dos seus marinheiros, profícuo resultado. Era a matilha de cães raivosos e famintos abocanhando a boiada cega e exausta. Cada um dos capitães da Tudor atacava quando e como queria, assaltava, fugia, de longe fazia negaças, juntava-se em grupo a desafiar o inimigo e quando este, com a paciência gasta, se atirava, aproveitando o vento, o grupo desfazia-se para se formar mais longe. As grandes unidades inglesas, melhor tripuladas, (porque para a maioria dos espanhóis a Mancha era um mar novo, de caprichos inesperados), melhor tripuladas, repito, mantinham um simulacro de combate, nem sempre afortunado para elas, enquanto os pequenos barcos, os condutores, os contra-torpedeiros e os cruzadores de hoje, como vespeiro, desorientavam os galeões do *Católico*, esgotavam as energias da marinagem e desesperavam-na. Assaltos bruscos, fugas

não menos bruscas com um fito: impedir a abordagem que lhes seria fatal.

Assim, se para dirigir a máquina espanhola, com todos os seus defeitos, com um plano traçado no espaço quando de hora a hora surgiam condições e situações novas e impensadas aconselhando modificações e adaptações constantes, assim, se para a dirigir, seria preciso um homem invulgar pela autoridade, pela inteligência e pelo arrojo, para os bretões, pelo contrário, em que a tática se resumia num único imperativo, *atacar e fugir*, e cuja estratégia era um outro imperativo, *retardar a marcha da Armada*, não eram necessários capitães que soubessem dirigir e manejar grandes esquadras. Cada barco era uma unidade livre na acção, soberana no cometimento, agindo sòzinha, sem se preocupar de combinações difíceis.

Nesta longa tragédia que foi a *Batalha dos Dez Dias* os Espanhóis representavam a velha tática que Duílio inaugurara em Milas, combinada com a Temístocles em Salamina: uma batalha do tipo terrestre usando por terreno as cobertas e as plataformas dos castelos, uma batalha de infantaria, enfim. Os Ingleses, pelo contrário, experimentavam o combate moderno, a distância, fiando a sua sorte da artilharia e das unidades ligeiras.

## § 6.º

### CONDIÇÕES ATMOSFÉRICAS E LOCAIS DO TEATRO DA LUTA

Disse, linhas atrás, que para muitos dos Espanhóis a Mancha era um mar novo, portanto desconhecido.

As condições atmosféricas do Canal nos meses de Julho e Agosto são caprichosas e instáveis e só últimamente, depois dos porfiados estudos do Almirantado britânico e dos serviços meteorológicos ingleses se sonseguiu chegar a um certo número de dados exactos. As inves-



tigações realizadas pelo navio-observatório da marinha francesa *Le Carimaré* ajudam-nos a ter uma visão clara do seu regime meteorológico. O estado de altas pressões que domina no Atlântico e na entrada ocidental da Mancha (onde o barómetro oscila, na época em que interessa, entre 755 e 765 mb.) vai sendo anulado, à medida que nos aproximamos do Pas-de-Calais, pela zona depressionária do Mar do Norte. A fronteira das duas zonas cria um *clima* atmosférico instável, com nevoeiros, alterações barométricas constantes e zonas turbilhonares, locais, de grande oscilação. Os ventos contra-alisados que sopram normalmente na direcção SO-NE estão sujeitos a múltiplas alterações, rodando umas vezes para O-E e outras NO-SE. Esta instabilidade é mais acentuada ainda pela razão da estreiteza do mar (fazendo-se deste modo sentir a influência dos terraís e das brisas marítimas) e pelas mudanças de vento, resultantes das marés. Daí a dificuldade que tiveram os Católicos em manter a *Armada* na rota de Leste e de chegar a contacto com o inimigo.

Este, aproveitando as brisas da manhã, aproximava-se dos galeões de Filipe e quando os Espanhóis pensavam utilizar a situação atmosférica favorável, o vento mudava súbitamente de quadrante e favorecia a fuga dos atacantes, que a *Armada* não podia seguir pela dificuldade da manobra.

Um segundo factor tornava a navegação difícil: o embate das correntes, uma, vinda do Atlântico, que favorecia a marcha da *Invencível*, chocava com outra, mais violenta, gerada no Mar do Norte. O choque das duas, criando correntes superficiais caprichosas, cansava os grandes navios do *Católico* e provocava a desagregação das esquadras.

Por último temos de apontar a ignorância da batimetria da Mancha por parte de muitos dos Espanhóis e que os Ingleses conheciam empíricamente. A zona onde se travou a última parte da batalha é uma das mais perigosas. O Pas-de-Calais começa nas alturas da ponta de Dungeness, na costa inglesa, e de Bolonha, em França. O Canal é aqui uma verdadeira ratoeira de baixios e de bancos de areia.

Três socalcos do fundo, paralelos à terra, originam assim quatro canaletes: o primeiro da largura de 10 milhas, entre Bolonha e o banco Vergoyer, com profundidades de 4 a 9 braças, o segundo de 5 milhas, entre este banco e o de Bassurelle, com fundos de 3 a 4 braças,

um terceiro, dilimitado a NO pelo Bullock Banck, de 1 a 4 braças, e finalmente um último, até à costa inglesa, com maiores fundos. Passada esta zona uma outra não menos perigosa se desenvolve entre o cabo Gris-Nez e Folkestone-Dover, com 3 canais. O primeiro a Leste, demarcado pelo banco de Le Colbart, e de 6 milhas de largo, o do centro, entre o de Le Colbart e o de Varne, com 2 milhas, e o de NO, de 7 milhas. Para além do estreito a situação batimétrica mantém-se. De Calais a Ostende os baixos com 1 braça e 1 e 3/4 estendem-se até 5 milhas da costa, defendidos, a 10 milhas, por uma linha de irregular traçado que constitui como que a bordadura da ponte de Margate — o banco de Goadwin.

Estes afloramentos canalizando a circulação da Mancha para o Mar do Norte, e vice-versa, exigem cuidados e conhecimentos científicos ou práticos. Também a ignorância da natureza dos fundos, às vezes com rocha ou areia a menos de 6 metros, tornava precária, constantemente, a segurança dos navios espanhóis de grande calado. Por onde passavam as pequenas unidades inglesas, em fuga, não podiam atravessar as dos católicos em perseguição.

Foi neste ambiente desconhecido, de ventos instáveis e fundos traiçoeiros que se desenrolou a última parte da história *trágico-marítima* da Armada.

\*  
\*       \*  
\*

Os efeitos políticos e morais foram estrondosos.

O desastre da *Invincível* determinou o desmoronamento completo do sonho filipino. O triunfo sobre a Inglaterra representava mais que a prisão de Isabel; era a submissão dos protestantes holandeses, a Flandres nas mãos da Espanha, a França ameaçada pela fronteira do NE e periclitante a coroa de Henrique de Bourbon. A monarquia universal seria um facto. A Europa ocidental, guiada pelo *Prudente*, completaria pela força o que o concílio de Trento iniciara. Não foi só Filipe II o batido, foi a ortodoxia romana.



Com o desastre da *Armada* perderam-se alguns dos melhores navios de Portugal: cinco dos galeões mais fortes, de certeza, e uma das galés, talvez a urca *S. Pedro Maia* fosse portuguesa também. Documentalmente provado, 50 % dos efectivos da esquadra dos galeões e 25 % na esquadra das galés. Só em relação à esquadra chamada *de Portugal* 4351 toneladas para 7205, 2324 homens para 4395, 209 peças para 340 se perderam com o desastre da *Armada*.

A derrota veio tornar pois mais evidente e mais fundo o divórcio entre as duas monarquias, que as promessas do *Católico* tinham procurado apagar. Portugal olhava para um passado ainda presente e a ambição da independência não se acomodava com as ideias do Escorial. Filipe II visionava a Europa católica seguindo em nova cruzada, apagadas as fronteiras, irmanadas pelo ideal da contra-reforma. As duas ambições eram incompatíveis. Ao nacionalismo português não interessava a contenda, tal como fora colocada. Superior a ela, sentia a sua unidade histórica opondo-se ao internacionalismo espanhol de carácter político, tão contrário ao espírito universal que caracterizou a acção da pequena Casa Luzitana, de cabo a cabo do Mundo.

Ficou, creio, suficientemente demonstrado como a vitória britânica foi mais fruto do acaso, da inexperiência dos marinheiros de Filipe e das características dos navios usados pelos católicos, que propriamente da sua estratégia. O triunfo inglês não foi um triunfo militar, pois a preparação dos isabelinos era diminuta. A vitória foi alcançada pelo homem do mar que pelas viagens de cabotagem, cruzando a Mancha em todos os sentidos, conhecia os seus mais pequenos segredos; a vitória foi conquistada pelos pequenos barcos, bons veleiros, finos, sensíveis como animais de raça, bem manejáveis.

E para terminar: se militarmente a *Batalha dos Dez Dias* foi indecisa, pois na guerra o triunfo só se obtém aniquilando o adversário — e a *Armada* não foi destruída pelos Ingleses, a expedição redundou todavia num horrível fracasso. Às mãos do inimigo ou por efeito dos temporais, os Espanhóis perderam quase dois terços dos navios que haviam saído de Lisboa.

Não tenho elementos seguros para indicar como se perderam

cerca de 100 unidades da *Invencível*, podendo porém apresentar o quadro seguinte, em relação a 45 dos maiores:

- Santana* (Guipúscoa) — encalha no Havre em 4 de Agosto;
- N. S.<sup>a</sup> do Rosário* (Andaluzia) — tomada pelos Ingleses e levada para Chatam;
- S. Salvador e N. S.<sup>a</sup> da Rosa* (Guipúscoa) — tomadas pelos Ingleses defronte de Plymouth e conduzidas para Weymouth em 31 de Julho;
- S. Lourenço* (Nápoles) — encalha em Calais e é tomada de abordagem em 7 de Agosto;
- S. Filipe, S. Mateus, S. Marcos* (Portugal) e *Maria Joana* (Biscaia) — perdem-se entre Calais e Dunquerque em 8 de Agosto;
- Rata e S. Juan de Sicilia* (Levante) — perdem-se entre as costas da Noruega e da Escócia em 19 de Agosto;
- S. Pedro Maior* (Urcas) — afunda-se defronte da baía de Bimbary, no Devonshire;
- Regaçona* (Levante) — afunda-se em Gravelines;
- Girona* (Nápoles) — sucede-lhe outrotanto, no norte da Escócia, no Grant's Causeway;
- Gran Grifon* (Urcas) — perde-se na ilha de Fair;
- Florência* (Portugal) — perde-se em Tabermory;
- Rata Coronada* (Levante) — naufraga na baía de Blascksod;
- S. João* (Portugal) — arde na Corunha meses depois de haver regressado;
- Um grande navio em Lochaline;
- Outro grande navio em Salen;
- Vinte e cinco na costa ocidental da Irlanda, entre 4 e 14 de Novembro.



Novas da infelicidade da Armada de S. M.<sup>de</sup> que escreveu  
o mestre da sota capitania

Vespera de Saom Dominguos que foi ao  
sabado (alias quarta f.<sup>ra</sup>)  
tres dias d[e] agosto  
cheguamos a Preamua, donde encontramos corenta e sete  
naos grosas, e como o duque hia em cata do principe, nã  
fez caso dellas. Nos  
com o almirante que vinhamos atras, nos  
segirão pelejando todos comnosco, e nos desaparelharam  
de enxarseas e mastros. Acodionos a capitanea e Sam  
Matheus, mas ja tarde. Isto se pasou na primeira vista  
do imiguo; quando veo ao outro dia se nã corenta fora logo oi-  
tenta, donde nos fora segindo e pelejando comnosco ate  
chegar a Cales, donde sorgirom, e elles se ajuntaram com du-  
zentas velas ante piquenas e grandes e sorgiram por nossa popa  
e a cabo de dous dias, de noute, pos fogo a sete naos suas, pera nos  
queimar a nosa armada, donde cortamos as amarras e da-  
vamos humas naos pellas outras, com a presa, vendonos em gram aperto  
do fogo. Mas quis Deus Nosso Senhor que nã pegou fogo em nao nosa.  
Donde andando asy desta maneira desamarrados veo a armada  
do imigo sobre nos, pera nos fazer ir perder nos bancos de Frandes, pe-  
lejando comnosco, durando a peleja da bij de menhá ate  
bespera, donde nos desbarataram muitas naos em que entrou Saom  
Felipe e São Matheus, donde fomos pello Canal fora, e o imi-  
guo sempre seguindonos ate nos botar fora da sua terra. E  
vindo a nosa armada junta nos deu huma tempestade que nos apar-  
tou, e se perdeo a armada na costa de Irlanda, e foi muita  
gente cativa. E dom Alonso que hia na nao Rata, a capitania,  
foi ter a Santo Andre com algumas naos, e nos estivemos jum-  
tos antre humas ilhas de Irlanda donde mandou o almirante  
hum batel com seis homens, donde nã tornaram mais. Ao  
outro dia apparecerão tres bandeiras de gente de guerra  
cuidando que nos aviamos de saltar em terra. Ali estive-  
mos quinze dias; ali a nosa vista se fundou huma  
nao sem se salvar huma pessoa, e outra veo apos esta com  
o mastro grande quebrado e sorgio ao longo de nos donde  
lhe tomamos a gente e a artelharía e tambem ficou perdida.  
Fizemonos a vela huma tarde dali onde esti-  
vemos quasy perdidos, mas quis nosso Senhor salvarnos  
e darnos tempo com que em sete dias fomos surgir na Corunha  
donde agora estamos como cativos. Não conto maes a  
V. m. porque não a hi papel que baste pera contar os trabalhos  
que nos tem socedidos. Hoje dezanove dias do mes de outu-  
bro, anno de 1588.

quarta f.<sup>ra</sup>  
iiij d[e] ag.<sup>to</sup>

ao sabado  
a noute  
bj d[e] agosto

do domingo  
bij d[e] agosto

*A*

Composição da *Armada*, forças e mantimentos  
em 9 de Maio de 1588

(B. N. L., F. G., códs. 637, fls. 54-73 e 938, cap. 86)



I  
Efectivos da «Armada»

I  
Esquadra dos galeões de Portugal  
(O duque de Medina Sidónia)

Navios	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Peças
<i>S. Martinho</i> (capitaina) . . . . .	1.000	177	300	48
<i>S. João</i> (almiranta) . . . . .	1.050	179	321	50
<i>S. Marcos</i> . . . . .	790	117	292	33
<i>S. Filipe</i> . . . . .	800	117	415	40
<i>S. Luis</i> . . . . .	830	116	376	38
<i>S. Mateus</i> . . . . .	750	120	277	34
<i>Santiago</i> . . . . .	320	93	300	24
<i>Florência</i> . . . . .	961	86	400	52
<i>S. Cristóvão</i> . . . . .	352	78	300	20
<i>S. Bernardo</i> . . . . .	352	81	250	21

ZABRAS

<i>Augusta</i> . . . . .	166	57	55	13
<i>Júlia</i> . . . . .	166	72	44	14

II  
 Esquadra da Biscaia  
 (Juan Martinez de Recalde)

Naus	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Peças
<i>Santana</i> (capitaina) . . . . .	1.200	114	323	30
<i>El Gran Grifo</i> (almiranta) . . . . .	1.160	73	256	28
<i>Santiago</i> . . . . .	666	102	214	25
<i>La Concepcion de Zubelcu</i> . . . . .	468	70	90	16
<i>La Concepcion de José Delcano</i> . . . . .	418	61	164	18
<i>La Madalena</i> . . . . .	530	67	193	18
<i>San Juan</i> . . . . .	350	80	114	21
<i>La Maria Juana</i> . . . . .	665	100	172	24
<i>La Manuela</i> . . . . .	520	54	125	12
<i>S.<sup>ta</sup> Maria de Montemayor</i> . . . . .	707	45	206	12

PATACHOS

<i>La Maria de Aguirre</i> . . . . .	70	23	20	6
<i>La Isabella</i> . . . . .	71	22	20	10
<i>De Miguel de Susso</i> . . . . .	96	26	20	6
<i>Santisteban</i> . . . . .	78	26	20	6

III  
 Esquadra dos galeões de Castela  
 (Diego de Flores de Valdes)

Navios	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Peças
<i>S. Cristovan</i> (capitaina) . . . . .	700	120	205	36
<i>S. Joan Bautista</i> (almiranta) . . . . .	649	136	207	24
<i>S. Pedro</i> . . . . .	530	131	141	24
<i>S. Joan</i> . . . . .	530	113	163	24
<i>Santiago el Mayor</i> . . . . .	530	132	210	24



Navios	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Peças
<i>S. Felipe y Santiago</i> . . . . .	530	116	151	24
<i>La Ascension</i> . . . . .	530	114	199	24
<i>N.ra S.a del Barrio</i> . . . . .	530	108	155	24
<i>S. Bedel y Zebedon</i> . . . . .	530	101	160	24
<i>S.ta Ana</i> . . . . .	250	80	91	24

#### NAUS

<i>N.ra S.a de Vegoña</i> . . . . .	750	123	176	24
<i>La Trinidad</i> . . . . .	872	122	180	24
<i>S.ta Catalina</i> . . . . .	683	159	190	24
<i>S. Joan Bautista</i> . . . . .	650	93	192	24

#### PATACHOS

<i>N.ra S.a del Socorro</i> . . . . .	70	25	20	12
<i>S.to Antonio de Padua</i> . . . . .	80	46	20	12

### IV

## Esquadra das *naves* de Andaluza

(D. Pedro de Valdes)

Navios	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Peças
--------	-----------	-------------	----------	-------

#### NAUS

<i>N.ra S.a del Rosario</i> (capitaina) . . . . .	1.150	118	304	46
<i>S. Francisco</i> (almiranta). . . . .	915	56	222	21

#### GALEÕES

<i>S. Joan Bautista</i> . . . . .	810	89	245	31
<i>S. Joan de Gargazino</i> . . . . .	569	56	165	16
<i>La Concepcion</i> . . . . .	862	71	185	20

Navios	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Peças
<i>Santa Catalina</i> . . . . .	730	77	231	23
<i>La Trinidad</i> . . . . .	650	74	192	13
<i>S.ta Maria del Juncal</i> . . . . .	730	80	228	20
<i>S Bras</i> . . . . .	976	72	240	27

URCA

<i>Santana</i> . . . . .	900	77	280	23
--------------------------	-----	----	-----	----

PATACHO

<i>Espiritu Sancto</i> . . . . .	70	10	33	-
----------------------------------	----	----	----	---

V

Esquadra de naus da Guipúscoa

(Miguel de Oquendo)

Navios	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Peças
<i>Santana</i> (capitaina) . . . . .	1.200	82	303	47
<i>S.ra de la rosa</i> (almiranta) . . . . .	945	64	225	26
<i>S. Salvador</i> . . . . .	958	75	321	25
<i>Santistevan</i> . . . . .	736	68	196	26
<i>S.ta Marta</i> . . . . .	548	63	173	20
<i>S.ta Baryora</i> . . . . .	525	45	154	12
<i>S. Buenaventura</i> . . . . .	379	53	168	21
<i>La Maria S. Juan</i> . . . . .	291	30	110	12
<i>Santa Cruz</i> . . . . .	680	36	138	18

URCA

<i>Donçella</i> . . . . .	500	32	156	16
---------------------------	-----	----	-----	----

Navios	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Peças
--------	-----------	-------------	----------	-------

### PATACHOS

<i>La Asuncion</i> . . . . .	60	16	20	9
<i>S. Barnavé</i> . . . . .	69	23	20	9

### PINAÇAS

<i>N. S.<sup>ra</sup> de Guadalupe</i> . . . . .	5	15	15	1
<i>La Madalena</i> . . . . .	5	14	-	1

## VI

### Esquadra das *naves* do Levante

(Martin de Bretendona)

Navios	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Peças
<i>La Regaçona</i> (capitaina) . . . . .	1.294	80	344	30
<i>La Lavia</i> (almiranta) . . . . .	728	71	203	25
<i>La rata</i> ( <i>S.<sup>ta</sup> Maria</i> ) <i>encoronada</i> . . . . .	820	84	335	35
<i>S. Juan de Sicilia</i> . . . . .	800	63	279	26
<i>La Trinidad Valencera</i> . . . . .	1.100	79	281	42
<i>La Anunciada</i> . . . . .	703	79	196	24
<i>S. Nicolas de Bodanela</i> . . . . .	834	81	274	26
<i>La Juliana</i> . . . . .	860	70	325	32
<i>S.<sup>ta</sup> Maria de Vison</i> . . . . .	666	71	236	18
<i>La Trinidad Escala</i> . . . . .	900	79	307	22



## VII

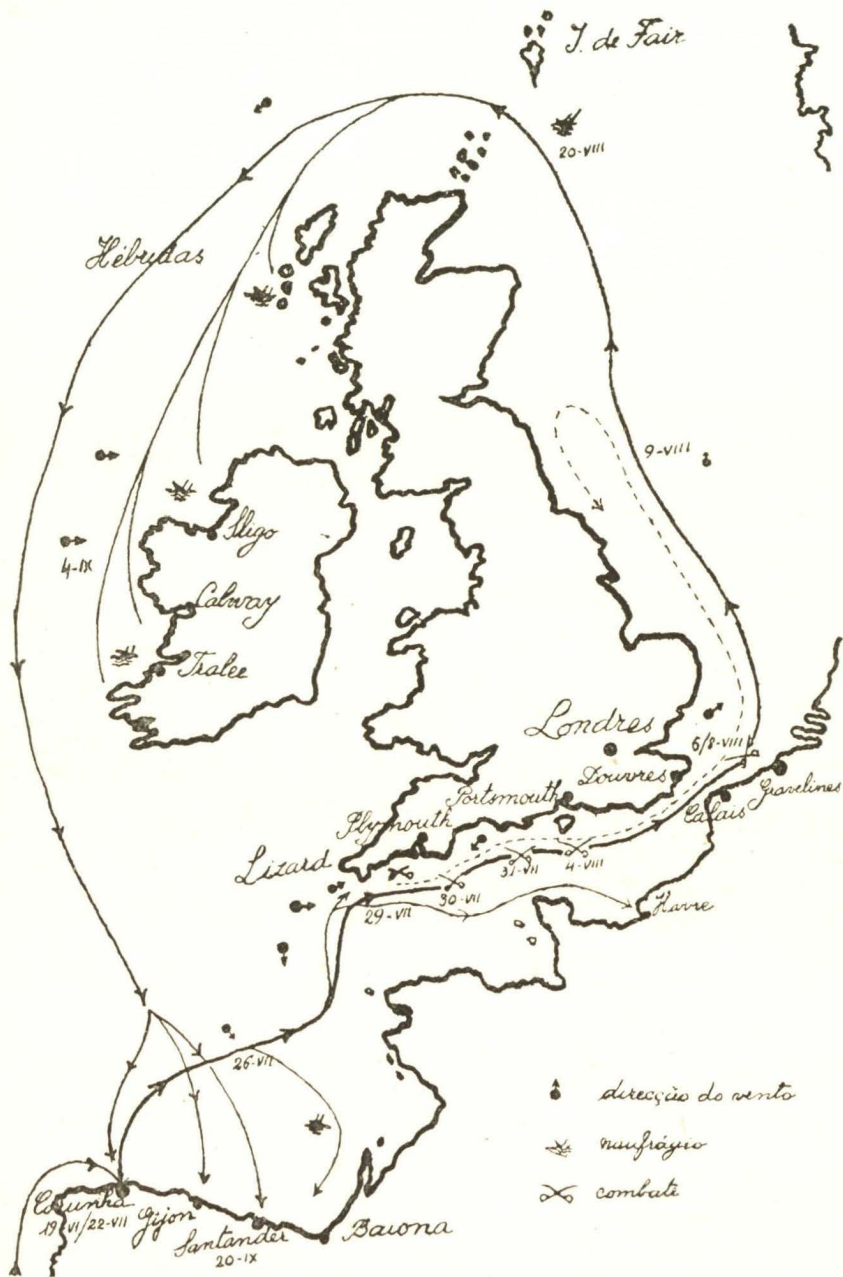
## Esquadra das urcas

(Juan Gomez de Medina)

Navios	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Peças
<i>El Gran Grifon</i> (capitaina) . . . . .	650	43	243	38
<i>S. Salvador</i> (almiranta) . . . . .	650	43	218	24
<i>Perro marino</i> . . . . .	200	24	70	7
<i>Falcon blanco maior</i> . . . . .	500	36	161	16
<i>Castillo negro</i> . . . . .	750	34	239	27
<i>Casa de paç grande</i> . . . . .	650	27	198	26
<i>S. Pedro mayor</i> . . . . .	581	28	213	29
<i>El Sanson</i> . . . . .	500	31	200	18
<i>S. Pedro menor</i> . . . . .	500	23	157	18
<i>Falcon blanco mediano</i> . . . . .	300	27	76	16
<i>S.to Andres</i> . . . . .	400	28	150	14
<i>Casa de paç chica</i> . . . . .	350	24	162	25
<i>Ciervo volante</i> . . . . .	400	22	200	18
<i>Paloma blanca</i> . . . . .	250	20	56	12
<i>La Ventura</i> . . . . .	160	14	58	4
<i>S.ta Barbara</i> . . . . .	370	22	70	10
<i>David</i> . . . . .	450	24	50	7
<i>El Gatto</i> . . . . .	450	22	40	9
<i>S. Gabriel</i> . . . . .	280	20	35	4
<i>Esayas</i> . . . . .	280	16	30	4
<i>Santiago</i> . . . . .	600	30	56	19

## BARCAS

de Dantzig . . . . .	450	25	200	26
de Hamburgo . . . . .	600	25	239	23



Rota da Armada desde a saída da Corunha até o regresso aos portos das Astúrias e Biscaia — (Julho-Outubro de 1588)

Escala: 50 km. 150 km.

## VIII

## Esquadra de patachos e zabras

(D. Antonio Hurtado de Mendoza)

Navios	Toneladas	Marinhei- ros	Soldados	Peças
<i>N.ra S.a del Pilar de Zaragoza</i> . . . . .	300	51	109	11
<i>La caridad ynglesa</i> . . . . .	180	36	70	12
<i>S.to Andres escoces</i> . . . . .	150	29	40	12
<i>Crucifixo.</i> . . . . .	150	29	40	8
<i>N.ra S.a del Puerto</i> . . . . .	55	33	30	8
<i>La Concecion de Carassa</i> . . . . .	70	42	30	5
<i>N.ra S.a de Vegoña.</i> . . . . .	64	26	20	-
<i>La Concecion de Capitullo.</i> . . . . .	?	31	20	10
<i>S. Geronimo</i> . . . . .	55	37	20	4
<i>N.ra S.a de Gracia</i> . . . . .	57	34	20	5
<i>La Concecion.</i> . . . . .	75	29	20	6
<i>N.ra S.a de Guadalupe.</i> . . . . .	70	42	20	-
<i>S. Francisco</i> . . . . .	70	37	20	-
<i>Spiritu Sancto</i> . . . . .	75	27	20	-
<i>La Trinidad</i> . . . . .	?	23	-	2
<i>N.ra S.a de Castro</i> . . . . .	?	26	-	2
<i>S.to Andres.</i> . . . . .	?	15	-	2
<i>La Concession</i> . . . . .	?	27	-	2
<i>La Concepcion de Somazino.</i> . . . . .	?	31	-	-
<i>S.ta Catalina</i> . . . . .	?	23	-	-
<i>S. Pedro de Carassa</i> . . . . .	?	23	-	-
<i>La Asuncion</i> . . . . .	?	23	-	2



## IX

## Esquadra das galeotas de Napoles

(D. Hugo de Moncada)

Navios	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Remadores	Peças
<i>S. Lourenço</i> (capitaina) . . . . .	?	124	262	300	50
<i>Patrona</i> . . . . .	?	112	178	300	50
<i>Girona</i> . . . . .	?	120	169	300	50
<i>Napolitana</i> . . . . .	?	122	264	300	50

## X

## Esquadra das galés de Portugal

(Diego de Medrano)

Navios	Toneladas	Marinheiros	Remadores	Peças
<i>Capitaina</i> . . . . .	?	106	303	5
<i>Princesa</i> . . . . .	?	90	200	5
<i>Diana</i> . . . . .	?	94	192	5
<i>Barana</i> . . . . .	?	72	193	5

## Resumo

Navios de combate . . . . .	65
Urcas (300 a 700 t.) . . . . .	25
Patachos (70 a 100 t.) . . . . .	19
Zabras . . . . .	13
Galés . . . . .	4
Galeotas . . . . .	4
Caravelas de ligação . . . . .	10
Faluas . . . . .	10
	<hr/> 150

Comando: D. Alonso de Leyva (embarcado como comandante no navio  
*la rata encoronada*)

### Terços embarcados

	Comp. <sup>no</sup>	Homens
D. Diego Pimentel . . . . .	26	2493
D. Francisco de Toledo . . . . .	26	2694
D. Alonso Luzon . . . . .	26	2854
Nicolas de Isla . . . . .	26	2584
D. Agostin Mexia . . . . .	26	2654
Compañias sueltas . . . . .	5	471
Compañias nuevas . . . . .	3	642
Compañias del armada de galeones de Castilla	24	2576
Bandeiras portuguesas (Gaspar de Sousa e An- tónio Pereira) . . . . .	10	2000

### Compañias por esquadras

I — *Esquadra de Portugal*: Companhia do castelo de Lisboa, Juan de Gusman, companhias de D. Juan de Luna, Don Pedro Manrique, Gomez de Carvajal, Francisco Perlins, Antonio Maldonado, Don Lopes de Mendoza, Francisco de Toledo, Pero Nunez Davila, Don Lorenço Godoy, Blas de Xerez, Don Agustin Mexia, Luis de Leon, Don Pedro Ponce, Don Diego Pimentel, Martin Davalos, Francisco Marques, Gonçalo Fernandez, companhias de infantaria portuguesa de Antonio Pereira e Gaspar de Sousa.

II — *Esquadra da Biscaia*: Companhias embarcadas de Duarte Nunez, Avendaño, Don Alonso Ladron de Guevara, Don Pedro de Mendoza, Pedro Hurtado de Corcuera, Don Francisco de Borja, Julio Torres de Mendoza, Alonso de Bargas, Diogo Sarmiento, Antonio del Castillo, do Mestre de Campo, Juan Franco de Ayala,

Gonzalo Franco de Ayala, Diogo Nodera, Francisco Ortiz Melgarejo, Francisco Castejón, Pedro Ibañez de Lujan, Juan Alonso del Castillo, Juan Garcia del Carcel, Pedro Calderon, Antonio de Balcaçar, Diogo de Miranda, Don Francisco de Bera.

III — *Esquadra de Castela*: Companhias de Felipe Sumier, Don Geronimo Correl, Pedro Santistevam, Don Pedro de Mendoça, Don Diego del Ojo, Domingo Martinz, Don Francisco Pessoa, Antonio Moreno, Don Francisco Ortiz Melgarejo, Diogo Gonçalvez de Heredia, Geronimo de Aybar, Alonso de Taveile, Don Francisco Bivanco, Pero Ortiz de Galeno, Bernardino de Paredes, Don Alonso de Sotomaior, Juan Flores de la Pila, Juan de Garibay, Juan de Soto, Nicolas Ortiz, Antonio de Leyva, Geronimo de Aybar, Gonzalo Melendez, Don Diego de Bazan, Don Geronimo de Herrera.

IV — *Esquadra da Andaluçia*: Companhias de Pero de Leon, Alonso de Cayal, Alonso de Pedraza, Alonso Barsantes, Garcilasso, Don Juan Maldonado, Don Diego Lopez de Ayala, Luis de Maeda, Pero Carrillo, Pero de Quintana, Gregorio de Hinchilla, Antonio de Vilafafola, Don Alonço de Bracamonte, Don Geronimo de Herrera, Don Juan de Baraona, Pero Quez Escavia, Don Francisco Sercel, Peraeta, Don Luis de Carvajal, Pero de Sepulbeda, Geronimo de Guevara, Pero Palomino, Don Juan de Ybana, Don Antonio de Herrera, Christobal Vasquez de Peralta, Don Francisco de Vera, Luis de Leon.

V — *Esquadra da Guipuscoa*: Companhias de Francisco Malo, Pedro de Yepes, Francisco de Almonacil, Lope Ochoa de la Vega, Christoval Rivera, Francisco Bustamante, Pero de Pliego, Geronimo de Valderrama, Don Francisco de Chaves, Francisco Mariceteno, Sancho Sanchez de la Rodra, Antonio Centeno, Andres de Muxica, Martin de Gallipiento, Don Antonio Enrriquez, Diego Castilla, Jorge Aries de Arbreto, Diogo Xuarez, Don Fernando Carrillo, Domingo Sanchez Chumazero, Diego Cascarro, Juan de Santisso, Don Alonso de Bracamante.



- VI — *Esquadra do Levante*: Companhias de D. Pedro Camacho Don Francisco de Cespedes, Don Pedro Sandoval, Rodrigo Ortiz de Carate, Luiz Ramirez, Andres de Valencia, Don Rodrigo Tello, Don Diego de Leyva, Don Pedro de Mendoza, Miguel Gala, Antonio Valcacer, Don Pedro Henriquez, Don Alonso Luzon, Don Garcia Manrique, Geronimo de Aybar, Don Gonçalo de Monrroy, Estevam Ochoa, Alonso Riqueime, Don Juan de Saavedra, Don Gabriel de Zuazo, Andres de Pantoxa, Lopes Vasquez, Juan de Mondragon, Maldonado, Don Arias da Sylva, Don Pedro Paxeco, Don Alonso de Guzman.
- VII — *Esquadra das urcas*: Companhias de Patricio Antolinez, Estevão dele Gorzete, Basco de Carvajal, Alonso de Venavides, Luis de Molina, Melchior de Abendaño, Rodrigo Alvarez, Don Lope de Mendoza, Luis Barbosa, Don Baltasar del Salto, Don Geronimo de Buitron, Diogo de Miranda Quiros, Pedro de Aycarna, Diego de Ales, Rodrigo Albanex, Don Juan de Monsalve, Diogo Casao. Companhias de infantaria portuguesa de Antonio Pereira e Gaspar de Sousa, Don Luis de Cordova, Diego de Arandola, Don Basco da Silva, Alonso Birves Maldonado, Don Lope de Mendoza, Don Alonso de Godoy, Lope Ochoa de la Vega, Francisco Marques, Christoval Rivero, Don Francisco de Cespedes.
- VIII — *Esquadra de patachos e çabras*: Companhias de Alonso Gomez, Hernando de Olmedo, Antonio Maldonado.
- IX — *Esquadra das galeotas de Nápoles*: Companhias de Luis Maycian, Juan Pirez Dalcaysa, Hernando de Quesada, Andres Verdugo, Gregorio Beltran, Don Antonio de Silva, Bernardino de Vila Gomez, Diogo Lainer Davila, Don Baltasar del Salto.

## Aventureiros embarcados

D. Alonso Martinez de Leyva, capitão-general da cavalaria milanesa, o príncipe de Asculi, o marquês de Peñafiel, o marquês de Garres, cunhado do duque de Saboia, o conde de Gelbes, D. Gaston de Moncada, D. Bernardino de Velasco, irmão do Condestavel de Castela, D. Pedro de Zuñiga, filho do marquês de Aguila Fuente, D. Diego Pacheco, irmão do marquês de Villena, D. Enrique Enriquez de Gusman, irmão do marquês de Las Navas, D. Garcia de Cardenas, irmão do conde de Puebla, D. Gomez Zapata, filho do conde de Barajas, D. Diego Enriquez, filho do comendador-mor de Alcantara, D. Baltasar de Zuñiga, irmão do conde de Monterrey, D. Alonso Tellez Giron, irmão do duque de Ossuna, D. Francisco de Ribadeneira y Mendoza, D. Luis Portocarrero, filho do conde de Medelin, D. Lorenzo de Mendoza, irmão do marques de Ayamonte, D. Felipe de Córdoba, filho de D. Diego de Cordova, D. Pedro Enriquez, irmão do marquês de Villanueva, D. Ladron de Guevara, irmão do conde de Oñate, D. Pedro Portocarreiro, irmão do marquês de Villanueva de Barcarrota, D. Garcia de Toledo, neto de D. Garcia de Toledo, aio do príncipe D. Carlos, D. Pedro de Castro, filho do conde de Lemos, D. Rodrigo de Mendoza, irmão do marquês de Cañete, D. Juan Manrique, irmão do conde de Paredes, D. Francisco Pacheco, primo do conde de Oropesa, D. Pedro Portocarrero, D. Rodrigo Lasso, D. Rodrigo Manrique de Lara, primo do duque de Najera, D. Pedro de Guzman, D. Tomás Granvela, sobrinho do cardeal Granvela, D. Luís de Vargas, filho do secretário de Estado, D. Francisco Pacheco de Guzman, D. Diego Enriquez, filho do vice-rei D. Martin Enriquez, D. Sancho de Luna, D. Sebastian Zapata, D. Rodrigo de Vivero, D. Diego Sarmiento, filho de D. Garcia Sarmiento, D. Juan Vizentelo, D. Gaspar de Sandoval, D. Ramon Ladron de Mendoza, D. Christoval de Robles, Henrique Bumue, alemão, Baltasar Broque, Rafael Sal, inglês, Diogo de Miranda, Carlos das Dunk, alemão, D. Luis de Vargas y Figueiroa, Sebastian de Castro, D. Pedro de Toledo, D. Antonio Miñez Cherino,

D. Francisco Narvaez, D. Juan Alonso de Rollas, D. Francisco Manuel, Guilherme Brun, inglês, D. Diego de Mieres, D. Diego Fernandez de Messa, D. Pablo de la Peña, Pero Nuñez de Castillo-Blanco, D. Fernando de Aranda, Geronimo Magno, Ferrante Nardino, Vicentio Marteli, Paulo Emilio Justiniano, Frederico Vizonte, italianos, D. Antonio Lopes de Chaves, Manuel Paleólogo, Diego Mexia de Prado, Miguel Gumarza, Hernan Gomez de Tortoles, Lope Gil de Tejada, Diego Hurtado, Bartolomé Enriquez de Silva, Pedro Vicano, Toribio de Liebana, Francisco Maldonado, Jusepe Justen, alemão, Gregorio Perez de Lara, Juan de Alva, Juan Clez, Pero Clez, alemães, Juan Fernandez, Pedro de Estela, D. Antonio de Tejada, Pero Sancho Gallardo, Alonso Ruyz, Alonso de Arquillos, Bertolame de Arroyo Valdivia, Pero de Idraquez, D. Francisco de Verastioyr, Juan Lopez de Izaguirse, Juan de Setanti, Alonso de Castañeda, D. Francisco de Torres, Juan de Torres, Gomez Perez dos Marinos, Diego Perez Murcillo, Juan de Castromonte, Antonio de Vera, Juan de Carranza, Alvaro de Castro, Antonio de la Peña, Juan de Portillo, Diego Mendez de Castro, D. Alonso de Sosa y Vivero, Bernardino de Figueroa, Dionisio Irdandes, D. Luis Ponce de Leon, Antonio Cruzate, Diego Gonçalez de Aguero, Juan Fernandez Hermosa, Alonso Valiente, Juan Fernandez Rueda, Chrisptoval Funes y Mona, Gaspar Maldonado, Antonio Bazan, Julio de Villa-Verde, Vasco de Lega, D. Sancho de Zurita Nogueral, Juan Batista Pantoja, Melchior de Silva, Diego Zea.

Faziam-se acompanhar de 456 criados.

#### 4

### Gente do hospital

D. Martin de Alarcon, administrador geral, um ajudante, cinco médicos, cinco cirurgiões, cinco ajudantes, quatro confesores, um veador, um mordomo, sessenta e dois serventes.

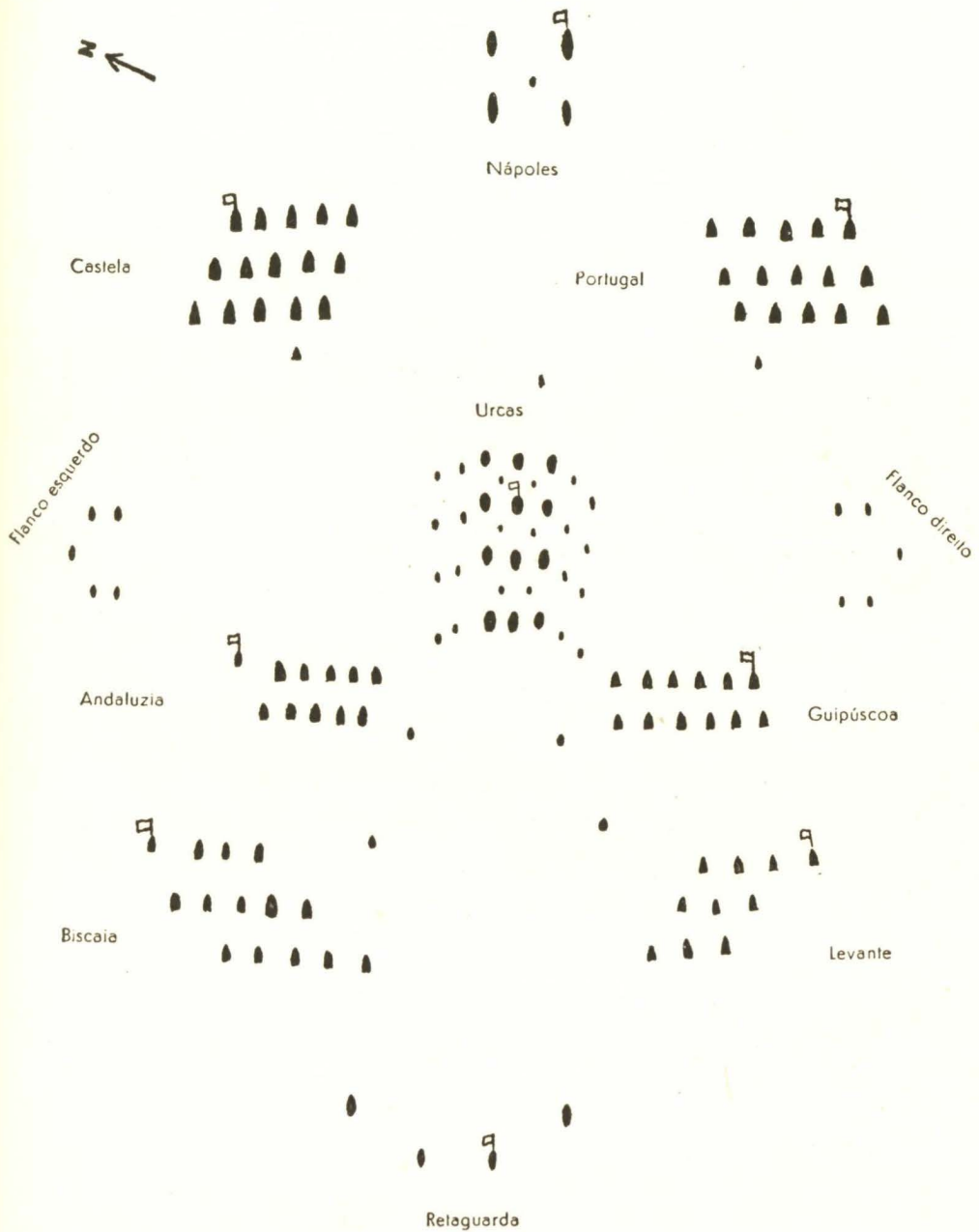


## Religiosos embarcados

Franciscanos da Observância da Próvincia de Castela . . . . .	8
» » » » » Portugal . . . . .	20
Descalços, castelhanos . . . . .	29
» portugueses . . . . .	10
Agostinhos, castelhanos. . . . .	9
» portugueses . . . . .	14
Carmelitas descalços . . . . .	12
Terceiros, portugueses . . . . .	8
Dominicanos da Provincia da Andaluzia . . . . .	22
Carmelitas, portugueses. . . . .	9
Xabreganos . . . . .	16
Teatinos, portugueses . . . . .	8
» castelhanos . . . . .	15
	<hr/> 180

## Ministros embarcados

D. Jorge Manrique, Vedor geral  
 Barnabe de Pedroso, Provedor da Armada  
 Alonso de Alameda, Contador  
 Pedro Coco Calderon, Contador  
 Juan de Huerta, Pagador  
 Felipe de Porras, Vedor das galés  
 Barnabe de Alvia, Contador da Armada de Guipúscoa



*Primeiro dispositivo de marcha (em aspa) ao entrar no Canal*

Escala: |-----| 2 milhas

Pedro de Yqueldo, da esquadra da Biscaia  
Juan de los Rios, Commissário de *muestras*  
Ochoa de Anuncivay, Commissário  
Agustin de la Guerra, Commissário  
Diego Infante del Aguila, Commissário  
Julio Martinez de Guillezagui, Commissário  
Melchior Perez, Commissário do Terço de Sicília  
Juan Verguero, Contador do mesmo Terço  
Andres Roseto, Escrivão dos mantimentos do Terço de D. Alonzo de Luzon  
Francisco Lopez de Espino, Contador do Terço de Sicília

7

Oficiais de Justiça

L.<sup>do</sup> Martin de Aranda, auditor geral, L.<sup>do</sup> Magaña, tenente da auditoria, Tomas del Monte, aguazil real e mais 16 pessoas (aguazis, escrivães, carcereiro, etc.).



## Sumário geral

Gente de mar (mareantes e chusma). . . . .	10.183
Infantaria . . . . .	19.134
Aventureiros . . . . .	116
Criados . . . . .	465
Entretenidos . . . . .	225
Criados . . . . .	163
Gente de artilharia . . . . .	167
Hospital . . . . .	85
Religiosos . . . . .	180
Casa do Duque . . . . .	22
Criados . . . . .	50
Vedoria e Contadoria. . . . .	50
Justiça . . . . .	19

## Mantimentos

Biscoito . . . . .	110.000 quintais	( <sup>1</sup> / <sub>2</sub> quintal por mês por cada pessoa, mais de 6 meses)
Vinho . . . . .	11.170 pipas	(para seis meses)
Toucinho . . . . .	6.500 quintais	( » cinco meses)
Queijo . . . . .	3.000 quintais	( » três meses)
Pescado . . . . .	6.000 quintais	( » quatro meses)
Arrôs . . . . .	4.000 quintais	( » seis meses)
Aveia e grão . . . . .	6.000 fangas	( » cinco meses)
Azeite . . . . .	10.000 arrobas	( » cinco meses)
Vinagre . . . . .	21.000 arrobas	( » cinco meses)
Água . . . . .	11.000 pipas	( » dois meses e meio)

## Armamento (\*)

## Reparos de artilharia

para canhões de bater . . . . .	12
para canhões de campanha . . . . .	21

Carros-matos, cábreas, etc. e 40 mulas de tiro.

Arcabuzes . . . . .	7.000
Mosquetes . . . . .	1.000
Picos . . . . .	10.000
Alabardas e partasanas . . . . .	1.000
Meios-picos . . . . .	6.000
Equipamento de sapadores . . . . .	700

(\*) Destinado ao desembarque.

# B

## Composição das esquadras inglesas

(*Corbett, Drake and the Tudor Navy & Spanish War*)



## I

## Old Majesty's ships

Navios	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Artilheiros	Peças
<i>The Triumph</i> . . . . .	1,000	350	200	50	58
<i>The Elizabeth Jonas</i> . . . . .	900	330	190	50	64
<i>The White Bear</i> . . . . .	900	330	190	50	60
<i>The Victory</i> . . . . .	800	300	160	40	52
<i>The Hope</i> . . . . .	650	190	110	30	33
<i>The Nonpareil</i> . . . . .	500	170	100	30	40
<i>The Mary Rose</i> . . . . .	500	170	100	30	36
<i>The Lion</i> . . . . .	500	170	100	30	40
<i>The Revenge</i> . . . . .	500	270	100	30	40
<i>The Dreadnought</i> . . . . .	560	136	60	24	34
<i>The Swifsure</i> . . . . .	330	130	50	20	34
<i>The Antelope</i> . . . . .	300	130	50	20	28
<i>The Swallow</i> . . . . .	300	130	50	20	30
<i>The Foresight</i> . . . . .	260	120	40	20	28
<i>The Bull</i> . . . . .	160	88	20	12	21
<i>The Tiger</i> . . . . .	160	88	20	12	24
<i>The Scout</i> . . . . .	120	60	10	10	20
<i>The Achates</i> . . . . .	100	56	6	8	28
<i>The Galley Bonavolia</i> . . . . .	?	200	90	10	?
<i>The Merlin</i> . . . . .	50	20	16	4	10
<i>The George Hoy</i> . . . . .	100	16	-	4	?
Pinaças (10) . . . . .	-	200	-	20	

II

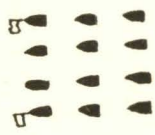
New Majesty's ships (1)

Navios	Toneladas	Marinheiros	Soldados	Peças
<i>The Ark</i> (2) . . . . .	800	304	146	55
<i>The Elizabeth Bonaventure</i> (3) . . . . .	600	174	76	47
<i>The Aid</i> . . . . .	250	106	14	78
<i>The Jennet</i> . . . . .	250	106	14	78
<i>The Handmaid</i> . . . . .	250	106	14	78
<i>The Rainbow</i> (4) . . . . .	500	174	76	54
<i>The Vanguard</i> (5) . . . . .	500	174	76	54
<i>The Tranmontana</i> (6) . . . . .	150	63	7	21
<i>The Moon</i> (7) . . . . .	60	35	5	9
<i>The Charles</i> (8) . . . . .	70	38	7	16
<i>The Sun</i> (9) . . . . .	50	38	2	5
<i>The Advice</i> (10) . . . . .	50	35	5	9
<i>The Spy</i> (11) . . . . .	50	35	5	9
<i>Seven Stars</i> (12) . . . . .	60	35	5	9
<i>The Trust</i> (13) . . . . .	50	35	5	9
<i>Makeshipt</i> (14) . . . . .	60	35	5	9

(1) Antigos navios de particulares. (2) O antigo *Ark Raleigh*. (3) O antigo *Bonaventure*. (4) (7) (12) Do armador Peter Pett, de Deptford. (5) (8) (10) Do armador Mathews Baker, de Woolwich. (6) Do armador Chapman, de Deptford. (9) Do armador Borough, de Chatham. (11) (14) Do armador William Pett, de Deptford. (13) Do armador Wynter, de Woolwich.

2 ←

VANGUARDA



(S. Martinho)

CORPO DE BATALHA

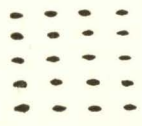
(Galeões e naus)



(Galeés)



(Caravelas)



ALA ESQUERDA

(Galeões e naus)



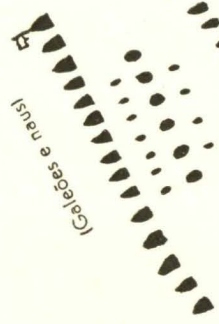
(Urças e pequenos navios)



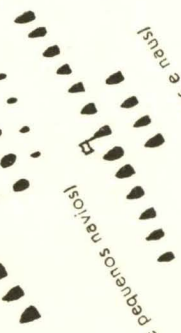
(Galeões e naus)

ALA DIREITA

(Galeões e naus)



(Urças e pequenos navios)



(Galeões e naus)

Segundo dispositivo de marcha (em água), durante a travessia do Canal

Escala: | | 2 milhas



III

Merchants' ships

Navios	Toneladas	Marinheiros
<i>The Edward Bonaventure</i> . . . . .	300	160
<i>The Solomon</i> (de Londres) . . . . .	300	120
<i>The Shoppley's ship</i> (de Dartmouth) . . . . .	300	160
<i>The Centurion</i> . . . . .	200	120
<i>The Ascension</i> . . . . .	200	120
<i>The Prudence</i> . . . . .	200	120
<i>The Charity</i> . . . . .	200	120
<i>The Susan</i> . . . . .	300	160
<i>The Red Lion</i> . . . . .	200	120
<i>The Amity</i> . . . . .	180	100
<i>The Golden Noble</i> . . . . .	200	120
<i>The Minion</i> . . . . .	200	120
<i>The Mary Rose</i> . . . . .	180	100
<i>The Cokayn's Lion</i> . . . . .	300	160
<i>The George Bonaventure</i> . . . . .	200	120
<i>The Violet</i> . . . . .	120	80
<i>The Brave</i> . . . . .	140	90
<i>The Primrose</i> (de Londres) . . . . .	180	100
<i>The Anne Frances</i> (de Aldborough) . . . . .	140	90
<i>The Samaritan</i> (de Londres) . . . . .	160	80
<i>The Bark Taylor</i> (de Londres) . . . . .	140	90
<i>The Mary Katherine</i> (de Londres) . . . . .	140	90

## IV

## Resumo

	Navios	Tripulação
Majesty's ships (Howard)	34	6.289
Esquadra do Canal (merchants) (Drake)	34	2.394
Esquadra de Londres (merchants) (Howard)	18	751
1.ª esquadra de cabotagem (Howard)	20	993
2.ª esquadra de cabotagem (Seymour)	23	1.090
Navios de abastecimento	15	810
Voluntários	23	1.044

# C

Cômputo geral das despesas previstas para a *Jornada  
de Inglaterra* com uma armada  
de 556 unidades e 94.222 homens

(B. N. L., F. G., cód. 637, fls. 80-104)



I  
Unidades

I  
FORMAÇÃO DE BATALHA

	Navios	Toneladas
Raguza, Veneza, Sicília, Nápoles e levante de Espanha, até Cartagena . . . . .	40	24.000
Estreito (S. Lúcar, Sevilha e Cádiz) . . . . .	25	15.000
Guipúscoa e Biscaia . . . . .	35	12.250
Flandres e Alemanha . . . . .	30	12.000
Portugal (galeões) . . . . .	20	14.000

II  
COMBOIO

Portugal (urcas) . . . . .	40	8.000
----------------------------	----	-------

III  
NAVIOS AUXILIARES

(setias, corchapins, caravelas, zabras, patachos e mexeriqueiras)

	Navios	Toneladas
Catalunha e Valência . . . . .	50	5.000
Andaluzia . . . . .	50	4.000
Portugal (caravelas e chalupas) . . . . .	100	8.000
Portugal (caravelas s/ coberta = mexeriqueiras) . . . . .	20	500
Astúrias . . . . .	100	8.030

I V

UNIDADES DE EXPLORAÇÃO E LIGAÇÃO

GALÉS

	Navios	Toneladas
Espanha . . . . .	20	1.400
Nápoles . . . . .	14	980
Sicília . . . . .	6	420

GALEAÇAS

Nápoles . . . . .	6	1.500
-------------------	---	-------

V

RESUMO

	Navios	Toneladas
Formação de batalha . . . . .	150	85.250
Comboio . . . . .	40	8.000
Navios auxiliares . . . . .	320	25.500
Unidades de exploração e ligação . . . . .	46	4.300
	<u>556</u>	<u>123.050</u>

VI

ENCARGOS MENSAIS (\*)

Com o total dos navios . . . . .	139.128 <sup>7</sup> / <sub>000</sub>
Gente de mar . . . . .	88.600 <sup>7</sup> / <sub>000</sub>
Grumetes . . . . .	18.071 <sup>7</sup> / <sub>136</sub>
Pagens . . . . .	4.430 <sup>7</sup> / <sub>400</sub>
Mestres e pilotos (190) . . . . .	9.120 <sup>7</sup> / <sub>000</sub>
Oficiais náuticos . . . . .	13.440 <sup>7</sup> / <sub>000</sub>
	<u>272.769<sup>7</sup>/<sub>536</sub></u> rs. de Castela

(\*) A jornada estava prevista para 8 meses.

## Forças embarcadas

## I

## INFANTARIA ESPANHOLA E PORTUGUESA

Terços de Nápoles . . .	2.000	homens	
» da Sicília. . . .	1.500	»	
» da Lombardia . . .	1.500	»	
» de Portugal e Açores	3.000	»	
» das esquadras das Índias e guarda-costa	3.000	»	
» de recrutas . . .	12.000	»	
» de Portugal (2) . . .	5.000	»	
	<u>28.000</u>		» = 354.668 <del>7</del> 960 rs. de Castela

## INFANTARIA ITALIANA

6 Coronélias . . . . .	15.000	» = 155.333 <del>7</del> 760 rs. de Castela
------------------------	--------	---

## INFANTARIA ALEMÃ

3 Regimentos . . . . .	12.000	» = 166.342 <del>7</del> 008 rs. de Castela
------------------------	--------	---

## II

## CAVALARIA

Guardias de Castela. . .	400	
Ginetes . . . . .	400	
Ligeiros . . . . .	200	
Arcabuzeiros. . . . .	200	
	<u>1.200</u>	» = 28.533 <del>7</del> 331 rs. de Castela



### III

#### ARTILHARIA

Gastadores, moços de mulas artilheiros, carreteiros, fer- reiros, etc. . . . .	4.290 homens	<u>75.599</u>	7993 rs. de Castela
		Total	780.478 <del>7052</del> » » »

### IV

#### TOTAIS

Tripulações (marinheiros) . . . . .		20.532	homens
» (remadores) . . . . .		9.800	»
Infantaria . . . . .		55.000	»
Cavalaria . . . . .		1.200	»
Aventureiros . . . . .		3.400	»
Artilharia . . . . .		<u>4.290</u>	»
		94.222	»

### 3

#### Mantimentos

Biscoito para 8 meses . . . . .	379.337 quintais	<u>257.949</u>	160 rs. de Castela
Vinho para 8 meses . . . . .	46.800 pipas	210.600	» » »
Toicinho para 8 meses . . . . .	22.800 quintais	54.264	» » »
Queijo para 2 meses . . . . .	21.500 quintais	51.170	» » »
Atum para 2 meses . . . . .	23.200 barris	17.353	» » »
Carne salgada para 1 mês . . . . .	16.040 quintais	19.248	» » »
Azeite para 8 meses . . . . .	24.000 almudes	7.344	» » »
Vinagre para 8 meses . . . . .	3.200 pipas	11.968	» » »
Fava e grão para 8 meses . . . . .	26.000 fangas	8.840	» » »
Arros para 8 meses . . . . .	7.000 quintais	10.500	» » »
Alhos para 8 meses . . . . .	50.000 résteas	<u>1.700</u>	» » »
Total. . . . .		650.937	» » »

## Rações do gado

Para 1.600 cavalos e 1.400 mulas

Cevada . . . . .	91.500 fangas	12.444	7000 rs. de Castela
Palha . . . . .	100 barcas	344	7000 » » »
	Total. . . . .	12.788	7000 » » »

As despesas gerais (armamento, munições, equipamento, etc.) subiam a 3.801.288 escudos e 298 maravedis, ou 1.425.483 298 reais de Castela, fora os 3.626.331 100 das verbas anteriores.

## D

### Quadro da marcha da *Armada* e das operações da *Batalha dos Dez Dias*

Os elementos que utilizei são designados, para comodidade do trabalho, pela cotas A B C D E, assim distribuídas: para A os estudos modernos; para B o *Diário do Archivo de Villafranca* (CODOIN t. XIV, págs. 449 e segs.); C a *Relacion* do Archivo General de Simancas (Id., t. XVIII, pág. 416 e segs.); D o *Diário de Calderon* (*Revista de los Archivos, Bibliotecas y Museos*, 1897, pág. 33 e segs.); E o *Anónimo* da B. N. L.

Para este *Quadro* seguiu-se a *correção Gregoriana*; nas datas dos documentos britânicos mencionados no texto manteve-se o *calendário Juliano*, ainda ao tempo usado na Inglaterra, para mais fácil confronto com as fontes.



Dias	A	B	C	D	E
Maio 22	Partida de Lisboa.				
Junho 19	<p>Viagem tormentosa. O Duque ordena que a <i>Armada</i> se acolha à Corunha. Vinte navios com mantimentos, não compreendendo os sinais do <i>S. Martinho</i>, prosseguem viagem. Alguns outros dão à costa ou buscam refúgio nas rias do litoral galego. Uma reunião de oficiais aconselha o Almirante a prevenir o Rei dos perigos a que todos se expõem se se prosseguir na derrota, com o efectivo dos barcos reduzido a pouco mais de dois terços, as tripulações esgotadas e as tropas pouco seguras. Medina Sidónia sugere ao <i>Católico</i> que negocie com a Inglaterra. Resposta terminante de Filipe: partir logo que as circunstâncias o permitam.</p>				
24 a 2 de Julho	<p>Os vinte navios de transporte que tinham seguido à deriva chegam à vista do arquipélago das Scillys, a oeste da península da Cornualha. Assaltados pelos Ingleses escapam sem grande dificuldade e depois de prevenidos por uma caravela espanhola regressam à Corunha, com os paióis vãos.</p> <p>É dado o alarme em toda a Grã Bretanha.</p>				
4 e segs.	<p>Bom tempo na Mancha. Howard estabelece uma barragem entre as Scillys e Ouessant, a fracção de Drake apoiada em Ouessant, Hawkins no extremo oposto, Howard no centro.</p> <p>Reaparece o mau tempo que obriga a formação a desfazer-se. Os navios ingleses refugiam-se nos portos do litoral do País de Gales.</p>				
19 e segs.	<p>As esquadras britânicas seguindo na esteira de Drake vão ao encontro do inimigo. A mudança de vento (S e SO) e o mar grosso obrigam os navios ingleses a regressar às bases.</p>				

Dias	A	B	C	D	E
Julho 22	Tendo deixado patrulhas no mar os bretões recolhem a Plymouth. A <i>Armada</i> sai da Corunha com ventos favoráveis.	Partida da <i>Armada</i> com bom vento de SO.		A <i>Armada</i> , composta de 151 velas (galeões, naus, urcas, galeças, galés, patachos, zabras, caravelas e faluas) e com 30 mil homens, sai da Corunha em direcção às Orlingas (= Sorlingas ou Scilly), arquipélago situado cerca do cabo Lango-neos (Land's End), à entrada do canal de S. Jorge.	
25		É despachado ao Parma D. Rodrigo Telo pedindo-lhe que se apresente e indique o melhor fundeadouro.		O vento refresca e o tempo piora.	
26	O dia amanhece enevoadado. Ao meio dia desencadeia-se um temporal com o vento de NO. A <i>Armada</i> segue o rumo da costa francesa, pondo-se à capa. As 4 galés da <i>esquadra de Medrano</i> refugiam-se em Baiona, mas antes de atingirem o porto uma delas naufraga. Quando o tempo levanta, as restantes voltam a Espanha.	Cerração, aguaceiros e ventos instáveis.		Tresmalham-se a nau <i>Santana</i> e várias galés.	
27	Temporais e nevoeiros. Alguns navios perdem de vista o grosso da <i>Armada</i> .	Mantém-se o mau tempo. Desagrega-se a <i>Armada</i> .			
28	«O alvorecer claro e límpido com vento e mar calmos... Contámos que nos faltavam 40 navios». ( <i>Diário do Duque</i> ).	Calmaria. Receia-se pela sorte de 43 navios. As esquadras navegam em paragens perigosas onde a sonda acusa 15 braças.			
29	Os Espanhóis avistam o cabo Lizard e, a pairarem, os 39 navios que se reputavam perdidos (o de Miguel de Oquendo, <i>Santana</i> , seguira para o Havre). Foram estes 39 barcos que as patrulhas do capitão Fleming descobriram.	Vento de SO. Encontram-se os navios que se consideravam perdidos. Avistam-se as costas inglesas na altura do cabo Lisente (=Lizard).			
30	O almirante católico dá ordem para acelerar a marcha a fim de colocar a <i>Armada</i> entre Drake, que supunha em Plymouth, e Howard, que julgava na Mancha. Informações ulteriores dão-lhe notícia da concentração de Plymouth. Conselho de oficiais a bordo do <i>S. Martinho</i> : é resolvido, por pro-	A <i>Armada</i> navega muito junto à terra. A zabra de Juan Gil aprisiona quatro pescadores ingleses de Falamua (=Falmouth) que dizem estarem Drake e o Almirante em Pleuma (=Plymouth) prontos a levantar ferro.		Descobre-se o cabo Lisarte e pela tarde, defronte do cabo Gudiman (=Cabo Doman), avista-se um patacho inglês ao qual os Espanhóis dão caça, mas sem proveito. Ao anoitecer descobre-se o inimigo, a sota-vento. A neblina e a falta de luz diurna impedem os Espanhóis de verificar	

Dias	A	B	C	D	E
31	<p>posta de Leyva, o ataque geral às formações britânicas ancoradas em Plymouth, que terão deste modo poucas probabilidades de escapar.</p> <p>O dia amanhece enevoadado para levantar depois. A <i>Armada</i> toma o dispositivo «aspa». O vento, a soprar de NO, dificulta a manobra. Sir Walter Raleigh coloca-se ao lado de Howard para defender o plano de ataque fundado na prática dos marinheiros ingleses e na rapidês do tiro e da velocidade dos navios britânicos. A coberto da névoa matutina a esquadra inimiga sai do ancoradouro e ataca de surpresa a <i>da Biscaia</i> (54 navios contra 14), encarniçando-se sobre o <i>Santiago</i> e o <i>Rata</i> (<i>Levante</i>). Conversão de todas as esquadras espanholas em socorro.</p> <p>Howard dá sinal de romper o contacto. Os dois galeões de Filipe sofreram grandes avarias. O <i>San Salvador</i> (esquadra de Oquendo, <i>Guipúscoa</i>) foi quase destruído por uma explosão e a <i>Nuestra Señora del Rosário</i> (<i>Andaluzia</i>) ficou também com avarias graves.</p> <p>Resultados deste primeiro encontro: os Espanhóis perderam quatro unidades, de boa tonelagem, e os Ingleses não sofreram danos, tendo verificado a superioridade do andamento e da artilharia dos seus barcos.</p> <p>Tempo variável e agreste.</p> <p>No conselho reunido a bordo da <i>Ark Royal</i> decide-se a perseguição da <i>Armada</i>, sendo o posto de honra confiado à <i>Revenge</i> (Drake).</p>	<p>Amanhece com vento ONO. Avistam-se a barlavento 60 navios, e a sotavento, saindo de Preamua (<i>inexacto</i>, Pleuma) mais 11.</p> <p>Escaramuça com as vanguardas dos dois partidos. O navio <i>N. S.ª do Rosário</i> é desmantelado e abandonado, e o de Oquendo gravemente avariado por uma explosão.</p> <p>Muito mar e muito vento.</p>		<p>o número e a força dos navios britânicos. O Duque dispõe a <i>Armada</i> para o combate. Às 2 da manhã, já com luar, os católicos enxergam os Ingleses, que a favor do vento se afastam. Apenas 5 naus se mantêm em contacto.</p> <p>Amanheceu a <i>Armada</i> com o inimigo a barlavento. Tentou o Duque aproximar-se, e por sua vez os Ingleses, com 20 galeões de quinhentos e oitocentos tonéis e 50 de duzentos a trezentos, bolinaram de maneira a atacar a retaguarda. Foi o <i>San Mateo</i> que sofreu o primeiro embate vindo em socorro o navio de D. Alonso de Leiva, o <i>Rata</i>.</p> <p>Os Ingleses fogem à abordagem. O <i>S. Martinho</i> avantajou-se durante todo o tempo pelo arrojo com que lutou com os melhores navios do inimigo, buscando-os e permitindo, deste modo, que Recalde reorganizasse a retaguarda. Ao meio dia os contendores romperam o contacto e o Duque deu ordem de seguir viagem aproveitando a feição do vento. Pela tarde foi encontrada desaparelhada a capitaina de Pedro de Valdês.</p> <p>Verificada a impossibilidade de a rebocar procurou-se salvar a tripulação, que se negou a abandoná-la. Ao entardecer os ingleses tomaram-na com 350 homens de manobra e de guerra e cinquenta mil ducados em dinheiro.</p>	
Agosto 1	<p>Para facilitar a manobra a <i>Armada</i> toma o dispositivo «águia».</p> <p>Howard enganado pelos faróis da <i>Armada</i>, amanhece ao alcance do fogo dos católicos mas de pronto remedeia a situação, mudando de rumo. A <i>Rosário</i> e o <i>Salvador</i> são</p>	<p>Leyva constitui a retaguarda, em linha, destinada a facilitar a manobra e a servir de cortina ao resto das esquadras quando estas rodarem 90° apanhando à Flandres.</p> <p>É enviado ao Parma o patacho de Juan Gil.</p>		<p>São repartidos por vários navios da <i>Armada</i> os sobreviventes do <i>Salvador</i>.</p>	



Dias	A	B	C	D	E
2	<p>rebocados para Weymouth. O dia permanece calmo. O comando britânico supondo iminente um desembarque na costa inglesa mantém-se cautelosamente entre ela e os Espanhóis.</p> <p>Ao amanhecer, Howard, aproveitando o vento, ataca a <i>esquadra de Castela</i> enquanto Frobiser e Drake caem sobre a retaguarda. A <i>Armada</i> está na iminência dum desastre completo quando o vento roda de quadrante. Então todo o poder dos católicos desfaz as arremetidas inglesas. Travam-se combates locais, curtos, mas de grande violência.</p> <p>Pela tarde os britânicos têm vento de feição mas não o aproveitam. O <i>Triumph</i>, de Frobiser, avariado, abandona a formação, o mesmo fazendo os navios de Drake. Os isabelinos recolhem a Portland e a <i>Armada</i> prossegue na viagem para leste.</p>	<p>As esquadras inglesas navegam a sotavento procurando, contudo, um envolvimento por barlavento. Os Espanhóis dão todo o pano, e, como o inimigo se afasta, vão sobre ele os <i>Regaçona</i>, <i>S. Felipe</i>, <i>S. Juan de Cecilia</i>, <i>Florença</i>, <i>S. Tiago</i>, <i>S. Juan</i> e uma nau. Os ingleses fogem ao contacto e vão atacar Recalde que é socorrido pelo <i>S. Martinho</i> (almirante) e outros navios. Durante três horas os adversários fusilam-se e canhoneiam-se à queima-roupa. Retiram os Britânicos com o <i>Triumph</i> muito mal tratado.</p>		<p>A <i>Invencível</i> navegando cerca do cabo de Plamua (=Plymouth, inexacto, passava ao largo da baía formada por Anvil Point e Portland Bill) é seguida a sotavento pelos inimigos.</p> <p>O Duque pretende alcançá-los mas desiste, atendendo ao pouco vento e aos seus navios serem menos veleiros que os Ingleses. Travam combate com os britânicos o <i>S. Martinho</i>, o <i>Florença</i>, a <i>Regaçona</i> e o <i>S. Juan de Fernandome</i>. Mudança constante de vento, alterando a toda a hora a posição dos adversários.</p>	
3	<p>O vento, que sopra do Poente, descai a ponto de ser apenas ligeira brisa.</p> <p>A <i>Armada</i> mantém a formação da véspera e desfila à velocidade horária de uma milha.</p> <p>Os Ingleses reabastecem-se e tomam, para perseguir os Espanhóis, a formação em linha, com quatro esquadras, a 6 milhas do inimigo, sempre apoiados no litoral com a mira de impedir o temido desembarque. Howard espreita o momento de assaltar o espanhol, desagregar a formação e apoderar-se da impedimenta.</p>	<p>Pequenas escaramuças.</p>		<p>De manhã avista-se a ilha Duyque (=Wight). Duelo de artilharia entre a retaguarda dos católicos e os Ingleses, que seguem depois, a <i>Invencível</i>, a 5 milhas.</p>	<p>O galeão <i>S. João</i> da <i>Esquadra de Portugal</i> passa ao largo de Preamua (=Portsmouth) e encontra-se com 47 naus inglesas. Trava-se combate entre o <i>S. João</i>, o <i>S. Mateus</i> e a Almirante da esquadra e os britânicos. O <i>S. João</i> sofre avarias graves.</p>
4	<p>Calmaria completa.</p> <p>Os dois adversários estão a 12 milhas ao sul da ilha de Wight. Chegam reforços e munições vindas de Portsmouth. Hawkins aproveitando a quase imobilidade dos galeões espanhóis ataca o <i>S. Luiz</i> e a <i>Santana</i> (<i>Portugal; Andaluzia</i>), mas abandona o seu intento, ameaçado por</p>	<p>Dia de S. Domingos. A urca <i>Santana</i> e um galeão de Portugal que se atrasaram, são atacados, mas o assalto é repellido. Encarniçam-se os britânicos contra o <i>S. Martinho</i>, mas sem resultado. A capitaina inglesa (o <i>Triumph</i> provavelmente) sofre novas avarias e afasta-se, com vento.</p>		<p>Calmaria. As urcas <i>Santana</i> e <i>Doncella</i> estão a ponto de se perderem.</p> <p>Pela tarde o vento refresca. As formações de Valdes (P.) e Oquendo travam combate com o inimigo.</p>	<p>Os três navios da <i>Esquadra de Portugal</i> seguem a sua rota pelejando com 80 navios inimigos.</p>

Dias	A	B	C	D	E
	<p>sua vez, pela retaguarda da <i>Invincível</i>. Às oito, aproveitando o vento que começa a refrescar, Frobiser ataca, por seu turno, e de través, o centro, que é logo socorrido por todas as forças disponíveis da <i>Armada</i>.</p> <p>Drake pretende utilizar a confusão e vai sobre a <i>esquadra de Castela</i>, não tirando proveito da surpresa. A batalha suspende-se, atribuindo-se ambos os contendores a vitória: os ingleses, pois o Duque não conseguira realizar qualquer desembarque (como julgavam e temiam) na ilha de Wight, nem atingir Southampton e Portsmouth, os Espanhóis porque o caminho de Flandres continuava aberto.</p> <p>O encontro terminara com dano para ambos os combatentes. A <i>Santana</i> teve de ir procurar abrigo no Havre, onde encalhou.</p> <p>Renovam-se os pedidos do duque de Medina Sidónia ao de Parma para que estivesse a postos.</p>	<p>Sendo mal conhecidas as paragens de ilha de Vize (=Wight) o duque não ordena a perseguição.</p> <p>Pedro de León é mandado ao Farnésio com novos recados.</p>			
5	<p>Bom tempo. Hawkins e Frobisher são armados cavaleiros, em nome da rainha e a bordo do <i>Ark Royal</i>, por lord Howard.</p> <p>As esquadras passam defronte de Beachy Head.</p>	<p>O piloto Domingo de Hagua é enviado ao Vice-Rei pedindo munições de artilharia e 40 barcos ligeiros (<i>phelipotes</i>) para se tentar a perseguição do inimigo. Renovam-se as instâncias para que as tropas de embarque estejam prontas em Dunquerque.</p> <p>Refresca mais o tempo ao pôr do sol. A <i>Armada</i> encaminha-se para Calais.</p>			
6	<p>Tempo instável. Às 10 da manhã avista-se a costa francesa nas alturas de Bolonha e a inglesa entre Rye e Dungeness.</p> <p>A <i>Armada</i> começa a sentir o efeito da violência e do choque das correntes que vêm do mar do Norte ou a ele afluem e se estrangulam no canal de Douvres. A situação torna-se mais precária ainda com a vizinhança dos traiçoeiros bancos e baixios do cabo Gris Nez. O estado material e moral das tripulações é lamentável e por isso a <i>Invincível</i>, mudando de</p>	<p>À vista de Bolonha, e às 4 da tarde da rada de Calais. Reune o conselho, opinando a maioria porque se não entre. Os pilotos consultados informam que a força da corrente costeira obrigará a <i>Armada</i> a passar o estreito e a dirigir-se para o Mar da Noruega (= do Norte), portanto a desviar-se de Dunquerque. É resolvido ancorar em Calais.</p>		<p>Aguaceiros e tempo coberto. Avista-se a costa de França na altura de Bolonha. O inimigo continua a perseguição mantendo a distância de 3 milhas. O Duque determina aproar a Cales (= Calais) fundeando a esquadra neste ancoradouro às 6 da tarde e outro tanto fazendo o inimigo, a quem se juntou João Ades (= Hawkins) chegado de Doubla (= Douvres) com 38 navios. A noite passa-se calmamente.</p>	<p>A <i>Armada</i> refugia-se em Cales (= Calais) onde é bloqueada pelas esquadras inimigas (200 navios grandes e pequenos).</p>



Dias	A	B	C	D	E
7	<p>rumo, vai fundear, com muito mar, em Calais, expedindo-se novos recados ao Farnésio. Pelo entardecer toda a coligação anglo-holandesa (186 navios) bloqueia a esquadra católica (118).</p> <p>Ataque dos brulotes ingleses. Os espanhóis cortam as amarras e entram no Pas-de-Calais. Na confusão da fuga a <i>S. Lourenço</i>, depois de chocar com o <i>S. Juan de Sicilia</i>, dá à costa onde é tomada pelos ingleses depois de heróica defesa.</p>			<p>O alvorecer é calmo piorando o tempo às 5 da manhã.</p> <p>Chega, vindo de Dunquerque, D. Rodrigo Telo, com cartas do Parma. O Duque manda a terra comprar mantimentos e remédios. Ao Farnésio é expedido Jerónimo de Arceo instando pelo envio dos <i>phelipotes</i>.</p> <p>À meia noite os Ingleses atacam a esquadra com oito brulotes «duró hasta bien de dia, sin hacer mas daño del desalojar nuestra armada».</p> <p>Na fuga, o navio de D. Hugo de Moncada (<i>S. Lourenço</i>) sofre avarias irremediáveis indo encalhar na praia.</p>	<p>Os Ingleses mandam contra a <i>Invençível</i> 7 brulotes. Os católicos fogem em grande confusão.</p>
8	<p>As esquadras de Filipe passam defronte de Gravelines, dispostas em crescente e prontas a dar combate aos Ingleses que avançam em flecha, à esquerda Drake e Hawkins, ao centro o Lord Almirante e Frobiser, à direita Winterne e Seymour.</p> <p>De madrugada os isabelinos assentaram no plano de combate: o ataque seria desencadeado pelo centro, a ala esquerda atacaria de flanco e a direita, constituída por unidades frescas, daria o golpe mortal. A acção não se desenvolveu conforme o planeado. A irrefreável cobiça de Howard deslocou o centro, em perseguição da <i>Regaçona</i>, entrando as alas em batalha sem a preparação que competia ao Conde-Almirante e a Frobiser. O esforço das duas azes britânicas não conseguiu deslocar a formação dos católicos.</p> <p>O encarniçamento de parte a parte não esmoreceu durante todo o dia, mas para a tarde os britânicos tiveram de abandonar o local da batalha, pois a tática de manter o fogo em ritmo acelerado, dera</p>		<p>O <i>S. Martinho</i>, que conseguira ancorar, vendo o inimigo aproximar-se, levanta ferro em busca da <i>Armada</i> a fim de a dispor para o combate. O vento soprando de NO apressa a marcha de ambos os partidos. Os pilotos flamengos expõem ao Duque o perigo da derrota, com os bancos de Dunquerque à vista. O Almirante resolve então fazer meia volta e ir ao encontro do inimigo. O <i>S. Martinho</i> combate durante 7 horas. O <i>S. Marcos</i> refugia-se em Calais.</p> <p>A luta generaliza-se rapidamente empenhando-se nela 12 das mais poderosas unidades dos católicos. O trabalho de salvação das tripulações do <i>S. Mateus</i> e do <i>S. Filipe</i> faz-se à custa de enormes esforços. O Duque tenta ainda impedir aos Ingleses a saída do Pas de Calais; os práticos dissuadem-no mostrando-lhe os perigos da costa flamenga.</p>	<p>A <i>Armada</i>, que pairava a 2 léguas de Cales, tenta regressar ao porto a fim de recolher as amarras cortadas na véspera à noite. A manobra deixa ficar isolados os navios do Duque e de Oquendo e os galeões <i>S. Marcos</i>, <i>S. Juan Bautista</i> e <i>S. Mateus</i> e contra eles se encarniçam os ingleses durante 9 horas. O <i>S. Martinho</i> sofre gravíssimos danos e perde muita gente. O <i>S. Filipe</i>, que transportava o terço de Entre Douro e Minho (D. Francisco de Toledo), luta bravamente com 16 navios inimigos perdendo em pouco tempo para cima de 200 homens de tripulação e de guerra. Acorre D. Diogo Pimentel (<i>São Mateus</i>) que se vê logo a braços com 10 barcos ingleses que o assediam de perto. Outras unidades espanholas vêm em socorro tornando-se a luta encarniçada e sanguinolenta. Fusilando-se sempre, os dois partidos passam entre Dobra e Cales e com vento OSO entram no Mar da Noruega. O <i>S. Filipe</i> defende-se com bravura primando os arcabuzeiros e bombardeiros na</p>	<p>Os britânicos procuram atirar o inimigo de encontro aos bancos da costa. No combate perdem-se o <i>S. Filipe</i> e o <i>S. Mateus</i>.</p>



Dias	A	B	C	D	E
	<p>em resultado o esgotarem-se as munições.</p> <p>As esquadras espanholas, sem âncoras para lançar amarras, na iminência de darem à costa em Dunquerque, com a gente da manobra morta ou ferida, aproveitaram o descanso forçado dos adversários e entraram resolutamente no Mar do Norte, aproando ao North Foreland. A maioria decidira tal atitude apesar dos desesperados apelos de Oqueendo, Recalde e Leyva. Voltando as costas à Flandres desistia-se para sempre do projecto de desembarque na Inglaterra.</p> <p>Tinham-se perdido os navios <i>Regaçona</i>, <i>S. Filipe</i>, <i>S. Mateus</i> e <i>S. Marcos</i>.</p>			<p>resistência e no insulto aos Britânicos «llamándoles cobardes, intimando con palabras feas su poco ánimo, llamándoles gallinas, luteranos y que volviesen a la batalla». Afundou-se às 7 da tarde sendo assistido pela urca <i>Doncella</i>. A mesma sorte padecera o <i>S. Mateus</i> uma hora antes.</p> <p>Entretanto a <i>Armada</i> beirava os bancos da Flandres, sob a vigilância dos Ingleses e dos Holandeses; a nau <i>Maria Juana</i> abriu água e foi para o fundo com perto de 300 pessoas.</p>	
9 e segs.	<p>Temporal no mar do Norte. A <i>Armada</i> foge em frente do tempo em direcção à Escócia. Os Ingleses apoderam-se dos retardatários mas não vão além do Firth of Forth pela carência completa de munições e mantimentos. Desorientação no comando das esquadras britânicas e no Conselho da Coroa. Os católicos hibernarão na Dinamarca ou na Noruega para regressarem na primavera? Deve a Inglaterra manter a aparelhagem bélica a postos (Walsyngham)? Critica-se Howard por não ter sabido explorar a fundo a situação.</p>		<p>Pela madrugada o tempo refresca. O <i>S. Martinho</i>, desaparelhado, descai sobre a costa de Gelandia (= Zelândia). De manhã vêm sobre ele 109 velas inimigas sendo socorrido por outros navios. A <i>Armada</i>, levada pelas correntes, deriva sobre os bancos da Zelândia. Os pilotos consideram-na perdida. A sonda acusa 6 braças quando o vento roda para OSO salvando os católicos de morte certa. Resolve-se definitivamente não voltar ao Canal, verificado o estado da <i>Armada</i> e o silêncio do Parma.</p>	<p>Mantém-se a perseguição do inimigo. A <i>Invincível</i> deriva sobre os bancos «para sin redención perderse, y sin esperanza de escapar de las manos del enemigo». O vento roda bruscamente desviando os católicos dos baixios. Reunião a bordo do <i>S. Martinho</i> à qual concorrem D. Alvaro de Leiva, Recalde, Oquendo, D. Francisco de Bobadilla, mestre de campo general, e Diogo Flores de Valdês assentando-se no regresso à Espanha «por Inglaterra, Escócia, Irlanda y sus islas, derrotas de setecientos y cincuenta lenguas por mares bravos y de nosotros poco conocidas».</p>	<p>A <i>Armada</i> sai do Canal; até à costa da Irlanda sofre tempestades que a desorganizam; perdem-se muitos barcos.</p>
10			<p>De manhã vento fresco e muito mar. À tarde amaina a ventania. Os Ingleses atacam a retaguarda.</p>	<p>A <i>Armada</i> navega no rumo de Noruega.</p>	
11			<p>Vento fresco. O inimigo aproxima-se As duas esquadras pairam espiando-se mutuamente.</p>	<p>Os católicos bordejam a costa escocesa na latitude 54°. Os Ingleses seguem-nos muito distanciados. O Duque ordena a punição de vários capitães acusados de pusilanimidade e cobardia durante o combate de Gravelines (dia 8).</p>	
12			<p>Amanhecem as duas armadas na mesma posição. Pela tarde os Ingleses começam velejando em direcção à costa e perdem-se de vista ao anoitecer.</p>		
13 e segs.			<p>A <i>Invincível</i> singra em direitura ao canal da Noruega.</p>	<p>É dada ordem para racionar os comestíveis. Névoa e aguaceiros. A <i>Armada</i> divide-se em pequenas formações.</p>	

Dias	A	B	C	D	E
19				Perdem-se o <i>Rata</i> e o <i>San Juan de Sicilia</i> .	
20 e segs.	Os restos da <i>Armada</i> passam entre as Orcadas e as Shetlands. As tripulações padecem os rigores da temperatura. Nevoeiros e granizo. Desgarram-se pequenas unidades, sós ou em grupos, de que não há mais notícia. A urca <i>Gran Grifon</i> dá à costa na ilha de Fair com perda quase total de vidas. Três navios refugiam-se no Sound of Mull; um deles afunda-se perto de Lochaline e outro defronte de Salen. O terceiro, a célebre <i>Florência</i> , vai a pique na baía de Tobermory.		Passando ao largo das ilhas mais setentrionais da Escócia, e com ventos de NE, a <i>Armada</i> aproa à Espanha.		
22				Encontram-se 3 navios alemães que vêm a Lisboa.	
24 e segs.				«Tormentas, neblinas y aguaceros».	
Setembro 4	Já na costa ocidental da Irlanda outros vinte cinco naufragam nas praias do Connaught, em Tralee, na baía de Sligo e em Dunluce Castle, perto da célebre <i>Calçada dos Gigantes</i> .			Avista-se a costa da Irlanda.	
14				Passa-se ao largo do cabo de Clara (= Clarence).	
18	Têm chegado aos portos espanhóis perto de cinquenta navios.				
19	Temporais na Biscaia dificultam o regresso das esquadras.				
20	O <i>S. Martinho</i> entra em Santander.				
21				Avistam-se os montes de San Cebrían junto a Trueros.	
23				Entra no porto de Santander o navio de Calderon.	
Outubro					O <i>S. João</i> acolhe-se no porto de Corunha.

*Acabou de imprimir-se aos trinta de  
Junho de mil novecentos e quarenta  
e sete, no Regueirão dos Anjos, 68  
Lisboa / Telefone P. B. X. 4 3258*